

CRISTIANO SIMON, PRESIDENTE EXECUTIVO DA ANDEF: "A PRORROGAÇÃO DA LEI DE EMBALAGENS VEIO EM BOA HORA"

Alerta total para driblar os inimigos do trigo  O algodão reluz como ouro no Mato Grosso

JULHO/2001 - Nº 631 - ANO 57 - R\$ 6,00
www.agranja.com

PORTE PAGO

DR/RS
ISR-49-0399/81

a granja

A REVISTA DO
LÍDER RURAL

NOVA
FRONTEIRA
AGRÍCOLA:

A CONQUISTA DA QUALIDADE

REVOLUÇÃO
NO SETOR
DE SEMENTES


EDITORA
CENTAURUS

CHEGARAM AS PLANTADEIRAS ASM SÉRIE I200.



**PLANTIO COM ABSOLUTA
PRECISÃO, PLANTIO CASE IH.**



A Case IH está lançando as Plantadeiras ASM Série I200, o mais preciso sistema de plantio do mercado. Seu avançado sistema de plantio a vácuo permite a utilização em vários tipos de cultura, além de garantir maior velocidade e uniformidade tanto no espaçamento quanto na profundidade da semente. O resultado é uma emergência mais rápida e uniforme para

you extract the maximum productivity of your work. Know your distributor the unbeatable precision of the Plantadeiras ASM Série I200. And leave the competition planted behind.

CASE IH

Soluções avançadas, soluções Case IH.

Realinhamento necessário

O nome da ANDEF está bastante associado ao de Cristiano Walter Simon, presidente executivo, cargo ocupado há dez anos. Uma ligação que envolve a dedicação “de corpo e alma” iniciada há nada menos que 15 anos. Esse engenheiro agrônomo formado pela Esalq/USP, em 1965, pode sim, com certeza, ser citado como um dos principais responsáveis pelas conquistas e pelo reconhecimento nacional e internacional alcançados pela associação. É com orgulho que menciona o esforço da ANDEF e das empresas associadas no desenvolvimento de soluções necessárias ao problema das embalagens no Brasil, programa que está sendo implantado em vários Estados e que inclusive hoje é exemplo para outros países. Por meio de ações educativas e de treinamento direcionados ao homem do campo, “a ANDEF tem contribuído decisivamente”, destaca o executivo, “para a redu-

ção dos casos de intoxicação dos agricultores, com a disseminação das práticas de uso correto e seguro dos defensivos agrícolas”. Quando o assunto é a tendência de fusões e incorporações de empresas, Simon é taxativo: “Estamos diante de tendências de amplitude mundial, que vêm exigindo níveis de investimento e especialização somente alcançados mediante essas fusões e incorporações”. Esse executivo de primeira linha, que tem passagens por empresas como Hoechst do Brasil e Dow Química e Dow Chemical (esta nos Estados Unidos), ainda mantém ativa participação em outras áreas dos agronegócios, como vice-presidente da Associação Brasileira de Agribusiness (Abag) e membro do Conselho Diretor da Lacpa – Associação Latino-Americana de Proteção de Plantas –, além de integrar o Conselho Curador da Fealq – Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz.



Divulgação

Cristiano Walter Simon, presidente da Associação Nacional de Defesa Vegetal (ANDEF): “O governo federal demonstrou sensibilidade diante de uma questão que estava preocupando seriamente todos os envolvidos”

A Granja – A nova legislação para a regulamentação da destinação final de embalagens vazias de defensivos agrícolas, a Lei 9.974 e o Decreto 3.550, que deveria entrar em vigor em junho deste ano, foi prorrogada em um ano. A medida vem em boa hora? E por que essa resolução foi tomada?

Cristiano Walter Simon – Com a promulgação do Decreto 3.828, de 31 de maio de 2001, o governo concedeu um novo prazo “para a estruturação adequa-

da no tocante às operações de recebimento, recolhimento e destinação de embalagens vazias e produtos” de que trata o Decreto 98.816, alterando os artigos 119-B e C. A nova redação referente ao artigo 119-C especifica que “as empresas titulares de registro de agrotóxicos ou afins deverão apresentar, até 30 de novembro de 2001, aos órgãos federais dos setores de agricultura, saúde e meio ambiente, modelo de rótulo e bula atualizados, atendidas suas diretrizes e exigên-

cias”. Entendo que a medida veio realmente em boa hora no sentido de atender às necessidades dos segmentos envolvidos, uma vez que não houve tempo suficiente para setores como o de distribuição, por exemplo, ajustar-se às exigências da legislação. É bom que se diga que a ANDEF e suas empresas associadas já vêm trabalhando nesse assunto há mais de dez anos, com um programa de instalação de unidades de recebimento de embalagens em todo o país e, inclusive,

HONDA
The Power of Dreams



O TRX 350 Fourtrax da Honda chegou para mudar a vida de quem trabalha no campo. Ele é forte, ágil e fácil de
• câmbio com embreagem semi-automática para serviço extrapesado • tração nas 4 rodas (versão 4x4) • partida

· Cotac 11-47273939 · Bragmoto 11-40330556 · Sanmel 13-32221808 · Sperta 18-6423354 · Corujonda 42-2225678 · Alpina 21-6426100
· Junal 27-2006600 · Rafa 33-33217200 · Antares 92-6131800 · Covet 67-7216446 · Magril 62-3072230 · Pollux 61-3404225

com um projeto de reciclagem em pleno funcionamento e outros em avançado estágio de estudo.

P – As empresas realmente encontraram dificuldades e tiveram pouco tempo para se adaptarem às novas regras? Por quê? Quais foram as principais dificuldades atravessadas no período de adaptação?

R – A decisão governamental vai além do universo das empresas, pois, como bem o escreveu o secretário executivo da Associação Nacional dos Distribuidores de Defensivos Agrícolas, o engenheiro agrônomo Henrique Mazotini, a prorrogação em um ano é um realinhamento necessário para que todos os atores, ou seja, o agricultor, os comerciantes, a indústria e também o próprio poder público tenham o tempo suficiente para o cumprimento da nova legislação. O governo demonstrou sensibilidade diante de uma questão que estava preocupando seriamente todos os envolvidos.

No caso dos distribuidores, por exemplo, não houve tempo para aparelhamento de uma rede que conta com cerca de 10 mil integrantes em todo o país. Se as condições ainda não estavam ajustadas às

“Discutimos o assunto e chegamos à conclusão de que o novo prazo é mais do que suficiente para o atendimento das exigências da lei”

exigências da entrada em vigor da lei, a data de 31 de maio de 2001 serviu para acender a luz vermelha no caminho dos distribuidores, que a partir de agora obtiveram um sinal verde a ser interpretado como um voto de confiança do governo no trabalho que já vem sendo feito para atendimento das demandas. Há razões claras para promulgação de um decreto com semelhante teor.

P – O prazo de um ano, na sua opinião, será suficiente para essa adaptação?

R – Em recente reunião do Comitê de Gerenciamento de Embalagens da ANDEF, nós discutimos o assunto e chegamos à conclusão de que esse novo prazo é mais do que suficiente para o atendimento das exigências da lei. Além disso, decidimos intensificar nosso programa que está investindo neste ano de 2001 cerca de R\$ 6 milhões na construção de unidades de recebimento, no treinamento de pessoal e no desenvolvimento de projetos de reciclagem dos materiais, muitos dos quais já em avançado estágio de realização. A parceria com a Metalúrgica Barra do Pirai já resultou no primeiro produto dessa nova fase, com a

confeção de barricas para incineração de resíduos industriais; caminham rapidamente os trabalhos em conjunto com a empresa Vasitex, de Guarulhos, para a reciclagem de embalagens rígidas de plástico, inclusive destinadas à fabricação das próprias barricas; estudos estão sendo realizados para a fabricação de madeira plástica, a ser utilizada como matéria-prima de mourões de cerca e “pallets”; trabalha-se ainda para alcançar o co-processamento de material plástico como fonte alternativa de energia em fornos de clínquerização de cimento.

P – O uso de embalagens hidrossolúveis é um exemplo de que as indústrias estão investindo em tecnologia de ponta... Que novos materiais estão sendo usados e qual o montante de recursos que vem sendo investido em pesquisas e desenvolvimento?

R – A indústria investe no Brasil, em pesquisa básica e aplicada e no desenvolvimento experimental de produtos e embalagens, em torno de US\$ 50 milhões anuais. Eu considero a embalagem hidrossolúvel como o mais avançado exemplo da preocupação da indústria em oferecer ao usuário produtos cada vez mais seguros.

P – De que forma os fabricantes estão dando a sua contribuição para o futuro cumprimento das novas regras? O que é de responsabilidade das indústrias de defensivos agrícolas?

R – Com a publicação da Lei 9.974, que deu nova redação à Lei 7.802, as empresas fabricantes passaram a ter papel fundamental no que diz respeito à destinação final das embalagens vazias dos produtos por ela fabricados. Essa destinação final, como preconizada pelo legislador, dá-se por três métodos diferentes: a reutilização da embalagem no mesmo processo fabril, ou seja, a embalagem volta à origem para que o fabricante a utilize novamente para embalar o mesmo produto outrora vendido; a reciclagem para fabricação de artefatos permitidos pelos órgãos competentes, como por exemplo conduítes corrugados; e finalmente a destruição da embalagem vazia por meio de incineração em fornos industriais licenciados para o processo. Mas a responsabilidade do fabricante vai além: cabe a ele oferecer embalagens que possam facilitar as operações de lavagem, a retirada das embalagens vazias devolvidas pelos usuários nos pontos de rece-

bimento e a implantação de programas educativos e mecanismos de controle e estímulo à devolução das embalagens vazias por parte dos usuários, em colaboração com o poder público, de acordo com o parágrafo único do artigo 19.

P – E o que é de responsabilidade do revendedor e do produtor?

R – Na ocasião da venda, o revendedor deve informar ao agricultor o local onde as embalagens vazias devem ser devolvidas, instruindo-o sobre como preparar, armazenar e transportar as embalagens vazias até a unidade de recebimento. O agricultor deve guardar em seu poder a nota fiscal e a receita agrônômica e deve separar as embalagens laváveis das contaminadas e das não-contaminadas, guardá-las temporariamente na propriedade e devolvê-las posteriormente na unidade de recebimento indicada pelo revendedor.

P – O que diferencia as embalagens laváveis das contaminadas e das não-contaminadas?

R – As embalagens laváveis são aquelas feitas de plástico duro, lata ou vidro e normalmente contêm produtos que devem ser diluídos na água antes de serem pulverizados na lavoura. São embalagens que devem passar pelo processo de tripla lavagem ainda no campo, antes de serem armazenadas para posterior envio à unidade de recebimento. As contaminadas são aquelas que entram em contato direto com o produto e não podem ser lavadas. São feitas de material flexível, como saquinhos plásticos, sacos de papel, sacos plásticos metalizados, ou mistas. Temos também as embalagens de produtos com formulação de pronto uso, formulação de ultrabaixo volume (UBV) ou usada para tratamento de sementes, que normalmente são não-laváveis e contaminadas.

P – O produtor tem consciência das mudanças e das responsabilidades que lhe cabem? E mais, das vantagens e perigos de se lidar com defensivos?

R – Essa questão das embalagens mostrou claramente o grau de conscientização dos agricultores brasileiros quanto ao uso dos produtos fitossanitários. E nós, da ANDEF, sentimos isso claramente, em virtude da enorme demanda por informações e orientações dirigidas à nossa diretoria de projetos ambientais, à nossa área de comunicação e à nossa página na Internet. Com a legislação das embalagens, eles perceberam que a preocupação com o uso correto e seguro abrange os cuidados com os recipientes vazios, que não podem ser descartados sem quaisquer parâmetros, representando um perigo ao ambiente e à saúde hu-

mana e animal. A Lei 9.974 e o Decreto 3.550 definem responsabilidades cujo não-cumprimento implica em penalidades previstas na lei de crimes ambientais, como multas e até pena de reclusão.

P – Os fabricantes têm feito algum trabalho de esclarecimento junto ao produtor rural? Que tipos de ações estão sendo desenvolvidas?

R – Há mais de dez anos que a ANDEF e suas associadas desenvolvem campanhas de esclarecimento, ensinando o agricultor a realizar a tríplice lavagem, com orientação sobre a forma de enxaguar, a deposição dessa água de lavagem no tanque do pulverizador, a perfuração da embalagem para evitar reutilização e sobre como guardar as embalagens.

P – Na sua opinião, a lei vem em bom momento ou com um certo atraso? Essas mudanças são imprescindíveis para o setor?

R – A lei chegou em um momento bastante oportuno, se levarmos em consideração que a indústria e seus parceiros já possuem hoje conhecimento e estrutura para solucionar os problemas. Sabemos, com segurança, o que deve ser feito no campo, na armazenagem, na logística do transporte e estamos caminhando a passos largos para alcançar as soluções de destinação final possíveis. Entre essas, ressalta-se, como exemplo, a produção de conduítes corrugados com o plástico, que vem sendo realizada na recicladora Dinoplast, no município de Louveira, São Paulo.

P – Existe algum levantamento que quantifique ou ilustre os prejuízos causados pela má destinação das embalagens?

R – Não possuímos um levantamento qualitativo do problema, mas nós, da indústria, temos consciência dos potenciais de risco envolvidos na questão, em virtude da quantidade de embalagens presente no campo.

P – Para que as novas normas atinjam o objetivo proposto, com eficiência, o que é preciso ajustar? A integração deve envolver todas as pontas da cadeia produtiva?

R – Em primeiro lugar, há necessidade de que os atores envolvidos na história continuem com o mesmo ímpeto e a mesma preocupação de resolver o problema que vinham demonstrando anteriormente, de modo que possam estar preparados para atender às exigências legais no próximo ano. Nós, da indústria, intensificaremos nossas ações e esperamos que os outros segmentos sigam o mesmo caminho.

P – Podemos afirmar que a palavra de ordem para este novo milênio é a produção de defensivos com baixos

índices de toxicidade?

R – Com certeza. Na década de 60, era necessário sintetizar cerca de 4 mil compostos e desses apenas um conseguia chegar ao mercado, num prazo de avaliação entre quatro e cinco anos. No início da década de 90, essa proporção era de um produto comercial para 20 mil sintetizados para um período de avaliação entre oito a dez anos, significando que as chances de sucesso diminuíram e o tempo de pesquisa e desenvolvimento ampliou-se, a tal ponto que hoje a proporção chega a ser de um produto para 150 mil sintetizados.

P – Em relação a essa produção, como está o Brasil em comparação a outros países mais preocupados com a questão de baixos índices de toxicidade?

R – A preocupação com a segurança dos produtos fitossanitários há muito deixou de ser algo que preocupa mais a um determinado país do que a outro, tendo em vista que o mercado globalizado exige do produto agrícola, inclusive com a aplicação de análise por rastreabilidade, níveis de qualidade primorosos. Esse grau de excelência, por sua vez, somente pode

ser alcançado pela utilização de produtos que ofereçam redução expressiva quanto ao grau de toxicidade combinado a doses cada vez mais reduzidas, fatores que têm influência direta no menor impacto ambiental e na qualidade do alimento produzido.

P – Indo mais adiante, como o senhor analisa o crescimento de mercado de produtos orgânicos?

R – A produção orgânica preenche um nicho de mercado bastante específico, mas dificilmente chegará a competir com a produção tradicional em virtude de uma série de limitações que enfrenta e que, inclusive, faz com que o preço do produto orgânico seja no mínimo 40% mais caro que o produto convencional.

P – O famoso manejo integrado de pragas (MIP) resulta em uma redução significativa no uso de defensivos. A ANDEF foi uma das primeiras entidades a apoiar tal iniciativa? Por quê?

R – No Brasil, a ANDEF passou a incentivar pioneiramente o uso do manejo integrado por entender o seu alcance e sua importância para a produção sustentável. Mesmo considerando toda a gama de novas tecnologias disponíveis, di-

ficilmente podemos resolver os problemas do controle fitossanitário com medidas isoladas ou independentes. A agricultura intensiva praticada nos dias atuais – e no futuro – precisa integrar todos os métodos disponíveis, para a maximização de resultados. E isso é a função primordial do controle integrado de pragas, doenças e plantas invasoras. A Organização Europeia de Defesa Vegetal definiu o controle integrado como sendo o emprego de todos os métodos econômica, ecotoxicológica e toxicologicamente justificáveis, para manter as pragas abaixo de níveis econômicos de dano, com ênfase no uso deliberado de agentes naturais de controle e de medidas preventivas. O objetivo é utilizar todos os fatores que limitem a ocorrência das pragas, a começar por medidas culturais e biológicas, complementando com produtos químicos, com modo de ação específico. Nesse caso, os produtos só deverão ser

aplicados se as infestações apresentarem níveis que excedam os limites que possam provocar danos econômicos.

P – O Brasil, na condição de um dos maiores produtores de grãos, pode ser considerado um mercado altamente potencial

para o setor de defensivos?

R – O Brasil é um dos mais importantes produtores agrícolas do mundo, com enorme potencial a desenvolver, e os defensivos agrícolas certamente continuarão dando sua contribuição como um dos insumos essenciais à defesa vegetal. Hoje, inclusive, o setor de defensivos agrícolas está presente no que chamamos de Manejo Integrado de Culturas, uma evolução, em relação ao Manejo Integrado de Pragas (MIP), que pode ser definida como a produção econômica de culturas de alta qualidade, com prioridade para métodos de cultivo ecologicamente seguros, minimizando efeitos secundários indesejáveis e utilizando produtos fitossanitários que garantam a salvaguarda da saúde humana e a preservação do ambiente. O Manejo Integrado de Culturas é a base moderna de uma agricultura sustentável.

P – Qual a expressão econômica do setor de defensivos no Brasil?

R – No ano 2000, o setor de defensivos movimentou negócios da ordem de US\$ 2,5 bilhões, no mercado doméstico, e US\$ 250 milhões em exportações a países dos cinco continentes. ■

“No ano 2000, o setor de defensivos movimentou US\$ 2,5 bilhões, no mercado doméstico, e US\$ 250 milhões em exportações”



**EDITORA
CENTAURUS**

DIRETOR-PRESIDENTE
Hugo Hoffmann

agranja

MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1526
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
fone/fax (51) 3233-1822
e-mail: mail@agranja.com
home page: http://www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473, 10º andar
CEP 01045-001, São Paulo/SP
fone/fax (11) 220-0488 / (11) 220-0686
e-mail: granjasp@osite.com.br
home page: http://www.agranja.com

GERENTES EXECUTIVOS

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editoria
Adriana Langon
Reportagem
Ana Esteves e Luciana Radicione
Revisão

Rosana Carlessi

Colaboradores desta edição

Cleide Vilela, Décio Godoy, Emerson
Urizzi Cervi, José Renato de Almeida
Prado e José Maurício de Toledo Murgel

Diagramação

Renato Fachel

Editoração

Jair Marmet

CIRCULAÇÃO

Amália Severino Bueno

ASSINATURA EXTERNA

Raquel Marcos

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo - José Geraldo Silvani Caetano
(gerente) e Rodrigo Martelletti (contato)
Porto Alegre - Cristina Centeno
(gerente RS/SC)

REPRESENTANTES

Rio de Janeiro - Lobato Propaganda e
Marketing Ltda., Rua Teófilo Otoni, 15/913,
Centro, CEP 20090-080, Rio de Janeiro/RJ,
fone (21) 554-8666, fax (21) 283-1661,
celular (21) 9958-2869,
e-mail: sidney.lobato@ig.com.br

Minas Gerais - José Maria Neves,
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222,
conj. 105, Luxemburgo, CEP 30380-530,
Belo Horizonte/MG, fone/fax (31)
3297-8194, fone (31) 3344-9100,
celular (31) 9993-0066,
e-mail: jmneves@uai.com.br

Brasília - Mídia Real Publicidade Ltda.,
SCLN 302, bloco C, sala 104, CEP 70723-
530, Brasília/DF, fone (61) 326-1271, fone/
fax (61) 328-0456, celular (61) 9975-2442,
e-mail: midia.r@terra.com.br

Brasília - Mídia Real Publicidade Ltda.,
SCLN 302, bloco C, sala 104, CEP 70723-
530, Brasília/DF, fone (61) 326-1271, fone/
fax (61) 328-0456, celular (61) 9975-2442,
e-mail: midia.r@terra.com.br

Convênio editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora
Centaurus, registrada no DCDP sob
nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade,
Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1526, CEP 90150-004,
Porto Alegre/RS, fone/fax (51) 3233-1822.
Exemplar atrasado: R\$ 6,50

NESTA EDIÇÃO

14 SEMENTES: as grandes mudanças de conceitos no setor

27 REDBIO'2001: em pauta, a polêmica dos transgênicos

28 TRIGO: os principais inimigos da lavoura

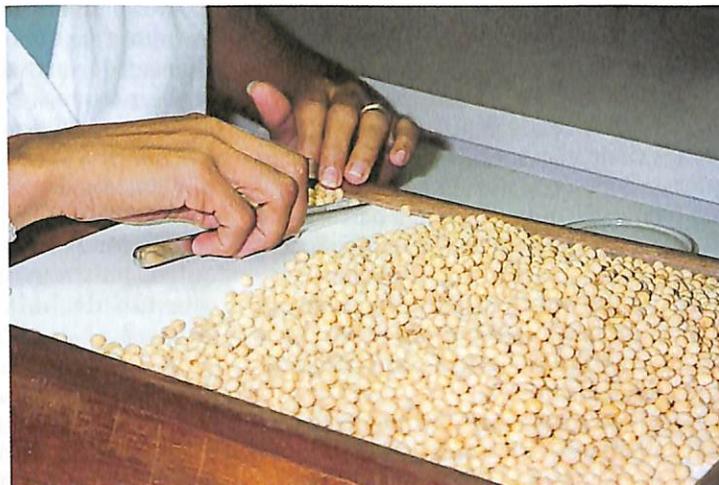
36 DIA DE CAMPO: a expansão do algodão no MT

40 TELEFONIA RURAL: segmento atravessa período de estagnação

44 CANA-DE-AÇÚCAR: usinas utilizam o bagaço na geração de energia elétrica

47 FRUTICULTURA: Rio de Janeiro é o mais novo pólo de produção irrigada

53 REVISTA CHACRA: fique por dentro do que é notícia na Argentina



Adriana Langon



A Granja

55 PLANTIO DIRETO NEWS: o cultivo de cevada no Paraná

NOSSA CAPA

Nasce um movimento, rumo à qualificação, que está impulsionando novos horizontes no setor de sementes. Cada vez mais, empresas nacionais, multinacionais e produtores caminham na mesma direção. Direção essa, voltada à valorização de conceitos como a fiscalização e a certificação

SEÇÕES

Aconteceu	9
Aqui Está a Solução	10
Cartas, Fax, E-Mails	12
Eduardo Almeida Reis	13
Pastagens	50
Agricultura & Meio Ambiente	54
Agribusiness	58
Flash	62
Biotechnology	64
Novidades no Mercado	65
Ponto de Vista	66



“O grupo de países ricos, conhecido pela sigla OCDE, gasta US\$ 380 bilhões por ano em subsídios para a agricultura. Isso é um escândalo. Ainda mais se pensarmos que as pessoas mais paupérrimas, nos países mais pobres, vivem no campo e não podem nem sonhar em exportar. Se quisermos que o processo de globalização beneficie os mais pobres, teremos de mudar isso.”

Horst Koehler – diretor-geral do Fundo Monetário Internacional – FMI

Aqui e lá

“Os Estados Unidos possuem apenas 2,19 milhões de produtores rurais. Ou seja, menos de 1% da população americana. No Brasil, há mais de 5 milhões de produtores, ou seja, 3% da população.

No ano passado (2000), a agricultura americana gerou US\$ 45,4 bilhões, enquanto os pagamentos diretos do governo aos produtores atingiram US\$ 25,6 bilhões. O governo americano, garantiu, portanto, em 2000, o equivalente a 56,38% da renda dos agricultores.

Como conseguiram isso? Entre outras coisas, por serem excelentes lobistas.

Aqui, ninguém faz lobby melhor do que o MST.”

Marcos Jank – atualmente professor visitante da Universidade de Georgetown

O outro lado da moeda

“Biodiversidade não é riqueza: pode ser uma adversidade, pois a floresta tropical encerra tanto remédios como doenças. Para que a biodiversidade se torne riqueza, são necessários investimentos e tecnologia.”

Roberto Campos – diplomata, escritor, ex-senador e ex-ministro do Planejamento

O avanço do Mato Grosso

Pelo terceiro ano consecutivo, a liderança nacional da soja ficou com o Mato Grosso.

O Rio Grande do Sul ainda é o primeiro Estado em produção de arroz. O Mato Grosso é o segundo, apresentando 1,8 milhão de toneladas.

A passagem para a liderança é apenas uma questão de *timing*, pois consegue produzir bem mais barato e com novas variedades de agulhinha, em terras cultivadas sem irrigação.

O Mato Grosso, em quatro safras sequenciais, colocou-se em primeiro lugar na produção de algodão e já possui o terceiro rebanho de bovinos do país, algo ao redor de 18/19 milhões de cabeças.

A vocação agrícola do Mato Grosso tem sido estimulada ultimamente pela integração governo/iniciativa privada. Assim, por exemplo, a espetacular posição em termos de algodão deu-se principalmente pela isenção de até 75% do ICMS.

A força da pesquisa no Mato Grosso

A Fundação MT quebrou os pratos com a Embrapa. Agora, toda pesquisa é própria. No momento, está desenvolvendo uma soja com cinco grãos na vagem.

Se conseguir, irá merecer um “Oscar” ou um prêmio Nobel.

O Brasil plantou soja transgênica?

Seguramente, o Rio Grande do Sul plantou, e muita.

As apostas vão de 10% a 50%.

No RS, a soja dá um salto de 40%

Sorte e tecnologia fizeram a safra da soja deste ano atingir, provavelmente, mais de 40% sobre o ano de 2000, tudo isso na mesma área plantada. A mão carinhosa de São Pedro foi decisiva na obtenção de quase 7 milhões de toneladas, alcançando-se uma produtividade inédita de 2.326 kg por hectare. Os levantamentos ainda não são conclusivos, mas tudo indica uma produção recorde ao redor de 18 milhões de toneladas.

O latifundiário

Quem é o maior latifundiário do Brasil?

Se você acha que é o índio, acertou na mosca. O índio tem 11% de terras devidamente demarcadas no território brasileiro.

“Martes, 13”

“Martes, 13” (terça-feira, 13) do mês de março/2001, constitui a data ignominiosa, onde o governo argentino reconheceu oficialmente a presença da doença em seu rebanho bovino.

Em menos de 24 horas, Estados Unidos e Europa deixaram de comprar a carne-grife mundial com embalagem azul e branca, um pepino gigante.

A aftosa mandou para o freezer os planos argentinos de maior conquista nos mercados importadores de gado bovino.

Num cenário extremamente otimista, em um ano e meio, eventualmente, os Estados Unidos poderão voltar às compras. Numa visão mais realista, o período de “quarentena” das carnes argentinas e uruguaias será provavelmente bem mais espichado.

A Europa, mais conservadora, por certo levará mais tempo para degustar a carne bovina originária dos pampas argentinos.

Afinal de contas, para um rebanho de 50 milhões de cabeças, a Argentina, até o momento do fechamento desta edição, tinha oficializado 1.343 focos de febre aftosa, após ter obtido o carimbo da O.I.E há cerca de cinco anos, de zona livre sem vacinação. Já o Uruguai, há sete anos, tinha o orgulho de ostentar o mesmo status e hoje amarga 1.658 focos, numa população bovina de 10.500 cabeças.

E a posição do Rio Grande do Sul?

Bem, os gaúchos têm um rebanho de 12.500 unidades bovinas e ficaram durante pouco mais de um ano, juntamente com Santa Catarina, na privilegiada posição de área livre sem vacinação. Agora, com a aparição de 21 focos, essa posição foi revertida para “área infectada com vacinação”.

No entanto, como os focos são poucos e o gado ainda tem um residual de imunização, tendo sido novamente vacinado, os sul-rio-grandenses têm a esperança de que, após a segunda vacinação, os mercados de exportação deverão abrir suas portas.

O que deverá acontecer, possivelmente, ainda antes do mês de agosto próximo. 📰

Comércio de avestruzes

“Lendo a revista, interessei-me por uma reportagem que falava sobre a criação de avestruzes e gostaria de ter mais informações sobre esse mercado que parece tão promissor. Gostaria de saber o custo inicial do negócio, qual o principal mercado consumidor, enfim, todos os detalhes para quem está interessado em entrar nesse negócio.”

R

salmazo@mtv.com.br

— A criação de avestruz no Brasil é muito recente, e os primeiros criatórios surgiram em 1996. Atualmente, o Brasil conta com um plantel de 30 mil cabeças. Uma pesquisa mostrou que, se o avestruz atender a 0,3% do consumo per capita no Brasil, seria necessária uma produção de 36 milhões de quilos de carne. Como uma avestruz oferece 35 quilos de carne, seria necessário o aba-

te de 1.028.571 aves. Analisando o mercado daqui a oito anos, é possível constatar que o quadro é altamente positivo para a atividade em seus diversos segmentos. No caso das plumas, o mercado é favorável, já que o Brasil é o maior importador do mundo, com cerca de 40 toneladas por ano. No segmento couro, o nível de aceitação é muito grande, pois a matéria-prima é utilizada para produtos que atendem os consumidores de alto poder aquisitivo. O mercado de carne internacional absorve toda a produção disponível, com o preço do quilo podendo chegar a R\$ 110. Os preços terão sempre uma ótima cotação, devido às características de sua carne, com corte similar à carne

bovina, e também às suas qualidades de baixo nível de colesterol, calorias e gordura. Nos Estados Unidos, a carne é comercializada a US\$ 22 o quilo, e no Brasil, entre R\$ 70 e R\$ 85. Com a preocupação cada vez maior pela alimentação saudável, aliada à altíssima produtividade da carne, o avestruz se posicionou como um ótimo produto no mercado internacional. Toda a carne colocada no mercado é obtida a valores altamente atraentes, sendo comercializada por valores em torno de US\$ 25 a US\$ 150 o quilo nos mercados norte-americano, europeu e japonês. Estima-se que existam no Brasil cerca de 13 mil avestruzes, sendo que aproximadamente 8 mil estão concentradas em São Paulo. Outras informações, você pode obter junto ao www.portaldoavestruz.com.br.



A Granja

Canola

“Sou estudante e estou procurando material sobre a cultura da canola. Como posso ter acesso a esse material?”

Marcílio Fernandes

marcilio.marangoni@bol.com.br

R

— Caro leitor, a canola é utilizada para a fabricação de óleo vegetal e é considerada um dos principais produtos agrícolas do mundo, sendo a terceira oleaginosa produzida em escala mundial. No Brasil, o seu cultivo está

praticamente restrito ao Paraná e ao Rio Grande do Sul. Trata-se de uma cultura de inverno que substitui muito bem o trigo e tem comercialização garantida por parte das indústrias de óleo. Em comparação com o trigo, a canola pode ser um bom negócio, já que o custo de produção por hectare está estimado em R\$ 223, enquanto o do trigo está em R\$ 280. A produtividade média da canola chega a 1.700 quilos por hectare, e o preço ao produtor, a R\$ 200 a tonelada. O lucro obtido com a oleaginosa

gira em torno de R\$ 117 por hectare, sem considerar os custos de manejo. A exemplo de outras culturas de inverno, a canola exige alguns cuidados para evitar riscos com prejuízos. Por isso, os técnicos recomendam a diversificação do plantio com o milho safrinha e com o trigo. Desenvolvida no Canadá, a partir do melhoramento de variedades de colza, a canola foi adaptada ao consumo humano e hoje produz um óleo vegetal de excelente qualidade. O óleo possui um dos mais baixos teores de gordura saturada entre os óleos vegetais, o que o torna uma ótima alternativa para as pessoas com problemas de colesterol. Enquanto o óleo de soja tem 15% de gordura saturada, o óleo de canola tem apenas 6%.

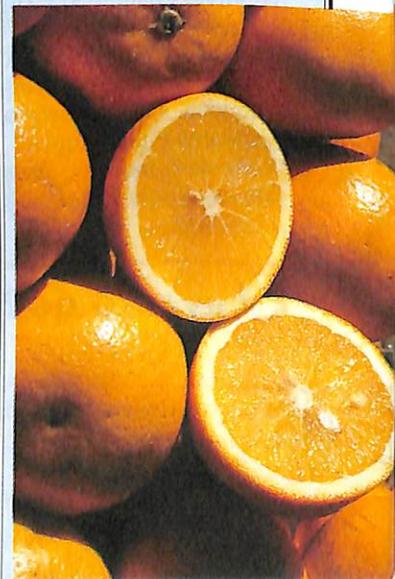
Produção de laranjas

“Sou estudante de Economia em Campinas/SP e gostaria de saber se vocês poderiam me ajudar, indicando-me sites e revistas com matérias sobre laranjas, com dados relativos à produção.”

Thalita Fábio
calebevff@hotmail.com

R

— Thalita, dados mais específicos você consegue no site www.abecitrus.com.br, que é da Associação Brasileira dos Exportadores de Citrus. No entanto, colocamos à sua disposição um pequeno resumo. O Brasil mantém a posição de maior produtor mundial de laranjas desde a década de 80. Somos responsáveis por 53% do suco de laranja produzido no mundo e por 80% do suco concentrado vendido no mercado internacional. O Estado de São Paulo se destaca como o maior produtor da fruta, detendo 98% da produção de suco industrializado ou 70% das laranjas produzidas.



A Granja



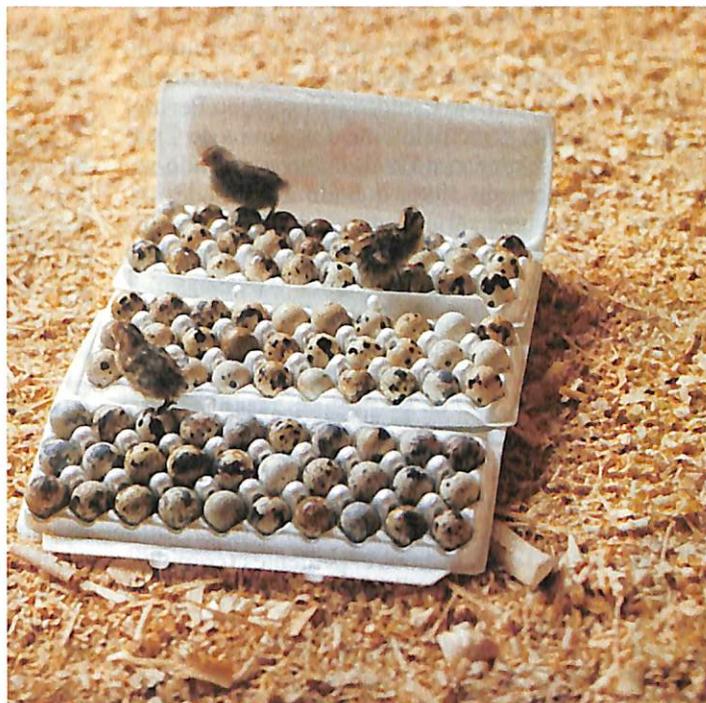
A Granja

Informações para iniciar a criação de codornas

“Gostaria de poder contar com algumas orientações referentes à iniciação de granja de postura de codornas. Estou interessado em iniciar nesse mercado, porém, não tenho experiência e careço de informações. Sendo assim, necessita de orientações quanto ao empreendimento ou outras matérias pertinentes, caso existam.”

Paulo Adriano Cunha
Divinópolis/MG
cbm.div@xnext.com.br

R — Paulo, aqui vão algumas dicas para você iniciar na atividade. A primeira exigência de quem vai iniciar na criação é a construção de instalações e a compra de boas poedeiras. Os animais devem ser adquiridos de um matrizeiro de confiança, para que você possa ter certeza de estar comprando fêmeas e de boa qualidade. Para ter um desenvolvimento sadio, as aves necessitam de água, luz e conforto. O mercado oferece três tipos de galpões para abrigar as codornas: os estruturados com gaiolas com sistemas de bateria, gaiolas em degraus e os chamados galpões suspensos. A limpeza e a distribuição da ração variam de um



A Granja

sistema para outro. A temperatura ideal para as codornas de postura é de 21 a 24 graus centígrados, no entanto, é recomendado um sistema de exaustão no local para aumentar a circulação do ar e evitar o acúmulo de gases produzidos pelo esterco. A codorna possui grande necessidade de água. No mercado, existe uma grande diversidade de bebedouros adaptados aos diferentes tipos de

gaiolas. Com relação à luz, é recomendado que os galpões de poedeiras sejam iluminados por 18 horas a fim de aumentar a produtividade das aves. As instalações de uma granja matrizeira se dividem em aviários para as codornas de procriação e estruturas de choca. As matrizes F-1 são criadas em galpões onde machos e fêmeas (um macho para três fêmeas) ficam em gaiolas de postura. Depois de

recolhidos, os ovos são selecionados, com o descarte dos trincados e defeituosos. É recomendado que os ovos sejam incubados até o sétimo dia após a postura. Depois de chocados por até 14 dias, os ovos são transferidos para as nascedeiras, onde permanecerão por até quatro dias para a eclosão. O período de produção de poedeira considerado rentável vai dos 42 dias até os dez ou 12 meses de vida. Os filhotes permanecem nas criadeiras até os 42 dias de vida. Após esse período, atingem a maturidade para a postura e são levados para as gaiolas. Os custos diretos da criação de codornas de postura em fase de crescimento são estimados em R\$ 6,8 mil para um lote de 15 mil aves. Nesse custo estão incluídos a compra de pintinhos de um dia, ração para aves de um a 30 dias, ração para aves de 31 a 45 dias, gás, mão-de-obra, vitaminas, serragem, desinfetantes, transporte, luz e água. Outras informações, mais técnicas e específicas, podem ser fornecidas junto a associações de criadores, como a Associação Paulista de Coturnicultura, com sede em Suzano/SP.

A polêmica aftosa é assunto na sala de aula

“Olá. Gostaria de saber mais informações sobre a febre aftosa. Sou professora de Ciências, e estamos fazendo uma pesquisa sobre esse assunto tão polêmico. Desde já, agradeço pela atenção.”

miche@netwizard.com.br

R — A aftosa é uma doença infecciosa provocada pelo aftovírus, que permanece ativo na medula óssea do animal e ataca somente animais com casco bi-

partido. Os principais sintomas no animal são febre, aftas na boca, na gengiva e na língua, ferimentos no casco e úberes. Essas lesões impedem os animais de se alimentarem adequadamente, causando perda de peso e redução na produção de leite. A aftosa atinge os exemplares bovinos, bubalinos, suínos, ovinos, caprinos e animais silvestres, como javalis e capivaras. A vacinação contra o vírus garante imunidade aos animais

por um período de 12 meses. Em caso de contaminação, especialistas garantem que o consumo da carne do animal doente não traz riscos para o homem. De qualquer forma, todos os animais infectados são abatidos, e não há possibilidade de essa carne chegar ao mercado. O cozimento da carne e do leite tem a capacidade de matar o vírus. No caso do leite, o processo de pasteurização também elimina as chances de contaminação.

Abacaxi

“Solicito informações de como contatar com a Embrapa, que está testando variedades híbridas de abacaxi no litoral do Rio Grande do Sul.”

Paulo Ricardo Paulart
Três Cachoeiras/RS
mpaulart@terra.com.br

R — Caro leitor, para falar com os técnicos, é só entrar em contato com a Embrapa Mandioca e Fruticultura, pelo telefone (75) 721-2120.

Alternativas para a safra de inverno

Gostaria de parabenizar a repórter Luciana Radicione pela matéria "Safra de inverno: não faltam boas alternativas para o produtor", publicada em maio. Foi muito esclarecedora e fiel à realidade.

Armando Azevedo Portas
Cati Campinas/SP



A Granja

Avestruz dá ibope

Gostaria de agradecer à revista **A Granja** pelo apoio que temos recebido no que se refere à divulgação das atividades do Centro de Estudos e Formação Permanente, principalmente dos cursos de Criação Comercial de Avestruzes. Desde setembro de 1996, quando a entidade iniciou uma série de cursos teóricos e práticos sobre a estruturicultura, já tivemos a participação de mais de 450 pessoas.

Gilvan M. de Lima
São Paulo/SP



A Granja

É mais que xiita, é talibã mesmo

Vocês deveriam se envergonhar das barbaridades que escreveram sobre a febre aftosa em sua edição de nº 630. Utilizam-se de sórdidos expedientes (como ligar o RS a Cuba /falar de ranço político e os etcéteras) para culpar o governo do Estado por essa bomba que explodiu nas fuças desse seu (de vocês) ministro imbecil. As atitudes do ministério, essas sim, foram impregnadas de ranço político. Não venham querer "tapar o sol com a peneira", seus pulhas. O governo do Estado, antes mesmo dessa revista imbecil falar

em aftosa, já queria vacinar. Mas não, os *expertinhos* do comércio internacional achavam bom assim: ganhar umas "merrequinhas" a mais por dizer "zona livre de aftosa sem vacinação". Agora, peguem essas "merrequinhas" e vão tapar o furo (ou sol?) criado por esse radicalismo infantil. Digo mais, essa revista devia se preocupar mais em informar (pois é lida por diferentes correntes de pensamentos) e menos em fazer as jogatinas políticas das Farsul da vida.

Rogério Guimarães/Três Cachoeiras/RS

Os novos paradigmas na mecanização

Certa vez, num navio de guerra, a tripulação se viu em pânico quando um submarino inimigo se aproximou e submergiu. Como localizá-lo e destruí-lo antes que ele o fizesse com o navio? Um consultor em combate marítimo então chega ao capitão e diz: "Vamos aquecer o mar. Com o calor, eles terão de vir à superfície, e então vocês o bombardeiam!". O capitão, então, perguntou: "Mas, senhor, como vamos aquecer o mar?". O consultor respondeu: "Ora, o caminho eu já mostrei, como implementar é problema de vocês". Essa anedota traduz em poucas palavras o

conteúdo do texto "Você está preparado para a nova era da mecanização?", publicado em **A Granja**, em maio de 2001, e escrito pelo consultor em mecanização Luiz Vicente Gentil. E, falando em paradigmas, palavra muito utilizada

na matéria, sugiro que ele, como consultor, conheça e se atualize em Reliability Centered Maintenance (RCM) para conhecer melhor os novos paradigmas da engenharia de manutenção e poder falar a respeito de tendências em manutenção de máquinas.

Roberto Ávila Martins
Itupeva/SP



A Granja

Pesquisa sobre cana

Estava pesquisando em algumas revistas **A Granja**, que ainda guardo, e encontrei um pequeno artigo sobre a cana hidrolisada. A revista é de dezembro de 1997, e o título do artigo é "Tratando com soda cáustica". Bom, estamos concluindo um trabalho de graduação que utilizou o Kit Hidrocana citado no artigo. Em nosso trabalho, comparamos as canas *in natura*, hidrolisada e fenada. Gostaríamos de compartilhar nossa iniciativa, já que é de interesse prático a utilização da cana como volumoso alternativo.

Rosemary Laís Galati
laisgalati@netsite.com.br/Unesp/Jaboticabal

Tire suas dúvidas ou dê a sua opinião.
Escreva para a redação da revista

A GRANJA,

Av. Getúlio Vargas, 1526
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fax: (51) 3233-2456

E-mail: mail@agranja.com

Home page <http://www.agranja.com>
As cartas ou mensagens poderão ser publicadas de forma resumida.

Pescando no Rio de Jereré

Entre as muitas besteiras que tenho feito na vida, nenhuma se compara à mania de viajar de madrugada, ressaqueado e maldormido, para “ganhar tempo”. Foi assim numa viagem de cinco ou seis dias, no Mato Grosso, quando combinamos sair de Cuiabá às 3h da manhã (ou da noite?). O veículo era um caminhãozinho Ford F 4000, recém-reformado. Éramos três heróis na cabine e um na carroceria, agarrado ao malhal, dividindo o espaço com um barco de alumínio, um motor de popa, dois tambores de 200 litros de gasolina e um fuzil escondido.

Escusado é dizer que, transportando menos de 800 quilos, entre barco, passageiros, fuzil e gasolina, qualquer F 4000 pula feito um cabrito. Mas o melhor veio logo depois, quando o Otto, que pilotava a camioneta, dobrou uma gargalhada e informou: “Estamos sem um pingo de freio!”, antes de concluir: “Freio é um negócio que a gente só usa quando tem”.

Realmente, não tendo, fica meio difícil de usar. No meu livro *Amazônia Legal & Illegal*, dei notícia desse amigo singular, que não se importa de ser picado por um trilhão de abelhas, desde que o companheiro de aventuras leve uma ferroada. Amigo expedito, capaz de transformar um prego de mata-burros em pino de segurança de motor de popa, contando apenas com um alicate de pressão, com o qual “desbastou” o imenso prego, às gargalhadas, depois de uma hora de trabalho exaustivo.

O espantoso gargalhar, no meio de um rio deserto, afluente do Juruena, tinha explicação. Todos sabemos que os pinos de segurança dos motores de popa foram inventados para impedir que a hélice quebre, ao bater num obstáculo, exatamente o que tinha acontecido conosco algumas horas antes. Por sorte, um pedaço de tábua passou boiando no rio com o tal prego espetado. Reduzido ao diâmetro e ao tamanho de um pino, o ex-prego era a “garantia” de que, encontrando outro obstáculo, ficaríamos sem a hélice. E o resultado final da estória seria, fatalmente, uma viagem de quatro ou cinco dias pelo rio deserto de outros barcos, sem motor e sem remos, até à fazenda mais próxima.

Tudo muito divertido, quando só tínhamos uma lata de goiabada, dois pacotes

de *cream crackers*, uma dúzia de garrafas de Pitu e um pacu pescado para comer sem sal, enquanto aguardávamos o milagre do prego que passou boiando na tábua. Só rindo, ou gargalhando, diante da perspectiva de bubuiar seis dias rio abaixo, num barco de alumínio, sem comida, mosquito, charutos, sal, sabonetes e outras conveniências civilizacionais.

Toda essa introdução, que já me comeu 41 linhas do computador, vem a propósito da viagem de volta na F 4000, que parecia um cabrito, saltando sobre os buracos e as valas das estradas, quando encontramos um terreno arado, gradeado e pronto para plantar, sem indicação do nome da empresa agrícola, galpões, casas ou cercas: só o terreno preparado, a perder de vista.

Ajustei os óculos e acompanhei no odômetro da camioneta: 14 quilômetros arados e gradeados ao longo da estrada infame. Depois, fiquei sabendo que a área preparada tinha mais de 10 quilômetros de fundos e pertencia à Fazenda Itamaraty Norte, do grande Olacyr Moraes. Versão MT da modelar Fazenda Itamaraty, do MS, que vem de ser entregue ao MST, com os resultados fáceis de adivinhar: não dura dois anos.

Agricultura moderna é coisa muito séria para ficar por conta de um magote de pobres-diabos manobrados por agitadores profissionais, mas este país grande e bobo parece vocacionado para andar na contramão da história e da tecnologia. Foi assim com a Informática, besteira que marcou de forma indelével o regime militar. Vai ser assim com a “reforma agrária” dos assentamentos.

Há 15 anos, quando andei procurando fazendas para um grupo europeu, que desejava implantar no Brasil um projeto de carne melhorada, encontrei bela propriedade de 20 mil hectares, lá mesmo no norte do Mato Grosso. Ótimas terras, fazenda resultante do remembramento de 156 glebas de 100 a 150 hectares, compradas por agricultores do Sul, gente acostumada a viver e trabalhar no campo, alfabeti-

zada e saudável, que chegou ao Norte mato-grossense levando seus velhos tratores, suas famílias, suas picapes desconjuntadas e uma enorme disposição para trabalhar e vencer.

Gente que se estabeleceu, vale insistir, numa região de ótimas terras, com estradas razoáveis, a uma distância educada de Cuiabá, com larga experiência agropecuária e capital próprio, que lhe permitiu comprar as glebas de até 150 ha. Nuns poucos anos, as glebas foram lembradas (tornar a reunir o que estava desmembrado) numa grande fazenda, o que também acontecerá, fatalmente e muito mais depressa, com a Fazenda Itamaraty do MS, se é que vai sobrar alguma coisa.

Agricultura moderna é coisa tão séria, que a correção e a fertilização dos solos, marcada com estacas de bambu e bandeirolas, como se fazia quando me aventurei pelo MT na camioneta sem freios, é hoje balizada com o adjutório de um GPS, *global positioning system*, amarrado nos sinais de rádio de 24 satélites.

Morando na fazenda, peguei o tempo em que se vendiam tourinhos – e não foi há séculos, mas ainda outro dia. A inseminação artificial era incipiente, o transplan-

te de embriões ficava por conta de raros centros de pesquisas e a clonagem andava no terreno da ficção científica.

Ainda há pouco, num jornal carioca, li o seguinte: “Os clones deixaram de ser alvo apenas de interesse científico. Hoje, dezenas de empresas americanas se dedicam a clonar vacas premiadas”. Tudo bem que o processo ainda apresente problemas e que boa parte da comunidade acadêmica diga que é cedo para vender clones normalmente: 75% dos clones morrem no segundo mês de gestação, e a placenta de um clone pode ter até seis vezes mais fluido que o normal.

Nada que não tenha conserto a médio prazo, com muita pesquisa, muita tecnologia e muito dinheiro. Enquanto isso, lá vamos assentando milhões de pobres-diabos. É muito de desejar que os assentamentos sejam feitos às margens do Rio de Jereré, que tem peixe bom e siri-patola a dar com o pé. 📖

“Este país parece vocacionado a andar na contramão da história e da tecnologia”

EMPRESAS E PR REVOLUCIONAM O

A qualidade aliada a um marketing de peso são os principais trunfos desse segmento. Estratégias que passam por uma mobilização e uma conscientização geral quanto à importância da certificação estão, de uma certa forma, surtindo efeito positivo

Luciana Radicione

Ainda é recente no Brasil o movimento que vem dando cada vez mais importância à qualidade da semente produzida em solo brasileiro. Embora ainda em crescimento, empresas e agricultores vêm colocando em prática ações e definindo estratégias para ampliar o cultivo de insumos fiscalizados que garantam uma boa colheita ao final da safra. Essa integração, de uma forma geral, vem ocorrendo em todas as regiões do país e é marcada principalmente pelo crescente interesse do produtor em exigir sementes de origem reconhecida e qualidade certificada.

O produtor João Van Ass, proprietário das Sementes Van Ass, de Montividiu, Goiás, confirma essa tendência. "A tecnologia de ponta está à disposição de todos os produtores, e informação é o que não falta hoje para se conquistar a qualidade no campo", afirmou. Para ele, que cultiva 15 diferentes variedades de soja com tecnologia da Embrapa e da Engopa (Empresa Goiana de Produção Agrícola), o produtor brasileiro não pode mais se permitir esperar pela tecnologia. Os benefícios saltam aos olhos: "A semente de soja, para se ter uma idéia, é o insumo mais barato do custo da lavoura, em função da competição entre os diversos materiais que estão no mercado". De olho no mercado estão as empresas nacionais que vêm investindo em pesquisa local e dão o impulso necessário para o desenvolvimento do setor. Esse é o caso da Agroeste, cuja matriz fica em Xanxerê, em Santa Catarina. De acordo com o gerente comercial Neimar Brusamarello, o primeiro híbrido de milho resultante de pesquisa própria foi lançado em 1994. Essas duas novas variedades foram colocadas à disposição do produtor brasileiro. A empresa, de atuação na Região Centro-Sul do país e no Mercosul, detém 9% do mercado nacional. "A resposta do produtor aos nossos produtos tem sido muito boa, em função dos materiais com alto valor nutricional que resultam em excelente qualidade de grãos", salientou Brusamarello. A Agroeste agora está investindo na modernização de centro de pesquisa em Campo Verde/MT, que terá capacidade para receber 1,2 milhão de sacos.

Esse novo quadro que se desenha para o setor sementeiro é ratificado pelo vice-presidente Norte/Nordeste da Associação Brasileira dos Produtores de Sementes (Abrasem), Edeon Vaz Ferreira. Segundo ele, o Brasil vem conquistando grandes

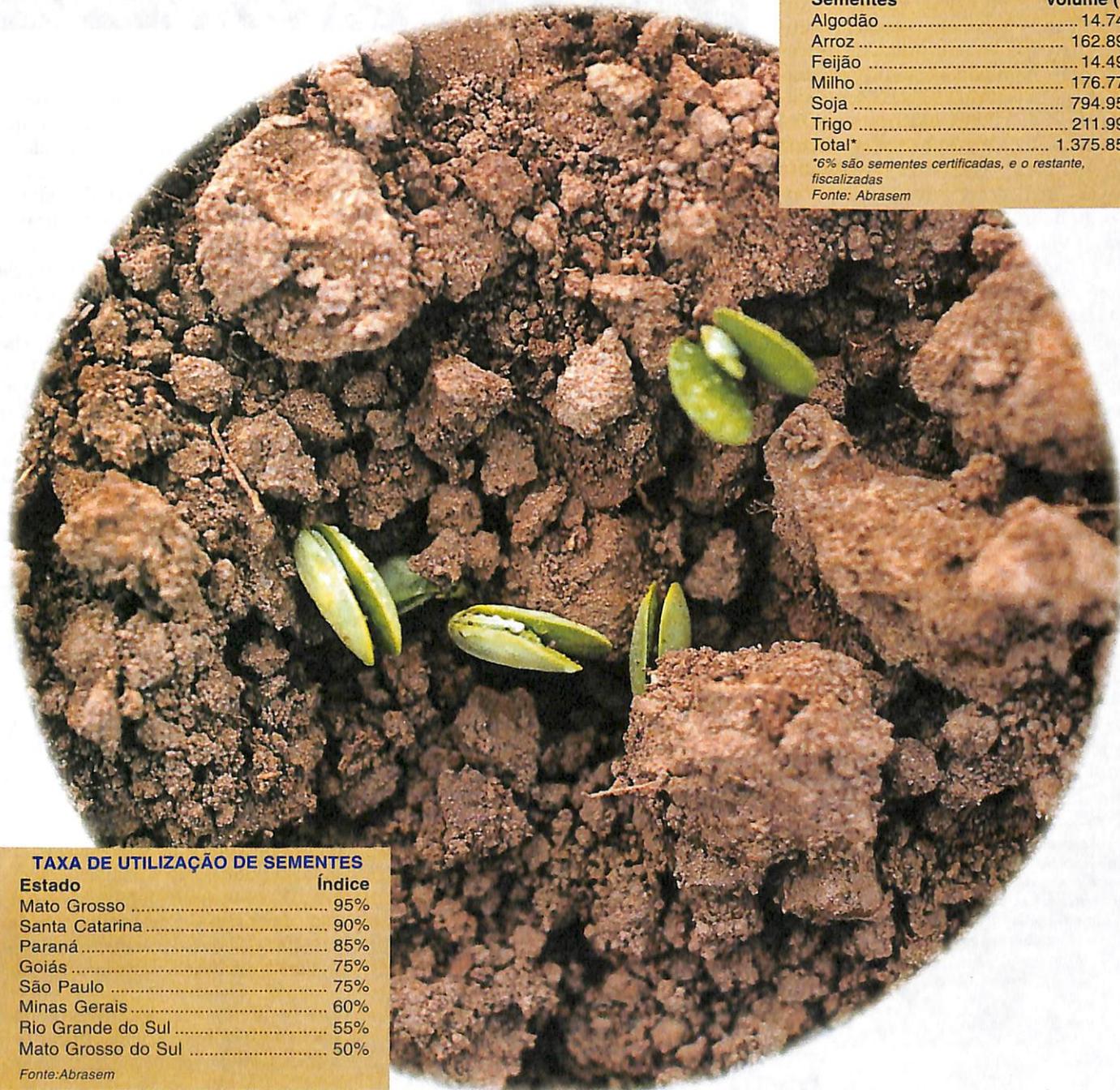
avanços nos últimos anos nesse setor. Principalmente porque os produtores despertaram e passaram a exigir mais qualidade e a pesquisa deu o respaldo suficiente para que isso fosse possível. "Hoje, a pesquisa recomenda variedades mais definidas, específicas para as diferentes situações de solo e clima encontradas no Brasil", afirmou Edeon, que também preside a Associação dos Produtores de Sementes de Mato Grosso (Aprosmat).

O Mato Grosso, aliás, é o Estado que está na dianteira nacional quando o assunto é semente de qualidade. Lá, 95% das lavouras cultivadas são com sementes fiscalizadas ou certificadas. "As condições edafoclimáticas da região não permitem que o produtor faça a sua própria semente", informou Edeon. A situação inversa é encontrada no Rio Grande do Sul. Segundo levantamento da Abrasem, entre a produção gaúcha, a taxa de utilização de sementes é de apenas 55%, uma das menores do país em comparação com grandes Estados produtores. "A produção de sementes no Rio Grande do Sul é menos complexa, pois as condições edafoclimáticas favorecem que o próprio agricultor cultive a sua semente", avaliou.

O Rio Grande do Sul, apesar de possuir uma completa infra-estrutura para desenvolver sementes fiscalizadas, está desperdiçando seu potencial. Para o presidente da Apassul, Antônio Loureiro da Silva, além do trabalho da Aprosmat e da Fundação MT, a alta taxa de uso de sementes no Mato Grosso se dá pelo fato de que também é muito complexo para o produtor rural guardar grãos como semente, pois é difícil obter germinação adequada. "É difícil mostrar, estatisticamente, que o grão adequadamente produzido e limpo por um agricultor produzirá menos que a semente fiscalizada da mesma variedade", disse. De acordo com Loureiro, a maior difi-

ODUTORES

SETOR



SAFRA 1999/2000

Sementes	Volume (t)
Algodão	14.741
Arroz	162.892
Feijão	14.498
Milho	176.776
Soja	794.954
Trigo	211.997
Total*	1.375.858

*6% são sementes certificadas, e o restante, fiscalizadas

Fonte: Abrasem

TAXA DE UTILIZAÇÃO DE SEMENTES

Estado	Índice
Mato Grosso	95%
Santa Catarina	90%
Paraná	85%
Goiás	75%
São Paulo	75%
Minas Gerais	60%
Rio Grande do Sul	55%
Mato Grosso do Sul	50%

Fonte: Abrasem

**NOVA
FRONTEIRA
AGRÍCOLA:** 
A CONQUISTA DA QUALIDADE

culdade é evidenciar aos produtores as vantagens do uso de semente fiscalizada, pois ambas vão germinar e não sofrerão restrições sanitárias. A pergunta deixada no ar pelo dirigente é a seguinte: "Como colocar isso ao produtor por meio da demonstração de resultados?". questionou.

Embora o problema atinja muitos produtores gaúchos, Loureiro afirmou que as sementes de cultivares indicadas pela pesquisa no RS e registradas no Ministério da Agricultura apresentam excelentes características do ponto de vista de produtividade e qualidade industrial. As sementes alcançam normalmente os padrões germinativos estabelecidos, de 80%, e facilmente atingem valores superiores a 90%.

O Instituto Riograndense do Arroz (Irga) tem importante papel na pesquisa de novas variedades de arroz, um dos principais produtos da economia agrícola do Estado. Dentro da proposta, o Irga desenvolve e adapta variedades de arroz irrigado para as regiões orizícolas gaúchas. A última novidade lançada foi o cultivar Irga 421, de alto vigor e resistente ao acamamento. Os gaúchos também já experimentam variedade de arroz híbrido. Recentemente foi lançado para o solo gaúcho a XL6, primeira semente híbrida de arroz produzida pela RiceTec. A semente promete maior produtividade em áreas menores de cultivo, resistência a doenças e tolerâncias às condições de cultivo.

PIRATARIA

Edeon Ferreira, da Abrasem, afirmou que a entidade sempre buscou orientar e estimular os produtores ao uso de sementes fiscalizadas e certificadas, mas ainda concentra esforços na chamada "pirataria" de sementes. Isso porque, com a Lei de Proteção de Cultivares (LPC), só é possí-



Uma lavoura produtiva também depende de sementes de qualidade, ou seja, certificadas e fiscalizadas

vel multiplicar materiais protegidos com a autorização do melhorista, ou seja, mediante licença. "Muitos produtores oportunistas vêm multiplicando sementes, comercializadas com valores diferenciados e concorrendo de forma desleal e ilegal no mercado", denunciou. No ano passado, a Abrasem recebeu 60 notificações desse tipo de todo o Brasil. "Os produtores têm de notificar esses casos", salientou Edeon. A médio prazo, essa irregularidade poderá ser amenizada com o aprimoramento da Lei de Sementes, formulada em 1976. A idéia é dar ferramentas ao poder público para fiscalizar as sementes piratas.

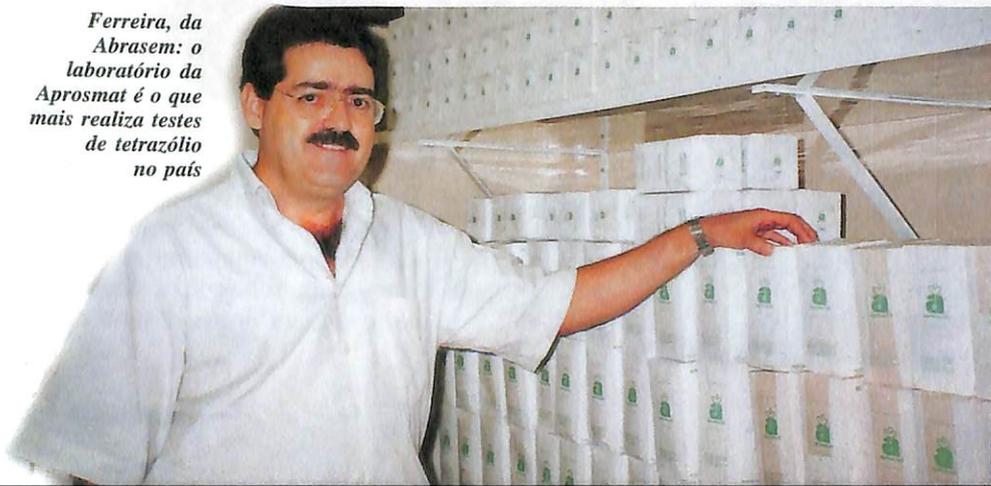
INVESTIMENTOS

O Brasil já consumiu mais de US\$ 20 bilhões em pesquisa de sementes nos últimos 30 anos. Esse investimento partiu de instituições de pesquisas estaduais, federais, órgãos de extensão rural e universidades. O agrônomo pesquisador da Embrapa Cerrados, de Planaltina/DF, Luiz Carlos Bhering Nasser, afirmou que o país conseguiu resultados relevantes nas áreas da genética e melhoramento de sementes.

"As instituições estão sempre buscando novas variedades, com potencial de germinação e vigor, pois, hoje, o produtor não quer materiais de baixa germinação e que propiciem o surgimento de daninhas", disse. Apesar do crescimento no Brasil nesse setor, Nasser aponta os erros que persistem e que dificultam a ampliação da qualidade dos insumos produzidos. Um dos grandes problemas, segundo o pesquisador, é a ausência de legislação específica para a área sanitária. "O trânsito é livre. Qualquer cidadão pode transitar com sementes sem ser incomodado. Isso implica perdas diretas para o agricultor, pois facilita muita a introdução de doenças em regiões até então não contaminadas", explicou. O livre trânsito aumenta ainda mais os custos de produção, já que o surgimento de doenças requer maior volume de aplicação de fungicidas.

Nasser defende que o Ministério da Agricultura estabeleça portarias que regulem o trânsito de sementes no Brasil. "Os Estados também precisam colocar leis locais a partir da portaria de âmbito federal", salientou. O Grupo Técnico Permanente de Sanidade de Sementes (GTPSS), instituído pelo ministério, no ano passado, do qual Nasser faz parte, está trabalhando na elaboração de normas de sanidade, e um dos objetivos é justamente regular a questão do trânsito de sementes. O GTPSS vem atuando também na criação de padrões de qualidade sanitária para sementes, já que o uso de materiais portadores de doenças é uma das formas de introduzir e disseminar doenças em regiões que poderiam ser produtivas por longos períodos. Estima-se que as doenças transmitidas por sementes sejam responsáveis por 10% a 20% das perdas agrícolas con-

Ferreira, da Abrasem: o laboratório da Aprosmat é o que mais realiza testes de tetrazólio no país



Adriana Langdon

Quem lida com a terra precisa ser forte.



futura

Não é por acaso que o TM95 é líder de mercado. Ele possui barras alternadamente longas e curtas e diferentes planos de rigidez no fundo do desenho, que proporcionam maior tração, estabilidade e autolimpeza. O TM95 tem também um rodar mais uniforme que elimina as vibrações e as oscilações laterais. Na hora de escolher o pneu, escolha aquele que garante mais força e produtividade. Escolha TM95 da Pirelli.

VOCÊ PERGUNTA E A PIRELLI RESPONDE:
0800-787638 Internet: www.pirelli.com.br



POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

tabilizadas no Brasil, o que corresponde a uma perda de 8 a 16 milhões de toneladas por ano.

Na opinião de Luiz Carlos Nasser, o agricultor é o principal personagem no combate à disseminação de sementes de má qualidade. “Ele deve e precisa exigir atestado de qualidade do insumo na hora da compra, caso contrário, não terá garantia nenhuma de estar levando material de boa procedência”, disse. Infra-estrutura, de acordo com o agrônomo, não é problema, já que existem no país 25 laboratórios credenciados pelo Ministério da Agricultura capacitados para realizar a análise sanitária de sementes.

Enquanto a conscientização não chega para todos os produtores, já que ainda muitos adquirirão sementes sem laudo sanitário, “é preciso lutar para que o Ministério da Agricultura implemente normas de sanidade”, afirmou Nasser. Segundo Edeon Ferreira, da Abrasem, as instituições públicas de pesquisa têm papel fundamental no processo de disseminação de tecnologias. Lamentou, no entanto, o fato de a pesquisa pública estar basicamente concentrada na Embrapa, em função do sucateamento das instituições estaduais. “As instituições devem ouvir as necessidades dos produtores, ou seja, é necessária uma interação com os produtores de sementes, pois eles são os multiplicadores de tecnologia”, destacou Edeon.

PARANÁ

Há seis anos, o Estado do Paraná possuía cerca de 200 empresas produtoras de

sementes. Hoje, pouco mais de 100 empresas estão atuando no mercado de forma eficiente, produzindo materiais específicos para a região e com origem conhecida. Na opinião de Luiz Turkiewlcz, agrônomo e líder do Programa de Propagação Vegetal do Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), essa concentração teve um impacto positivo para o agricultor. “Agora, quem compra sementes, e não fica satisfeito, tem para quem reclamar”, argumentou, salientando que, quando se adquire semente não fiscalizada, o prejuízo é direto no bolso.

No Paraná, as primeiras mudanças no sentido de qualificação do setor sementeiro ocorreram há cerca de 25/30 anos. “Esse movimento só deixou no ramo as empresas mais eficientes”, disse Turkiewlcz. Uma das vantagens dessa concentração de empresas, na opinião do técnico do Iapar, foi a proximidade das empresas de sementes e químicos com o agricultor. “As multinacionais estão chegando no homem do campo e incentivando o plantio de semente tratada”, enfatiza ele. O resultado disso é a redução da incidência de riscos no início do plantio. “Uma lavoura bem plantada inicia com boa emergência, e o tratamento de semente protege qualquer intempérie que possa ocorrer naquele momento”, esclareceu.

O Iapar é reconhecido nacionalmente pela sua eficiência na pesquisa e na produção de sementes básicas de arroz, trigo, algodão, feijão, milho, café, forragens e adubos verdes. A semente da principal cultura do Estado, no entanto, a soja, vem sendo pesquisada e desenvolvida pela Embrapa Soja, de Londrina. A partir da pesquisa realizada por seus dez técnicos, os materiais são comercializados para empre-



sas que os tornam registrados ou certificados. “O produtor no Paraná está indo atrás da tecnologia disponível nas sementes. Isso porque, agora, ele sabe que uma boa produção começa com uma boa implantação da lavoura. E isso só se consegue com o uso de semente de qualidade”, concluiu.

Sementes Peron — Além da qualidade, os produtores brasileiros de sementes hoje contam com a diversidade de empresas que desenvolvem a pesquisa. O grande beneficiado é o sementeiro. Esse é o caso da empresa Sementes Peron, de Santo Antônio do Sudoeste, no Paraná. Lá são produzidas sementes de soja, trigo e feijão com tecnologia da Embrapa, Iapar e Coodetec. “Só na soja usamos sete variedades de soja da Coodetec e oito da Embrapa”, informou o gerente comercial Ari Grando. A produção de sementes na Peron alcança 4.300 toneladas de soja, 2.250 toneladas de trigo, com 15 variedades do Coodetec, Iapar e Embrapa e 200 tonela-



Amostras examinadas no laboratório da Aprosmat, em Rondonópolis/MT



Semente é responsável por apenas 7% do custo de produção da lavoura

trole e no manejo de pragas”, salientou o gerente comercial. Essa profissionalização dá aos produtos da Peron mercado garantido no Paraná, em São Paulo e no Mato Grosso do Sul, há 17 anos. Aproximadamente 90% da produção é vendida diretamente ao consumidor. O beneficiamento do insumo é realizado em duas unidades localizadas no Paraná, que realizam a seleção das sementes básicas até as fiscalizadas.

MATO GROSSO

O Estado do Mato Grosso hoje é exemplo para todo o país no que tange à pesquisa e ao uso de tecnologias no setor de sementes. De acordo com o presidente da Aprosmat, Edeon Ferreira, a indústria sementeira do Estado investiu pesado em tecnologia e em unidades de beneficiamento. Isso, em parte, explica o maior índice de uso de sementes fiscalizadas do país, de acordo com o levantamento da Abrasem. “O Mato Grosso é o expoente no Brasil, na área da semente”, salientou.

Uma parceria entre a Fundação MT, a

das de feijão, com a tecnologia de três materiais da Embrapa e do Iapar.

A empresa trabalha com clientes no sistema cooperado, cuja área de produção alcança 4,2 mil hectares na soja, 3,5 mil hectares no trigo e 350 hectares no feijão. “Todos os nossos 100 cooperados trabalham com o tratamento da semente, fazem uso de micronutrientes e investem no con-

A Granja

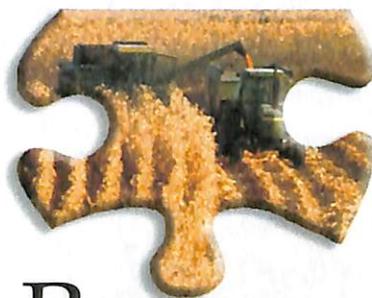


Unisoja e a Aprosmat garante que toda a semente colocada no mercado seja de qualidade. O Sistema de Qualidade de Sementes (SQS), implantado a partir dessa parceria, permite que 100% dos lotes de sementes de todas as culturas produzidas no Estado sejam colhidos por amostragem para análise de qualidade no laboratório da Aprosmat. “O material sai do laboratório com uma nota após análise de aspectos como pureza, germinação e vigor”, explicou. Se o insumo se enquadrar no Índice de Qualidade (IQ), cujo padrão é mais exigente do que o Ministério da Agricultura, a semente recebe o selo de qualidade com a garantia de Aprosmat, Fundação MT e Unisoja.

A técnica do tetrazólio desenvolvida no laboratório da associação dos sementeiros do Mato Grosso analisa o grau de pureza e germinação da semente, aspectos obrigatórios do Ministério da Agricultura para que o insumo possa ser comercializa-



É nessa hora que a qualidade Pioneer mais aparece



Rentabilidade com estabilidade produtiva ao longo de sucessivas safras, segurança e qualidade de grãos resultantes da melhor genética e da mais avançada tecnologia. Assim é o conjunto de híbridos de milho da Pioneer e o Sistema de Combinação. Um encaixa perfeitamente no outro. Pode confiar!

www.pioneer.com/brasil



TECNOLOGIA QUE RENDE.

do. Ela consiste em mergulhar a semente de soja numa mistura de sal e água. Com isso, o grão ganha uma nova coloração, novo volume e nova umidade. A retirada da casca da semente é que denuncia o potencial de vigor do produto e se está sujeito a algum tipo de dano na lavoura. O laboratório da Aprosmat é o que mais realiza análise de tetrazólio no Brasil.

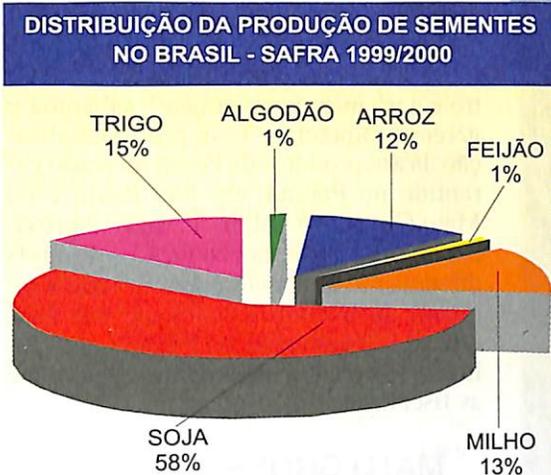
Itaquerê — No Mato Grosso, além da soja, destaca-se a produção de sementes de algodão. A Sementes Itaquerê, de Primavera do Leste, é responsável por mais de 50% do insumo comercializado no Estado, com uma produção que alcança 165 mil sacos. A produção própria compreende 50 mil sacos, o restante é produzido por produtores parceiros. Segundo o diretor agroindustrial da empresa, Eurico Brunetta, neste ano a área ocupada com sementes de algodão chegará a 2.100 hectares em função do potencial do mercado e do incremento de parcerias. A variedade ITA 90 ocupa 70% da área cultivada.

De acordo com Brunetta, a preferência pelo material se dá em função da qualidade da fibra de algodão alcançada. “Essa variedade possui uma estabilidade muito grande e se adapta perfeitamente às condições de clima e solo do Mato Grosso”, afirmou. Além disso, o rendimento médio por hectare é alto. Por hectare são retirados entre 250/300 arrobas. Nos campos de produção da Sementes Itaquerê é realizado um rigoroso controle de qualidade para afastar os riscos com o surgimento de pragas.

Um dos diferenciais da empresa é a Unidade de Beneficiamento de Sementes Itaquerê (Udesil), que realiza o deslintamento de sementes de algodão. Os equipamentos im-



Tetrazólio analisa o potencial produtivo do grão (soja)



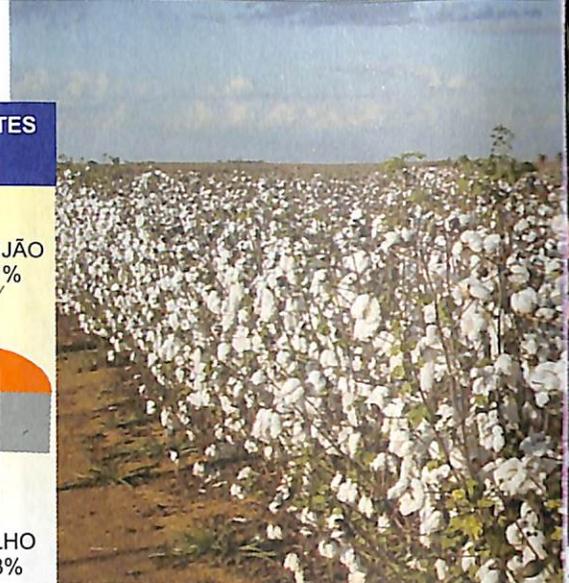
Fonte: Abrasem

portados há dois anos consumiram US\$ 1 milhão em investimento, mas, na opinião de Brunetta, valeu a pena. “O linter retira os pêlos da semente através de um processo químico sem dano algum à semente”, ressaltou o diretor. Ele explicou que todo o processo é realizado a seco, sem contaminar o meio ambiente.

Bom Jesus — Outro exemplo de eficiência no Mato Grosso é a Sementes Bom Jesus, localizada no município de Pedra Preta. Lá são desenvolvidos materiais de soja da Fundação MT. A produção de sementes de soja das variedades conquista, tucano, xingu, pintado, além das recentes tucunaré, uirapuru e arara-azul, ocupa 7 mil hectares.

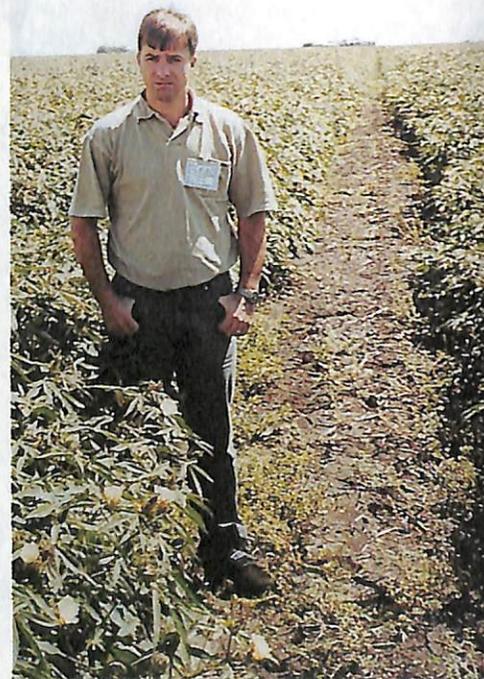
A tecnologia empregada pela Fundação MT foi determinante para que a Bom Jesus optasse pelos materiais desenvolvidos por seus técnicos. Segundo o proprietário da empresa, Nelson José Vigolo, as variedades resistentes a diversas doenças e com produtividade alta fizeram com que as sementes da Fundação MT ganhassem a confiança do produtor.

No caso específico da semente de soja, a mais procurada pelos produtores é a pintado, pelo seu potencial de resistência à nematóide. Outra variedade, a tucunaré, promete ganhar a preferência dos produtores mato-



grossenses em 2002. Este é o primeiro ano de produção da variedade que terá potencial de produtividade média de 3.600 quilos por hectare. “Creio que, no próximo ano, a tucunaré vai tomar parte do mercado da pintado”, prevê Vigolo. De acordo com o produtor, o trabalho da Fundação MT tem sido de grande importância para o setor sementeiro do Estado, já que disponibiliza ao produtor materiais de qualidade e altamente produtivos.

A Fundação MT é responsável por até 80% das sementes comercializadas no Mato Grosso. Segundo o coordenador de sementes da Fundação MT, Paulo Afonso Watanabe, a semente produzida no Estado hoje tem um alto padrão de qualidade, potencial genético e qualidade garantida graças ao empenho de técnicos e produtores licenciados. Além do monitora-



Vigolo, de Pedra Preta/MT: aposta nos materiais de soja com a tecnologia da Fundação MT

Adriana Langon

Divulgação



Divulgação

Brunetta, de Primavera do Leste/MT: um dos diferenciais da Sementes Itaquerê é a usina de deslintamento

As multinacionais presentes no mercado brasileiro, já há estimativas de produção ilegal no país. A Apassul calcula que o grão de soja geneticamente modificado poderá alcançar até 45% da área na próxima safra. Para o presidente da Apassul, Antônio Loureiro da Silva, o plantio de transgênicos representa um retrocesso para o Rio Grande do Sul, que vinha apresentando crescimento na taxa de utilização de sementes de soja. "Hoje, várias cultivares argentinas, denominadas de 'Maradonas' estão disseminadas em nosso Estado", alertou. O resultado disso, salientou, é a redução da produção e das vendas em 2001, em função da ampliação da área com soja modificada.

Há evidências de que lavouras transgênicas foram colhidas, e os grãos, transportados para outros Estados, especialmente o Paraná. Em função do quadro que se desenha para o setor de sementes de soja no Rio Grande do Sul e no Brasil, o presidente da Apassul defende a liberação para registro e produção de cultivares de soja transgênica. A idéia é possibilitar a efetiva distinção entre produção de soja

mento no campo, a produção passa pela aprovação do SQS, que analisa amostras de 100% dos lotes produzidos. "Só se emite certificado, se aquela semente se enquadrar no padrão de qualidade exigido pelo mercado", afirmou.

TRANSGÊNICOS

Embora a tecnologia das sementes transgênicas esteja apenas sendo testada em campos experimentais, mantidos pe-



orgânica, não-transgênica e transgênica. "Queremos que nossos sistemas de produção não sejam desestruturados. Esperamos que aos agricultores seja dada a opção de escolha sobre as cultivares", destacou o dirigente.

Em junho, a Monsanto anunciou a realização de estudos de impacto ambiental da soja transgênica Roundup Ready. A empresa recebeu do Ibama o termo de referência para a realização do Eia-Rima, estudo e relatório de impacto ambiental. O estudo vai caracterizar o material genético inserido no meio ambiente, com análise da possibilidade de transferência do gene para plantas selvagens ou ervas daninhas. Um dos grandes temores é que o gene que dá resistência ao herbicida possa ser transferido para outras espécies. A expectativa é que o Eia-Rima seja concluído em tempo hábil para que o Brasil autorize o plantio da soja RR ainda neste ano.

M-CAN

ESTE PNEU É UM TRATOR.

A MAIS COMPLETA LINHA DE PNEUS AGRÍCOLAS AGORA COM 7 ANOS DE GARANTIA.

Os pneus de tração diagonais e radiais para uso agrícola da Goodyear têm tudo que o homem do campo procura para colher as melhores safras e os melhores frutos. Quem procura resistência, durabilidade e a mais avançada tecnologia já sabe muito bem onde encontrar. Os pneus agrícolas Goodyear têm tração superior, maior poder de autolimpeza, melhor dirigibilidade e conforto para o operador e a tranquilidade de uma assistência técnica sempre presente no campo, assegurando um resultado perfeito em qualquer tipo de solo e de equipamento. Por isso, peça sempre Goodyear, a melhor safra de pneus agrícolas.



MULTINACIONAIS DÃO O TOM DAS MUDANÇAS

Enquanto os produtores buscam formas de aumentar a produtividade da sua lavoura de sementes de maneira eficiente, as empresas multinacionais, atentas às mudanças e às exigências do mercado consumidor, reestruturaram-se para levar as produtores opções específicas para cada canto do país. Muitas delas vêm apostando em fusões e na compra de empresas nacionais já detentoras da tecnologia local para ganhar mercado. A Monsanto, por exemplo, começou a consolidar a sua posição como fornecedora de insumos para a área agrícola, ingressando na área de pesquisa e beneficiamento de sementes de soja, por intermédio da compra da Monsoy, além de milho, sorgo e girassol, com a aquisição da Sementes Agrocerec e Dekalb. De acordo com o diretor comercial da Monsanto, Osmar Bergamaschi, o enfoque da empresa em agricultura foi fortalecido após a fusão, nos Estados Unidos, da Monsanto Company com a Pharmacia & Upjohn, consolidada em abril de 2000 com a criação da Pharmacia Corporation. “A Monsanto encara naturalmente esse processo de fusão, diante do nível de competitividade e de exigência que o agribusiness vive hoje”, informou.

Com investimentos de US\$ 60 milhões, está implantado um projeto de reestruturação de sua área de sementes de milho, sorgo, girassol e soja.

A Pioneer Sementes assegurou que não adotou mudanças de estratégias após ter sido adquirida há dois anos pela DuPont Brasil Produtos Agrícolas. Além da Pioneer, a DuPont comprou a PTI, empresa de proteína de soja, e a Qualicom, voltada para a área de análise de alimentos. Firmou também forte parceria com a Griffin, empresa do ramo de defensivos. Segundo o gerente de tecnologia da Pioneer, Cláudio Peixoto, a expectativa é formar um grupo forte no que diz respeito a produtos e serviços, principalmente no suporte técnico ao produtor. A Pioneer Sementes foi a empresa pioneira no Brasil em termos de

qualidade de produção e conservação da qualidade das sementes. O processo de produção, por meio de colheita, secagem e debulha em espigas, era, há pouco tempo, inédito no Brasil. “Também inauguramos o acondicionamento de sementes em câmaras frias com controle de temperatura e umidade relativa do ar”, informou o gerente. O gerente executivo da Pioneer, Daniel Glat, destaca que a empresa foi a primeira do setor a obter certificação ISO 9001 para produção e laboratório de sementes e ISO 9001/94

para o Laboratório Remoto de Diagnóstico Fitossanitário do Centro de Pesquisa de Itumbiara.

A Dow Agrosociences, multinacional norte-americana da área de defensivos agrícolas, também ampliou seu campo de atuação ao investir no mercado brasileiro de sementes. A marca Sementes Dow Agrosociences é o resultado da aquisição de quatro empresas especializadas em sementes de milho híbrido: Sementes Dina, Híbridos Especiais Colorado, Sementes Hatã e FT Sementes, cuja participação no mercado oscila entre 10% e 15%. Conforme o diretor de marketing da empresa, José Arana, o negócio com sementes, por ser muito competitivo, faz com que se busque cada vez mais produtos que tenham a preferência do produtor. “Os produtos têm de gerar benefícios específicos para o agricultor. Trata-se de um marketing dirigido e personalizado”, comentou.

Para o diretor-geral Brasil da Syngenta Seeds, Paulo Leite, outra mudança importante está ocorrendo na indústria processadora, que passa a ser mais exigente no recebimento da matéria-prima de origem agrícola. O grupo Syngenta, resultado da união da Novartis Seeds, Novartis Agribusiness e Zeneca Agrícola, vem investindo basicamente em duas frentes. “No melhoramento genético, incluindo a biotecnologia e visando à geração de produtos de alta performance em produtividade, e na qualidade de grãos mais adequados às necessidades do agricultor e da indústria e com tolerância às principais doenças de planta e grãos. A Syngenta produz e comercializa no Brasil sementes de milho – a principal cultura –, soja, algodão, arroz, sorgo, hortaliças e flores. Embora não produza sementes, a Bayer entrou no mercado potencial de sementes, no Brasil, disponibilizando tecnologia para a proteção de plantas por meio do tratamento de sementes. De acordo com Johann Wilhelm Reichenbach, do marketing de tratamento de sementes da Bayer, a empresa vem se dedicando ao tratamento do insumo não apenas comercializando o produto, mas desenvolvendo soluções em conjunto com as empresas sementeiras e de pesquisa. “O mercado de tratamento de sementes no Brasil tem acompanhado o mercado de defensivos”, salientou. 



Divulgação/Monsanto

As empresas estão fomentando tecnologias próprias para a lavoura e consolidando seus diferenciais, a fim de atrair o produtor

**Ponha as chuteiras
e faça um
Gool de placa.
Marque sua presença
na bíblia do agribusiness.**



10 MANDAM

- 1-** O maior sucesso editorial do setor rural brasileiro. Redigido pela mesma equipe jornalística que faz da revista **A GRANJA** uma publicação da mais alta credibilidade há 56 anos.
- 2-** Anuário de consulta permanente. Único. Sem similar. Dirigido para um público-alvo exigente, seletivo e com alto poder de compra.
- 3-** Informações especializadas e atualizadas sobre as principais commodities. Como, onde e quando ganhar dinheiro.
- 4-** Matérias específicas com os 25 eleitos pelos assinantes para o troféu **A GRANJA DO ANO**. Como eles chegaram ao topo. Previsões, perspectivas e posicionamento atual do segmento de cada um.
- 5-** Relação de nomes e endereços de todas as empresas que produzem bens e serviços para a agricultura no Brasil.
- 6-** Completo índice de todas as associações e entidades de classe com endereços.
- 7-** Por seu conteúdo, será lido e ficará na estante de agrônomos, veterinários, economistas, agricultores, pecuaristas, zootecnistas, empresários, técnicos e administradores rurais, estudantes e de todos aqueles que buscam atualização e esclarecimento sobre a agropecuária nacional.
- 8-** Circulação nacional, credibilidade e informações valorizadas são constantes da revista **A GRANJA**.
- 9-** Mensagem de vendas será bem dirigida e com duração de pelo menos 1 ano. Para ler, reler, guardar e colecionar.
- 10-** Vai circular no final de agosto, na Expointer 2001, em Esteio/RS, por ocasião do maior encontro nacional do agrribusiness.

Em agosto, os líderes da agropecuária brasileira têm encontro marcado em Porto Alegre. Representantes de 25 áreas de atuação, entre entidades de classe, cooperativas, associações, produtores rurais, industriais e técnicos, escolhidos pelo voto direto de nossos assinantes, serão laureados com o troféu **A GRANJA DO ANO DESTAQUE/2001**.

Além de distinguir os homens que impulsionam a produção primária nacional, a Editora Centaurus acredita que a oportunidade também servirá para integrar, cada vez mais, produtores primários e a agroindústria dos diversos Estados.

O Destaque/2001 de **A GRANJA DO ANO** SERÁ CONFERIDO NAS SEGUINTEs ÁREAS:

- | | |
|--|----------------------------|
| 1 - Pecuária de corte | 13 - Defensivos agrícolas |
| 2 - Pecuária de leite | 14 - Silos e armazenamento |
| 3 - Eqüinos | 15 - Caminhões |
| 4 - Ovinocultura | 16 - Picapes |
| 5 - Nutrição animal | 17 - Produtor de arroz |
| 6 - Defensivos animais | 18 - Produtor de milho |
| 7 - Sementes | 19 - Produtor de soja |
| 8 - Tratores | 20 - Produtor de trigo |
| 9 - Implementos de preparo de solo e plantio | 21 - Produtor de algodão |
| 10 - Adubos e corretivos | 22 - Produtor de vinho |
| 11 - Máquinas de colheita | 23 - Pesquisa agropecuária |
| 12 - Sistema de irrigação | 24 - Cooperativismo |
| | 25 - Bancos |



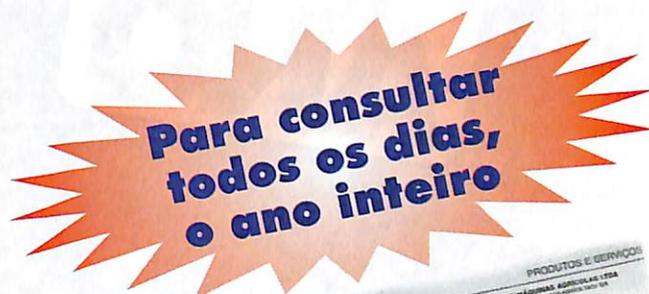
ENTOS

Para planejar seu agronegócio

O perfil de 20 segmentos do agronegócio.
Mostrando áreas plantadas, quadros comparativos com outros países,
participação no PIB, custo de produção, metas a cumprir e perspectivas.
Uma visão completa para o leitor ter um respaldo firme e saber como
ganhar dinheiro no seu negócio.

Informações detalhadas e comentários abrangentes sobre:

- SOJA
- TRIGO
- MILHO
- ARROZ
- CANA-DE-AÇÚCAR
- CAFÉ
- CITRICULTURA
- ALGODÃO
- FEIJÃO
- MAÇÃ
- BATATA
- FRUTICULTURA
- HORTICULTURA
- FLORICULTURA
- SILVICULTURA
- BOVINOS DE CORTE
- BOVINOS DE LEITE
- OVINOS
- SUÍNOS
- AQUICULTURA



Lista inédita e única
com endereços completos e
atualizados de todos os serviços
e produtos existentes no segmento rural do Brasil.
Um serviço de utilidade inigualável.



Fechamento publicitário - 31 de julho de 2001

Uma edição que vale por 12

Plante aqui o seu anúncio para colher maiores vendas!

Nº 16 - R\$ 18,00

2001/2002

a granja
DO
ANO

PORTE PAGO
Códigos
ISR-49-2308/01

PRODUTOS & SERVIÇOS
Nome e
endereço de todas
as empresas
que produzem
bens e serviços
para a
agropecuária

AGRONEGÓCIOS
O desempenho
de 20
atividades
do setor
primário

Saiba quem vai
receber o troféu
Destaque/2001
A GRANJA DO ANO

Oportunidade
única para marcar
presença a custos
baixíssimos
durante
12 meses.



Maiores informações:

São Paulo
Praça da República, 473 - 10º andar
CEP 01045-001 - São Paulo - SP
Fone/Fax: (11) 220-0488
E-Mail: granjasp@osite.com.br
Home page: www.agranja.com

Porto Alegre
Av. Getúlio Vargas, 1526
CEP 90150-004 - Porto Alegre - RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-Mail: mail@agranja.com
Home page: www.agranja.com

Rio de Janeiro
Rua Teófilo Otoni, 15/913
CEP 20090-080 - Rio de Janeiro - RJ
Fone: (21) 554-8666
Fax: (21) 283-1661
Celular: (21) 9958-2869
E-Mail: sidney.lobato@ig.com.br

Minas Gerais
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222
conj. 105 - CEP 30380-530
Belo Horizonte - MG
Fone/Fax: (31) 3297-8194
Fone: (31) 3344-9100
Celular: (31) 9993-0066

Distrito Federal
SCLN 302 - Bloco C - Sala 104
CEP 70723-530 - Brasília - DF
Fone: (61) 326-1271
Fone/Fax: (61) 328-0456
Celular: (61) 9975-2442
E-Mail: midia.r@terra.com.br

O PAPEL DOS TRANSGÊNICOS NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS

O maior fórum latino-americano de debate científico e político na área de biotecnologia vegetal, que aconteceu pela primeira vez no Brasil, reuniu pesquisadores expoentes nessa área

Utilizar plantas transgênicas como alternativa para aumentar a produção de alimentos e potencializar a produtividade. Esse foi um dos temas de destaque da programação do IV Encontro Latino-Americano de Biotecnologia Vegetal – RedBio'2001, que ocorreu no mês passado, em Goiânia/GO. O assunto foi apresentado pela professora do departamento de genética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Maria Helena Zanettini, sob o título “Plantas Transgênicas no ano 2025”. De acordo com ela, sem a ferramenta da biotecnologia e dos transgênicos, corremos o risco de chegar a 2025 com um déficit de 679 milhões de toneladas de cereais nos países em desenvolvimento, de acordo com projeções de aumento de demanda.

Dados apresentados revelaram que as plantações de transgênicos aumentaram de 1,7 milhão de toneladas, em 1996, para 44,2 milhões em 2000. “Cerca de 72 espécies vegetais já foram aprovadas para testes de campo na Europa e nos Estados Unidos, sendo o milho a planta mais pesquisada”, acrescentou Maria Helena.

A solução para o problema da falta de alimentos por meio do cultivo de transgênicos também foi abordado pelo presidente do Instituto de Biotecnologia Ve-

getal para os Países em Desenvolvimento, Marc Van Montagu. Ao apresentar a conferência “Por que devemos continuar com plantas geneticamente modificadas”, ele frisou que os países em desenvolvimento precisam dobrar seu nível de produção, usando a mesma área de cultivo, devido ao aumento da necessidade de alimentos. “Uma das experiências mais urgentes é o desenvolvimento de variedades de plantas resistentes à seca”, declarou.

As pesquisas realizadas por cientistas brasileiros, especialmente na área de trigo, foram apresentadas com o tema “Biotecnologia para melhoramento de cereais de inverno”. Conforme o pesquisador da Embrapa de Passo Fundo/RS, Edson Iorezeski, estão sendo desenvolvidos experimentos com sementes de trigo, que têm por objetivo melhorar a sua qualidade final e torná-lo mais resistente a doenças. “Tais pesquisas terão um impacto positivo para o consumidor final no que se refere à qualidade do pão e seus derivados”, afirmou.

CONCLUSÕES

As conclusões do IV Encontro Latino-Americano de Biotecnologia Vegetal resultaram na criação da Declaração de Goiânia. Um dos principais pontos do documento é a necessidade de que a opinião pública compreenda os conceitos ligados à biotecnologia vegetal. Para Marc Van Montagu, o público tem uma percepção errada sobre os transgênicos. “Não há provas de que esses organismos causem danos à saúde ou ao meio ambiente. Um dos maiores problemas é a falta de informação sobre esse tema.” Segundo o coordenador técnico da RedBio (Rede Latino-

Americana de Biotecnologia Vegetal), Juan Izquierdo, uma das estratégias da entidade será a implementação de três projetos voltados à informação, à educação e à mudança da percepção pública. “Serão boletins e comunicados voltados para médicos, pesquisadores, parlamentares, além de cursos a distância e jogos educativos para crianças”, explicou.

Outro tópico da Declaração de Goiânia se refere à importância de aumentar a competitividade do setor agrícola da América Latina e do Caribe como forma de complemento ao combate à pobreza. Para isso, os cientistas sugerem a criação de tecnologias apropriadas abrindo espaço para o uso de novas biotecnologias. A preocupação com o risco do monopólio foi outro problema citado pelos palestrantes. “Precisamos investir na pesquisa pública para afastarmos esse risco que afetaria os pequenos agricultores”, completou a pesquisadora Maria Helena Zanettini.

Durante os cinco dias, o evento reuniu 850 participantes que estiveram envolvidos em 73 atividades, incluindo conferências, *workshops*, simpósios, minicursos e mesas-redondas. Os trabalhos foram coordenados por 168 especialistas de todo o mundo. 



Izquierdo, coordenador da RedBio: é preciso mudar a percepção do público sobre o tema

PREVINA-SE CONTRA PRAGAS E DOENÇAS

Todo o cuidado é pouco para garantir a saúde da sua lavoura. Esse é o momento da prevenção contra os inimigos do trigo, no qual o monitoramento semanal é obrigatório

Ana Esteves

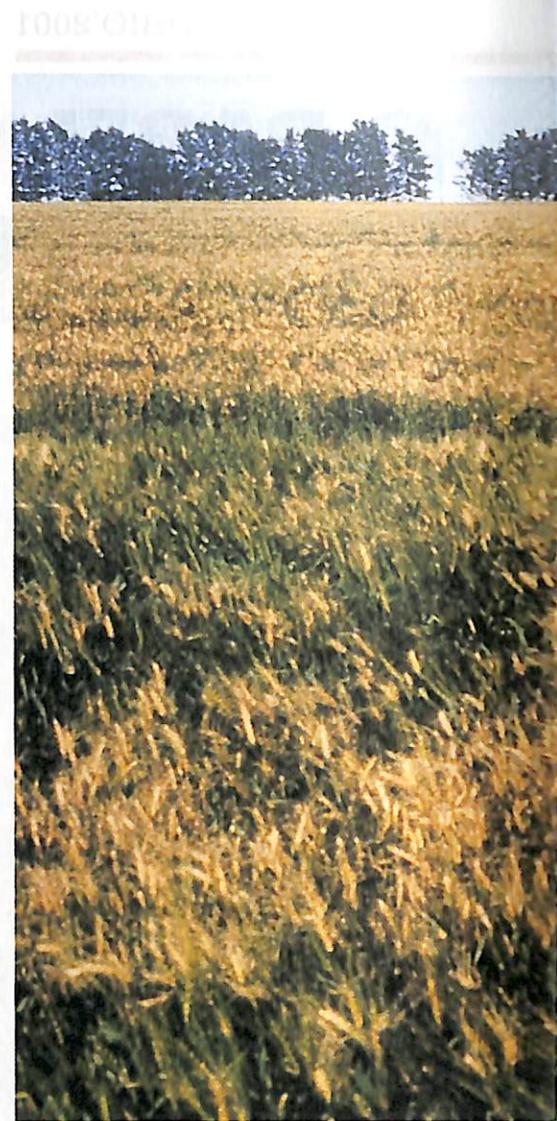
A hora é agora. Os produtores de trigo que quiserem afastar de suas lavouras o fantasma das pragas e doenças devem aproveitar o período inicial da safra para tomar as devidas precauções e evitar as perdas, que em muitos casos podem atingir 80% da área plantada. Esse é o momento da prevenção, quando as atenções devem estar todas voltadas para a lavoura, pois qualquer vacilo pode custar o lucro de toda uma safra. Em 12 anos de experimentações realizadas pela Embrapa Trigo, a perda média atribuída às doenças fúngicas chegou a quase 45%, o equivalente a 1.152 kg de trigo por hectare.

“É importante frisar que a lavoura de trigo é uma ótima alternativa de inverno, mas ao mesmo tempo é muito cara e está sempre concorrendo com o produto importado. Por isso, os produtores devem estar conscientes da importância de utilizar todo tipo de tecnologia disponível para evitar pragas e doenças”, declara o fitopatologista e pesquisador da Embrapa Trigo, Edson Picinini. Na sua opinião, uma das melhores formas de prevenção, principalmente no caso de doenças como a ferrugem da folha (*Puccinia recondita*), o oídio (*Blumeria graminis*) e a giberela (*Gibberella zeae*), é o uso de variedades de sementes geneticamente resistentes ou que, embora mais suscetíveis às doenças,

adquiram resistência conforme o crescimento da planta. “O melhoramento dos genes de algumas cultivares de trigo tem obtido enorme sucesso em incorporar resistência a determinados fungos, como os biotróficos, que causam, entre outras doenças, a ferrugem e o oídio”, explica. No entanto, ele admite que é muito difícil garantir a resistência genética para todas as enfermidades. “Para fungos denominados necrotróficos, como os causadores das “manchas foliares”, o aprimoramento genético não tem dado bons resultados, pois a resistência é governada por muitos genes”, afirma.

Uma segunda alternativa que também tem ajudado a minimizar os problemas com a “saúde” do trigo é a aplicação de fungicidas nas sementes mais suscetíveis. “O controle do oídio, por exemplo, via tratamento de sementes, apresenta um custo de aproximadamente US\$ 4,80 por saco, ou US\$ 14,50 por hectare. Comparando com a aplicação via foliar, que apresenta custo de US\$ 27 por hectare, a primeira opção ainda continua sendo a mais econômica”, analisa o pesquisador da Embrapa Trigo, José Maurício Fernandes.

Outro grande aliado dos agricultores na hora de se prevenir contra pragas e doenças é o monitoramento semanal das plantações para identificar o início e a evolução da infestação. Utilizando uma téc-



Lavoura atacada pela brusone, doença que se.....

nica simples, o próprio produtor pode fazer esse trabalho. “Semanalmente, ele deve realizar visitas à lavoura e recolher amostras de plantas de diferentes pontos. Depois, é só destacar as folhas, separando as que apresentam algum sintoma de doença, identificadas pelas pústulas vistas a olho nu. As amostras para o monitoramento devem conter no mínimo 50 plantas”, informa Edson Picinini. Com essa técnica, é possível saber como está a evolução das doenças e iniciar o controle no momento correto.

No caso das pragas, como o coró-do-trigo (*Phyllophaga triticophaga*), é importante que seja feita uma avaliação do solo antes do plantio, para identificar o índice populacional das larvas. Para isso, são abertas trincheiras com auxílio de pá-de-corte. “Se não exceder cinco larvas por metro quadrado, o controle pode ser dispensado, pois nesse caso o custo de tratamento se equipara ao dano. Acima desse nível, o trabalho com inseticidas na área é indispensável”, explica o pesquisador da Área de Manejo Integrado de Insetos da



A Granja

..... prolifera especialmente em regiões mais quentes, como o Mato Grosso do Sul e o norte do Paraná

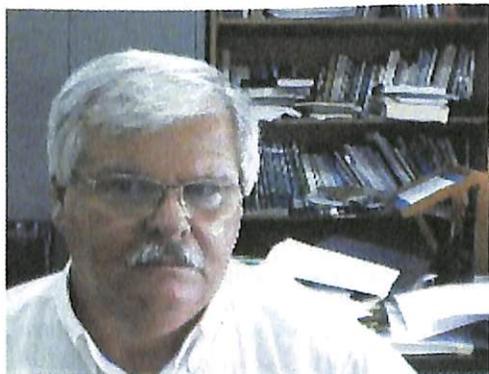
Fundação Centro de Experimentação e Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fundacep), Mauro Tadeu Braga da Silva.

Esse trabalho de monitoramento também pode ser executado via internet, pelo site www.cnpt.embrapa.br, como explica Edson Picinini. “A Embrapa Trigo possui um sistema de controle de lavouras via internet, que permite realizar uma simulação do que pode acontecer com a plantação e dá suporte para que o agricultor

possa encontrar as respostas certas para a solução de seus problemas”, detalha. O processo é muito simples e exige apenas que sejam informados alguns dados básicos sobre a lavoura, como data do plantio, nome do fungicida utilizado, época de aparecimento da doença, a estação do ano em que ela se manifestou e número do cultivar utilizado. “A partir dessas informações, geramos dados que fazem o trigo crescer virtualmente, permitindo enxergar

o futuro da cultura e até mesmo simular a aplicação de fungicidas”, destaca Picinini.

As opções para prevenção são muitas, mas uma delas é considerada unanimidade entre técnicos e pesquisadores: a rotação de cultura. Conforme o coordenador da área de Proteção de Plantas do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), Yeshwant Mehta, os produtores devem estar conscientes da importância de evitar a monocultura. “Plantar trigo sobre trigo só incentiva a reprodução de pragas e doenças”, alerta. O pesquisador José Maurício Fernandes recorda que as técnicas de preparo do solo no Brasil, até o final dos anos 70, eram caracterizadas pela queima da palha e pelo revolvimento do solo com o uso de arado e de grades de discos. Essa técnica era adequada para facilitar a semeadura e para controlar plantas daninhas e doenças. “No entanto, o uso intensivo desse preparo degradou o solo e formou camadas compactas, gerando um processo corrosivo”, diz. De acordo com ele, o sistema de plantio direto veio na carona desse método antigo. “Com ele, a manu-



Divulgação

Picinini, da Embrapa Trigo: altas temperaturas e precipitações pluviáias são os aliados das doenças fúngicas



Divulgação

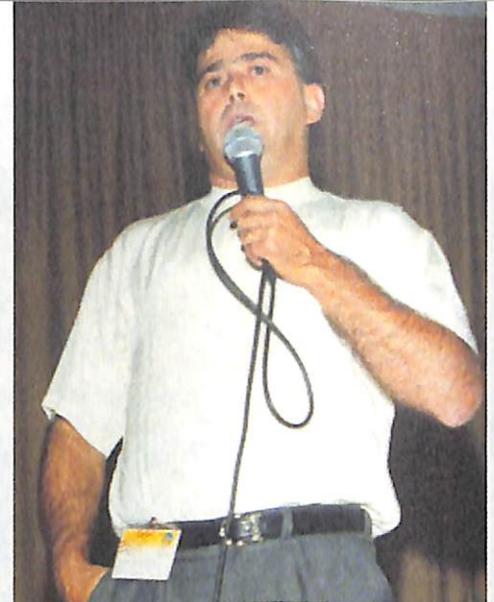
Fernandes, da Embrapa Trigo: uma alternativa é a aplicação de fungicidas nas sementes mais suscetíveis



Divulgação



A Gramjira



Divulgação

A ferrugem da folha se desenvolve rapidamente, cerca de 70 dias após o plantio

A giberela é uma das doenças mais temidas, pois não há variedades de sementes resistentes a sua ação

Silva, da Fundacep: é importante que se faça uma avaliação do solo antes do plantio

tenção dos restos culturais (palha) na superfície do solo ocasionou uma mudança drástica no microclima, onde vivem plantas e animais, favorecendo a incidência de doenças”, explica Fernandes.

A mancha bronzeada do trigo (*Drechslera tritici-repentis*), por exemplo, é muito influenciada pelo sistema de plantio direto, pois essa doença tem se destacado pela habilidade de sobreviver nas camadas superficiais dos restos culturais. No caso das pragas, a rotação de culturas também obtém bons resultados. “Nas áreas com plantio direto, a incidência de corós e lagartas, por exemplo, é muito maior, mas se o solo for trabalhado, as chances de controle aumentam”, informa o pesquisador do Iapar, Nei Domiciano. De acordo com ele, o instituto está desenvolvendo uma pesquisa para determinar os termos de alternância dos plantios direto e convencional, sob o ponto de vista fi-

tossanitário, já que o preparo do solo é importante não só para descompactar, mas para evitar pragas. “O objetivo é saber-mos qual a medida ideal de se alternar as duas formas de plantio”, completa.

FUNGICIDAS

Caso os métodos de prevenção das doenças e pragas não alcancem os seus objetivos, uma das últimas alternativas é a utilização de controle por meio de fungicidas. Eles se constituem em uma importante ferramenta para estabilizar a produtividade do trigo em regiões com alto impacto de doenças fúngicas, como ocorre na Região Sul do Brasil, e também de pragas, como o pulgão. “Antes de iniciarmos o controle com esses produtos, precisamos identificar quais as doenças, como elas invadem a planta, como se desenvolvem dentro dela, como sobrevivem

de um ano para o outro e em que tipo de cultura”, ressalta José Maurício Fernandes.

No caso de utilizar fungicidas para as pragas, é preciso ter cautela e utilizar defensivos seletivos, que não agredam insetos não visados, como predadores naturais e parasitas, comenta o pesquisador da Embrapa Trigo, José Roberto Salvadori. Para o manejo de pragas como o pulgão, as lagartas e os corós, ainda é mais indicado o controle biológico, por meio dos inimigos naturais, mas não se dispensa totalmente o uso de inseticidas.

DOENÇAS

Condições climáticas marcadas por altas temperaturas e precipitações pluviárias frequentes aliadas à utilização de sementes suscetíveis. Essa é combinação ideal para o desenvolvimento das doenças fúngicas do trigo. As duas principais vilãs, que tiram o sono dos produtores, são a ferrugem da folha e a giberela. “Existem cinco doenças muito preocupantes no país e que ocorrem com mais frequência, ocasionando perda de produtividade nas lavouras de trigo. Mas a mais destrutiva de todas é a ferrugem da folha, que chega a motivar perdas de até 80%”, explica o fitopatologista da Embrapa Trigo, Edson Picinini.

A ferrugem da folha se desenvolve rapidamente, cerca de 70 dias após o plantio, período em que, no Rio Grande do Sul, por exemplo, a temperatura aumenta um pouco após o plantio. “A ferrugem está amplamente distribuída, indo desde a fronteira gaúcha até o centro do país. Os elementos favoráveis para o seu aparecimento são a chuva, o vento e as temperaturas amenas”, informa. Ela é causada pelo fungo *Puccinia recondita*, um parasita obrigatório, ou seja, que precisa da planta do

Outras doenças

Oídio — O oídio (*Blumeria graminis tritici*) merece atenção especial. Ele se manifesta na fase de germinação do trigo, quando as condições climáticas estão favoráveis, com temperaturas amenas que vão se elevando gradativamente e quando as variedades de sementes são mais suscetíveis. O oídio está disseminado principalmente na Região Sul, sendo menos frequente no Paraná e no Centro-Oeste. Essa doença pode ocasionar perdas de até 60%. O trigo doente apresenta as folhas envoltas em uma espécie de pluma branca.

Helminthosporiose — Causada pelo fungo *Bipolaris sorokiniana*, ela é muito encontrada em todas as regiões tritícolas do país e incide em qualquer fase da cultura, desde a germinação até a colheita. Ela se estabelece na folhas, no colmo, na espiga,

nos grãos e no sistema radicular. Os sintomas são manchas alongadas de coloração marrom-escura. A aplicação de fungicidas deve ser iniciada quando a porcentagem da área foliar atingir 5% da área total.

Mancha foliar amarela — A *Drechslera tritici* aparece muito no sistema de plantio direto, pois quase 100% da doença sobrevive na palha. A sua presença é mais notada na Região Sul, pelo clima mais frio, e ataca 25 dias após o plantio. Os sintomas iniciam com um pequeno ponto circular amarelado na folha.

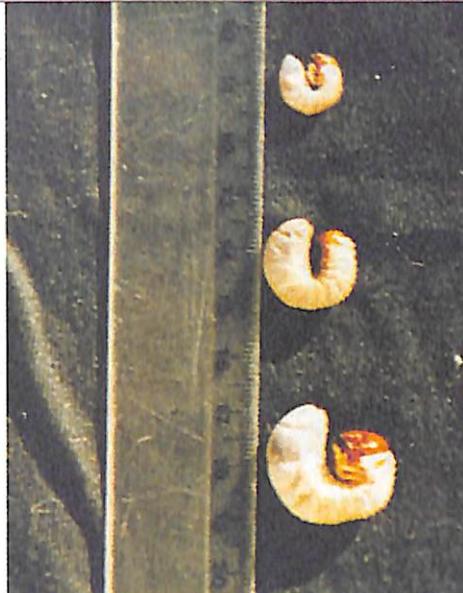


Divulgação



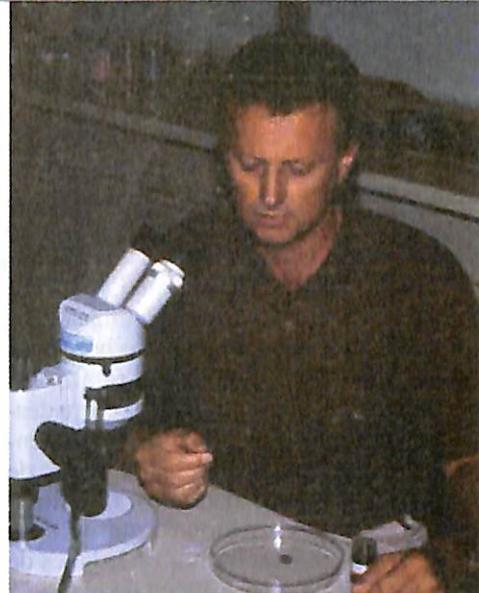
A Gramíja

O pulgão, que dizimou as lavouras de trigo em todo o país, há 25 anos, ainda causa preocupação



Divulgação

O coró-do-trigo é hoje o principal vilão, difícil de ser controlado, pois se instala no subsolo



Divulgação

Salvadori, da Embrapa Trigo: o combate ao coró passa por uma técnica completa de manejo do solo

trigo para sobreviver. Os sintomas se caracterizam pela ocorrência de manchas de coloração amarelo-alaranjada, predominantemente na face superior da folha do trigo, mas também encontradas no caule e na espiga.

Outro tipo de fungo, o *Puccinia graminis* é responsável pela ferrugem do colmo do trigo, também conhecida como ferrugem negra ou ferrugem negra do colmo. Os sintomas nesse caso são pústulas

ovais ou alongadas, de coloração marrom-avermelhada e escura. De acordo com Yeshwant Mehta, do Iapar, o controle dessa doença é feito através de sementes mais resistentes.

Mas nenhuma doença é mais assustadora do que a giberela, já que não existem variedades de sementes resistentes a sua ação. "Ela não tem controle, a não ser pela rotação de cultura", enfatiza Mehta. No momento, a giberela mobiliza cientis-

tas do mundo inteiro, que buscam alternativas para evitar a disseminação da doença. "Nos últimos anos, os Estados Unidos têm investido pesado em pesquisas para descobrir uma cultivar que resista aos danos da giberela. Aqui no Brasil, os investimentos não são tão intensos, mas também temos entidades, como a Embrapa, muito empenhadas na busca por soluções", afirma Edson Picinini. Segundo ele, em muitos casos, a doença aparece

INSTALAÇÕES DE ARMAZENAGEM NÍVEL DE FAZENDA



Mais Qualidade às Safras, Eliminando Desperdícios e Aumentando sua Lucratividade!

- ✓ Capacidades para 5, 10, 15, 20, 25 e 30 mil sacos;
- ✓ Instalações padronizadas, compostas de máquina de limpeza, transportador e silo armazenador, podem ser fornecidas com ou sem secador;
- ✓ Possibilidade de escolha da melhor época para comercialização;
- ✓ Aproveitamento total do produto - resíduos, mais grãos quebrados;
- ✓ Mantém na propriedade o produto para consumo próprio;
- ✓ Flexibiliza o escoamento da produção na época de pico da colheita;
- ✓ Promove o alongamento do período de colheita e entrega;
- ✓ Elimina o pagamento de taxas de secagem e armazenagem;
- ✓ Diminui perdas com descontos em classificação;
- ✓ Proporciona redução nos gastos com fretes;
- ✓ Oferece garantia de qualidade do produto colhido.

KEPLERWEBER

INFORMAÇÕES

DDG 0800-512104
www.kepler.com.br
marketing@kepler.com.br

FONES:

Panambi/ RS (0**55) 3375-4000 - Porto Alegre/ RS (0**51) 3361-9600
Cascavel/ PR (0**45) 226-5422 * São Paulo/ SP (0**11) 5581-1166
Goiania/ GO (0**62) 233-4500 * Cuiabá/ MT (0**65) 627-1087

SANDE

em função do plantio direto, pois permanece nos restos culturais. “A fase mais crítica se dá quando ocorrem chuvas durante a floração, possibilitando a disseminação. No ano passado, um experimento de campo demonstrou perdas de até 26% em função da giberela”, afirma.

Além disso, o fungo libera uma toxina que pode prejudicar a saúde do homem e dos animais. Nos suínos, que se alimentam com ração à base de trigo, ocorre desregramento do cio, abortos e sangramentos. As aves passam a ter dificuldades de se alimentar, e, nos humanos, o efeito é esterilizante. “A melhor forma de controlá-la é utilizar melhores variedades de sementes e escalonar a época de plantio”, afirma Picinini. O principal sintoma são espigas brancas e secas.

Outra doença semelhante à Giberela e que também tem mobilizado os pesquisadores é a Brusone (*Pyricularia Grisea*), muito comum em regiões quentes, como o Mato Grosso do Sul e o norte do Paraná. “Ainda não encontramos sementes resistentes a essa doença, já que o fungo sofre mutações constantes”, diz José Maurício Fernandes, da Embrapa Trigo. De acordo com ele, nem mesmo o tratamento com fungicidas tem dado resultado, complicando o controle, e o manejo deve ser feito na época de plantio. “A doença ataca a espiga, onde deixa manchas brancas, ou as folhas ficam recheadas de “anéis”, explica.

PRAGAS

Durante muitos anos, o nome Pulgão foi motivo de pânico para milhares de triticultores de todo o Brasil. Hoje, ele perdeu esse status de grande vilão das lavouras, mas ainda causa preocupação. “Um dos principais danos dos pulgões, causado de forma indireta, é a transmissão de um vírus que reduz o potencial de produção do trigo, conhecido como Vírus do Nanismo Amarelo da Cevada (VNAC)”, explica o pesquisador do Iapar, Nei Domiciano. A virose é disseminada de plantas infectadas para sadias pela saliva do vetor e pode ocasionar sintomas como nanismo de plantas e folhas de coloração amarelo-intensa com bordas arroxeadas mais curtas e eretas. Segundo ele, o pulgão aparece quando é utilizada uma variedade mais suscetível de sementes, em condições climáticas com temperaturas em torno de 19°C e pouca chuva.

Há cerca de 25 anos, as lavouras de trigo de todo o Brasil foram totalmente dizimadas pela praga. Divididos em duas espécies, da folha (*Metopolophium dirhodum*) e da espiga de trigo (*Sitobion ave-*



Divulgação

O coró aparece durante a época de plantio, devido ao manejo do solo

nae), eles alcançaram níveis alarmantes, provocando drásticas reduções na produtividade dos triticultores. “Em 1974, nas áreas sem controle das pragas, o rendimento do cereal foi reduzido em até 88%. Estima-se que em todo o sul do Brasil, no período de 1967/1972, os danos causados tenham sido da ordem de 20%”, relata o pesquisador da Embrapa Trigo, José Roberto Salvadori. Na época, o uso de controle químico era generalizado, variando de três a quatro aplicações de inseticidas por safra. “Para se ter uma idéia, 100% da área de trigo era controlada por químicos”, diz. A solução surgiu com a importação de vespígnas de países da Europa e do Oriente Médio para a realização do controle biológico dos pulgões.

Nei Domiciano questiona a eficácia desses predadores naturais. “Acredito que ela não foi a única responsável pelo controle dos pulgões, mas teve a ajuda de fatores externos, como o processo de migração dos insetos e as mudanças climáti-

cas. Ainda hoje, encontramos muitas múmias de pulgões no trigo, mas é impossível atribuir esse sucesso somente à vespa”, afirma.

Hoje, o principal vilão das lavouras de trigo é o coró-do-trigo (*Phyllophaga triticophaga*). “Ele não está tão generalizado como foi o pulgão, mas é mais

difícil de ser controlado, pois se instala no subsolo”, comenta Salvadori. De acordo com ele, os custos para combatê-lo são muito elevados, e o manejo, complicado, pois é preciso cavar trincheiras no solo para localizá-los. “Além disso, o ciclo biológico é muito longo e dura de um a dois anos, enquanto o pulgão dura apenas uma semana.” Salvadori diz que só é possível controlar o coró por meio de uma técnica completa de manejo do solo, para que o produtor possa saber as reais condições da área e encontrar as soluções com antecedência ou com o tratamento de sementes com inseticidas. “Eles aparecem predominantemente durante a época de plantio, devido ao manejo do solo feito pelo plantio direto.” Os danos são causados exclusivamente pelas larvas, que se alimentam principalmente de raízes, mas também consomem sementes. Eles estão disseminados em todas as regiões produtoras do Brasil, com destaque para o Rio Grande do Sul. 

Outras pragas

Lagartas — O pesquisador da Embrapa Trigo, José Roberto Salvadori, informa que existem dois tipos de lagartas que se alimentam de trigo: a lagarta-militar (*Spodoptera frugiperda*) e a lagarta-do-trigo (*Pseudaletia sequax*). Ambas comem à noite e em dias nublados. “Geralmente ocorrem em focos, causando danos, inicialmente, em áreas restritas, mas tendem a se expandir”, explica Salvadori. Segundo ele, em locais com vegetação mais densa, ou com plantas acamadas, pode existir maior concentração de lagartas-do-trigo. “Estima-se que 40% da área cultivada na Região Sul é tratada com inseticida para tratar da praga”, diz. Seus danos ocorrem desde o espigamento até a fase de maturação do trigo.

Percevejos — As espécies mais comuns encontradas no trigo são Percevejo-Verde (*Nezara viridula*) e Percevejo-Raspador (*Collaria scenica*). O primeiro se alimenta

nos períodos do ano em que as temperaturas se encontram mais amenas. Ele ataca as espigas em formação, deixando-as deformadas, secas e brancas, sintomas semelhantes aos danos causados pelas geadas. Já o percevejo-raspador também é conhecido como percevejo-do-capim e de percequito. Ao introduzir os estiletes bucais nos tecidos vegetais, para sugar o tecido celular, provoca morte nas células e aparecimento de manchas esbranquiçadas, longitudinais, que podem evoluir para o secamento do tecido. Esse percevejo ataca as folhas, colmos e espigas. A população cresce a partir do mês de setembro, quando, normalmente, o trigo está emborachado ou em espigamento.



A Granja

lagartas

*Lembre-se
disso
ao planejar
sua mídia.*

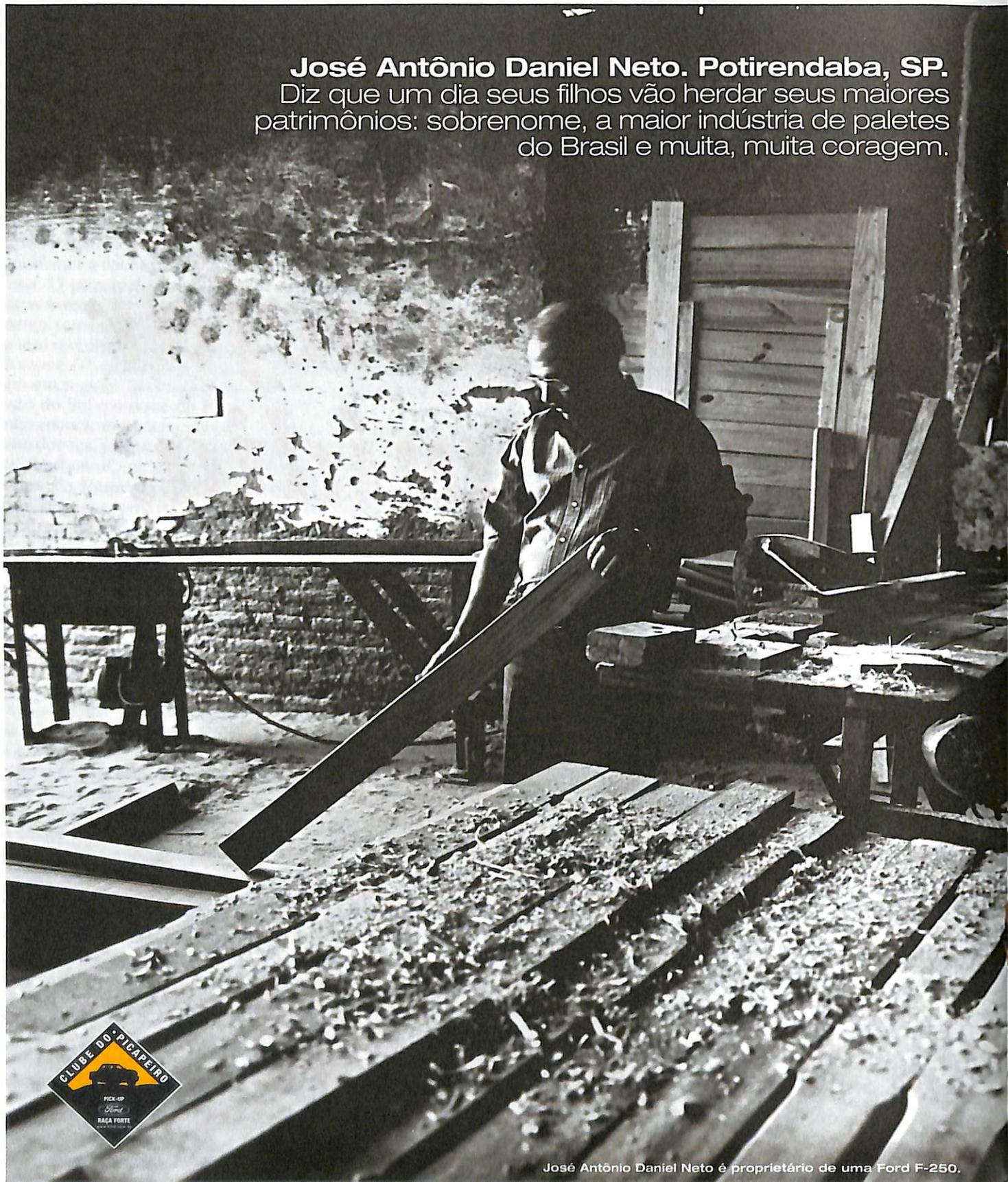
Lá onde está o grão, está



a granja
A REVISTA DO
LÍDER RURAL

Há 56 anos

José Antônio Daniel Neto. Potirendaba, SP.
Diz que um dia seus filhos vão herdar seus maiores
patrimônios: sobrenome, a maior indústria de paletes
do Brasil e muita, muita coragem.



José Antônio Daniel Neto é proprietário de uma Ford F-250.

www.ford.com.br

Centro de Atendimento Ford: 0800 703 FORD (3673)

Ford F-250.
Inspirada no que o campo
tem de mais forte.

JWThompson



Pick-ups Ford. Tricampeãs em vendas.

PICK-UP



RAÇA FORTE

Use o cinto de segurança. Os veículos Ford estão em conformidade com o PROCONVE - Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores. Alguns itens apresentados são opcionais.

COTTON MADE IN E

Mais de 3 mil pessoas estiveram presentes no evento Algodão de Mato Grosso, Qualidade e Tecnologia Ampliando Mercados, em Rondonópolis/MT, quando foi fechada a primeira transação experimental de exportação de pluma para o Japão

Texto e fotos: Ana Esteves

Quatro anos. Esse foi o tempo necessário para que o Estado de Mato Grosso passasse de pioneiro a maior produtor de algodão do país. Hoje, ele é líder absoluto, saltando de uma produção de 34,8 mil toneladas de pluma na safra 1996/1997 para as 481,3 mil toneladas, esperadas para este ano. A produtividade que era de 630 kg de pluma por hectare pulou para 1.301 kg em 2000. O resultado desse crescimento é que cerca de 58% da fibra produzida no Brasil vem do MT, que tem 43% da área plantada com algodão.

Com a contribuição do Mato Grosso, o Brasil deixou de ser um grande importador do produto e conseguiu sua auto-suficiência, com números de exportação chegando a 100 mil toneladas de pluma em 2001. A expectativa para 2002 é saltar para 300 mil toneladas. Essa boa fase do algodão mato-grossense pôde ser confirmada durante o evento em campo Algodão de Mato Grosso, Qualidade e Tecnologia Ampliando Mercados, que aconteceu no dia 9 de junho, em uma das propriedades do Grupo Sementes Mônica, no município de Rondonópolis, a 220 km da capital

Cuiabá. Até mesmo países com tradição no cultivo da fibra, como a Índia e a Tailândia, mandaram seus representantes ao evento para conferir de perto a qualidade do produto *made in* Brasil e propor novos negócios.

Com a presença de mais de 3 mil pessoas, o dia de campo organizado pela Fundação MT apresentou 13 estações técnicas com temas como "Aspectos da Melhoria da Qualidade", "Mercado Internacional de Algodão", "Comercialização de Algodão no Brasil" e "Dinâmica de Máquinas", acompanhadas por centenas de pessoas. O presidente da entidade, Blairo Maggi, definiu o encontro como um dia de agronomia, ensino e comércio. "Estamos com a nossa produtividade elevada, muito superior à média nacional, o que faz com que o MT, mesmo tendo dificuldades de logística e estando longe dos grandes centros consumidores, consiga ser eficiente e rentável", destacou. A qualidade do produto também foi ressaltada. "Temos um algodão de primeiríssima, e isso quem afirma são os importadores, tanto que a cada ano aumenta a exportação", justificou ele.

Segundo ele, o principal objetivo do evento foi promover a integração de toda a cadeia produtiva do algodão – produtores, técnicos e empresários – com as rápidas transformações que estão ocorrendo em todos os seg-

mentos da economia globalizada, visando a enfrentar novos desafios. "A sustentabilidade da cultura passa por grandes transformações de ordem técnica e de mercado. Para consolidar nossa posição de maiores produtores do Brasil e nos transformarmos em referência dos mercados nacional e internacional dessa fibra, trouxemos grandes especialistas e também representantes de diversos países interessados em comprar o nosso algodão", declarou.

O embaixador da Índia no Brasil, Muthal Puredath M. Menon, revelou que o governo do seu país, o primeiro a cultivar algodão no mundo, desde 1500 a.c., demonstra grande interesse comercial pelo produto brasileiro, mas disse ser muito cedo para falar em valores. "A Índia sempre foi uma grande produtora de pluma, mas agora começou a importar para suprir seu déficit. O MT é muito interessante para o nosso país. Já importamos soja e agora pensamos em realizar a mesma transação com o algodão, devido à sua excelente qualidade", ressaltou.

Além dos indianos, o algodão do MT também encantou os japoneses: durante o dia de campo, foi fechada a primeira transação experimental com o Japão. "A empresa Sumitomo, que atua na área de insumos de algodão, adquiriu uma amostra de 40 tonela-



EXPORTAÇÃO

das”, informou o diretor de relações institucionais da Fundação MT, Cloves Vettorato. A primeira remessa para os japoneses será distribuída como amostras para a indústria têxteis, abrindo perspectivas para exportação em grandes volumes.

Mas, apesar do cenário positivo, o presidente da Fundação MT afirma que as perspectivas de mercado para o futuro são preocupantes. “Não sei se o aumento da área plantada, registrada neste ano, terá continuidade. Os preços internacionais estão muito baixos, quase equiparados aos valores internos. Se a área não for aumentada, será uma pena, pois o MT perde esse ritmo de crescimento, que vem gerando muitos empregos e distribuindo renda.” Segundo ele, os produtores precisam ficar na “torcida” para que o preço internacional melhore e a produção possa ser aumentada.

NOVAS INDÚSTRIAS

Durante o evento, o governador do Mato Grosso, Dante de Oliveira, destacou que, depois dos bons resultados no campo, a meta do Estado é a busca de um número cada vez maior de indústrias, para em pouco tempo transformá-lo em um pólo têxtil. “A cada dia, temos novas fábricas vindo para o MT. Hoje, existem cerca de oito indústrias de fiação e tecelagem em processo de negociação ou já se instalando no Estado, como a Cotton Norte, por exemplo”, enfa-

tizou o governador. Essa empresa funciona totalmente verticalizada, produzindo e colhendo algodão, realizando descaroçamento, tecelagem, fiação, tintura e confecção. As demais indústrias em fase de instalação já estão com as obras iniciadas, como é o caso da Fiasul, originária de Toledo, Paraná. “Nesse ritmo, vamos atrair muitas outras, é só questão de tempo”, salientou ele.

Meggi, presidente da Fundação MT: a sustentabilidade da cultura passa por transformações de ordem técnica e de mercado



ALGODÃO NO MT		
Ano	Área (em mil ha)	Prod./pluma (em mil t)
1991/1992	57,0	29,9
1992/1993	60,0	38,6
1993/1994	66,0	41,5
1994/1995	69,4	39,9
1995/1996	53,9	33,1
1996/1997	55,2	34,8
1997/1998	110,1	94,2
1998/1999	200,1	242,7
1999/2000	268,8	349,9
2000/2001	370,4	481,3

Fonte: Conab

No que se refere ao racionamento de energia, o governador foi categórico: “Vamos conseguir cumprir as determinações do governo federal sem causar problemas para as indústrias, principalmente as de algodão, já que ele tem de ser beneficiado agora, no momento em que ainda não entramos com força total no racionamento”. Para ele, o evento em campo representou uma oportunidade de aglutinar os produtores que puderam ter contato com as novidades na área de pesquisa e tecnologia. “Nas palestras técnicas, cientistas e pesquisadores da Fundação MT mostraram as novas variedades e qualidades do nosso algodão”, enfatizou Oliveira. O governador falou ainda sobre as negociações entre a Secretaria da Fazenda, a Secretaria da Indústria e Comércio e o setor de algodão. “Queremos incrementar as exportações. So-



Menon, embaixador da Índia no Brasil, visita as estações experimentais (à direita)



Os participantes puderam conferir 13 estações sobre os mais diversos temas ligados à cadeia do algodão



Uma das atividades que mais chamaram a atenção do público presente foi a dinâmica de máquinas

mos o 10º Estado exportador, e o objetivo é nos fortalecermos cada vez mais. Esse é o primeiro ano em que o Brasil vai exportar algodão e ele basicamente sairá do MT, o que já representa um bom sinal”, comemorou.

O presidente da Associação das Indústrias Têxteis e Confecções do Mato Grosso, Paulo Antônio Skaf, disse estar orgulhoso com o trabalho dos cotonicultores. “A boa produtividade e a qualidade são patrimônios para o Brasil. Esse bom trabalho está sendo complementado com o da indústria têxtil,

portá-lo, agregando valores e divisas para o país e gerando empregos”, afirmou Skaf.

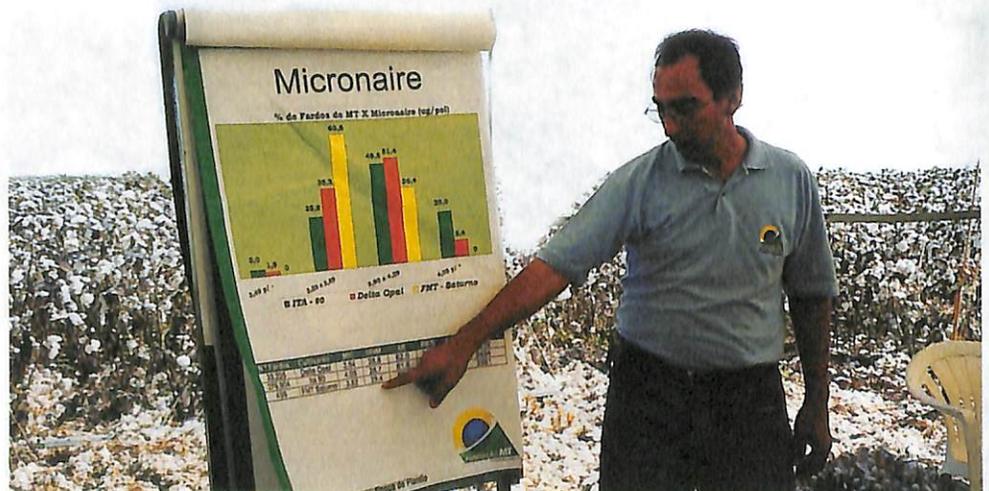
CULTIVAR INÉDITO

Um dos destaques da programação do dia de campo foi a Estação VIII que tratou sobre as Perspectivas do Melhoramento Genético do Algodão. “Falamos sobre muitas variedades, com atenção especial para a nova cultivar que está sendo lançada pela Fundação MT, a FMT Saturno”, explicou o coordenador do setor de tecnologia do algodão, Paulo Hugo Aguiar. De acordo com ele, as novas sementes trazem muitas vantagens para os produtores, pois, além de produzirem um algodão mais branco, têm maior comprimento e resistência de fibra. “Ela é muito superior às variedades já existentes, pois pelas suas características é ideal para a indústria de fiação”, argumentou o pesquisador. Aguiar acredita que a qualidade desse novo produto será bem recompensada. “Temos obtido produtividade bem alta e com certeza conseguiremos um preço maior por essa nova cultivar”, declarou.

Segundo o administrador das Sementes Mônica, Melhem Naim Charafeddine, o desenvolvimento dessa nova semente foi um dos motivos que determinaram a escolha da sua propriedade para a realização do dia de campo. A nova fibra está sendo desenvolvida em uma pequena área, mas existe a expectativa de crescimento. “Estamos avaliando o material em laboratório para depois aumentarmos a área. O objetivo é produzir algodão FMT Saturno e encaminhá-lo para indústrias de fiação do Brasil e do exterior para termos um retorno sobre a sua qualidade”, anunciou o produtor.

O sucesso do algodão do Mato Grosso se observa ainda na ampliação da área

que vai transformar esse algodão em fios e em confecção, para depois ex-



Aguiar, da Fundação MT: a nova variedade FMT Saturno tem maior comprimento e resistência de fibra

plantada da própria fazenda, de propriedade do gaúcho Sérgio Marchetti, que, dos 4.500 hectares utilizados em 2000, subiu para 6 mil hectares neste ano. "O clima está muito favorável, o que tem ajudado a manter a qualidade do produto", ressaltou Charafeddine. A propriedade, que em 2000 colheu 1.500 kg de pluma, prevê um aumento de 10% para este ano. "O algodão dá certo no Mato Grosso, porque os agricultores se preocupam em primeiro lugar com o cliente, nunca esquecendo de manter o diferencial da qualidade", acrescentou ele. 🌱



O produtor Marchetti, proprietário das Sementes Mônica, semeou 6 mil ha de algodão nesta safra

classigranja

PEQUENOS ANÚNCIOS - GRANDES NEGÓCIOS

PLATAFORMA PARA COLHEITA DE MILHO VENCE TUDO

- ◆ Chassi universal, acoplável em todas as marcas e modelos de colheitadeiras. IDEAL - JOHN DEERE - SLC - MF - AGCO ALLIS - NEW HOLLAND - CASE
- ◆ Caixa de transmissão com engrenagens cônicas temperadas e retificadas, banhadas a óleo.
- ◆ Ângulo de 20°(graus) de ataque ao solo, o menor do mercado, que garante o menor índice de perda de espigas na lavoura.
- ◆ Acompanha peneira superior do milho e fechamento de cilindro.
- ◆ Fabricadas de 3 à 14 linhas com espaçamentos variáveis de 50 a 90cm entre linhas.
- ◆ Ganhadora do prêmio Gerdau Melhores da Terra, na Expoiner 2000, categoria destaque.



Aprovada
pelo usuário



INDÚSTRIA DE IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS VENCE TUDO
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA.

Rod. RS 223 - Km 53 - Área Industrial - Ibirubá - RS - Brasil Fone/Fax: (0xx)54) 324-1169
e-mail: vencetudo@pro.via-rs.com.br

Venda permanente
de machos e fêmeas

MARCHIGIANA RO.

🐾 RANCHO CENTAURUS

Fone/fax: (51) 3233-1822

classigranja

PEQUENOS ANÚNCIOS
GRANDES NEGÓCIOS

AQUI
SEU ANÚNCIO
APARECE

AUTORIZE
JÁ!

(11) 220-0488 - SP
(51) 3233-1822 - RS

LEGUMINOSAS ORGÂNICAS

Feijão de Porco, Lab-Lab, Crotalárias Juncia, Mucronata, Spectabilis, Cunhã, Mucunas Preta e Anã, Puerária, Girassol, Mamona e outras variedades. PRODUÇÃO PRÓPRIA - ESTOQUE PERMANENTE

PORTO DO VALE LTDA. - Juazeiro - BA
Fone: 81-3441-9499 - Fax: 81-3441-9574

COLHE MAX

PLATAFORMA DE COLHER MILHO

- Plataforma universal, pode ser acoplada em diversos modelos de colhedora, desde que use o kit específico de adaptação.
- Plataforma leve, próxima do embocador e com um melhor ângulo de colheita.
- Acoplamento fácil, rápido e seguro na colhedora.
- Fácil troca de espaçamento entre linhas.



A MELHOR TECNOLOGIA DE COLHER MILHO

IRMÃOS THÖNNIGS LTDA.

BR 386 km 174 - Telefax: (054) 330-2300 - CEP 99500-000 - Carazinho - RS
HOME-PAGE: www.max.ind.br - E-mail: max@annex.com.br

EM COMPASSO DE ESPERA

A telefonia rural está praticamente estagnada no Brasil. Nem mesmo

o processo de privatização do Sistema Telebrás, em 1998, mudou a situação.

Para reverter esse quadro, o produtor fica na dependência das promessas de que o governo federal irá investir cerca de R\$ 100 milhões no setor, até o final de 2002

Texto: Ana Esteves / Fotos: Décio Godoy

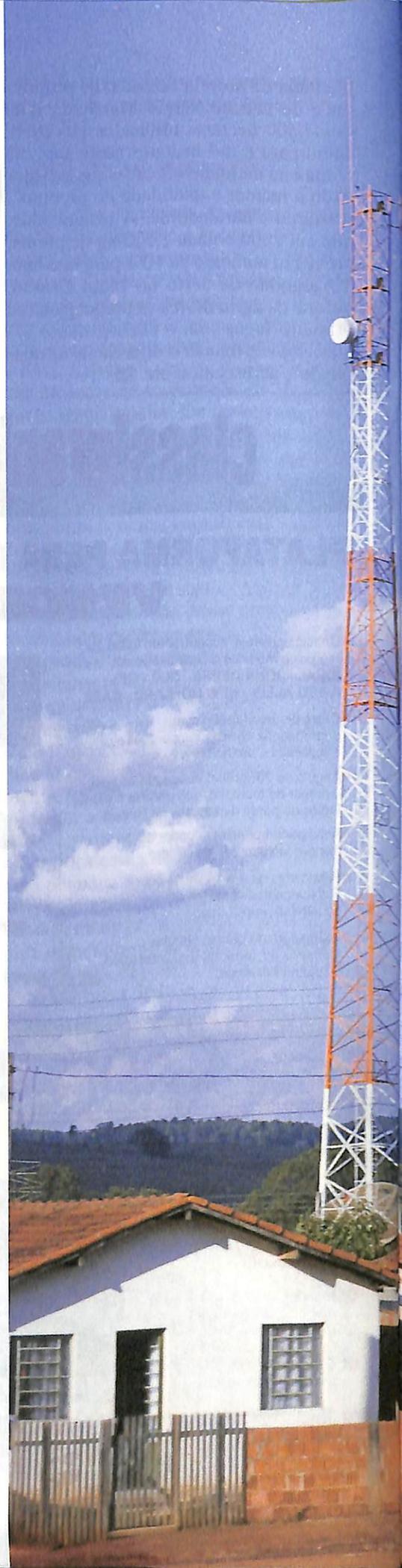
Em plena era da Internet – em que um telefone celular troca *e-mails*, disponibiliza imagens, toca músicas em MP3 e através de um computador se está conectado aos quatro cantos do mundo –, o simples ato de se comunicar via telefone continua sendo um problema para os produtores rurais brasileiros. Ao que parece, os novos tempos de comunicação total – quando aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos, como computadores, câmaras digitais e

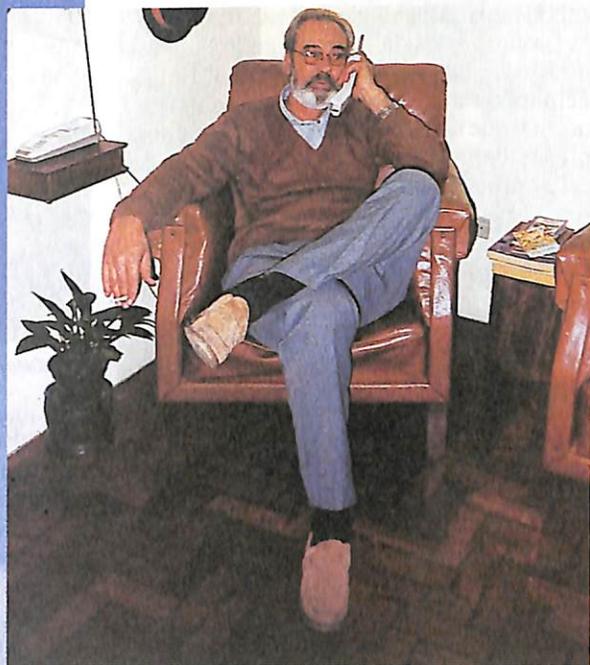
geladeiras poderão trocar informações entre si sem a ajuda do ser humano, através de ondas de rádio – estão isolando o produtor rural.

Desde a privatização do Sistema Telebrás, em 1998, e da divisão das operadoras em móvel e fixa, o setor de telefonia rural passa por um período de estagnação. Em muitas localidades, onde o produtor não se enquadra nas linhas de tarifação básica, devido à distância de sua propriedade das cidades, a única alternativa continua sendo a comunicação via rádio, conhecida como Serviço Limitado Privado (SLP), que apresenta uma série de limitações, como falta de sigilo, baixa capacidade de alcance e custos elevados.

Segundo o professor adjunto e coordenador do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Engenharia Elétrica da Universidade de Brasília (UnB), Leonardo Menezes, em muitas regiões ainda são utilizadas tecnologias antigas como a Rede Nacional de Atendimento Comunitário (Renac), a Central Telefônica Comunitária e o sistema Multiacesso, que funcionam através da instalação de diversos ramais que são compartilhados pelos produtores. “Como as iniciativas em nível nacional praticamente entraram em parafuso, essas tecnologias continuam disponíveis aos usuários”, explica o professor.

Já os sistemas de telefonia celular fixa Ruralvan (usados na região do Distrito Federal) e Ruralcel (no restante do país), que no início dos anos 90 representaram uma esperança de melhora nas condições de comunicação no campo, não são mais oferecidos pelas operadoras e hoje beneficiam um número pequeno de produtores. Conforme o professor Menezes, os altos cus-





Divulgação

*Rodrigues, de Santa Vitória do Palmar/RS:
o Ruralcel é uma boa alternativa para o campo*

tos de manutenção do Ruralcel e do Ruralvan os levaram à extinção. “Antes de privatizar, como não havia distinção entre operadora fixa e celular, os investimentos valiam a pena, pois davam maior lucratividade ao sistema. Depois que elas se separaram, a telefonia rural continuou a ser de responsabilidade da fixa, que para fornecer o serviço aos produtores paga altas taxas de utilização da rede celular para as operadoras de telefonia móvel. Além disso, elas não têm retorno nas tarifas, que, apesar de utilizar tecnologia celular, têm valores de telefonia fixa”, explica. “Esse processo se tornou dispendioso e acabou gerando um impasse que está contribuindo para limitar o crescimento do sistema de telefonia rural”, diagnostica Menezes.

Operadoras como a Brasil Telecom, que atua em nove Estados brasileiros, admitem que a manutenção do Ruralcel se tornou insustentável após as privatizações devido, principalmente, às altas taxas pagas pela utilização da telefonia móvel. De acordo com a assessoria de imprensa da empresa, a utilização de uma plataforma celular por uma empresa de telefonia fixa é inclusive proibida pela nova regulamentação das telecomunicações, medida que estaria contribuindo para travar o crescimento do setor de telefonia rural.

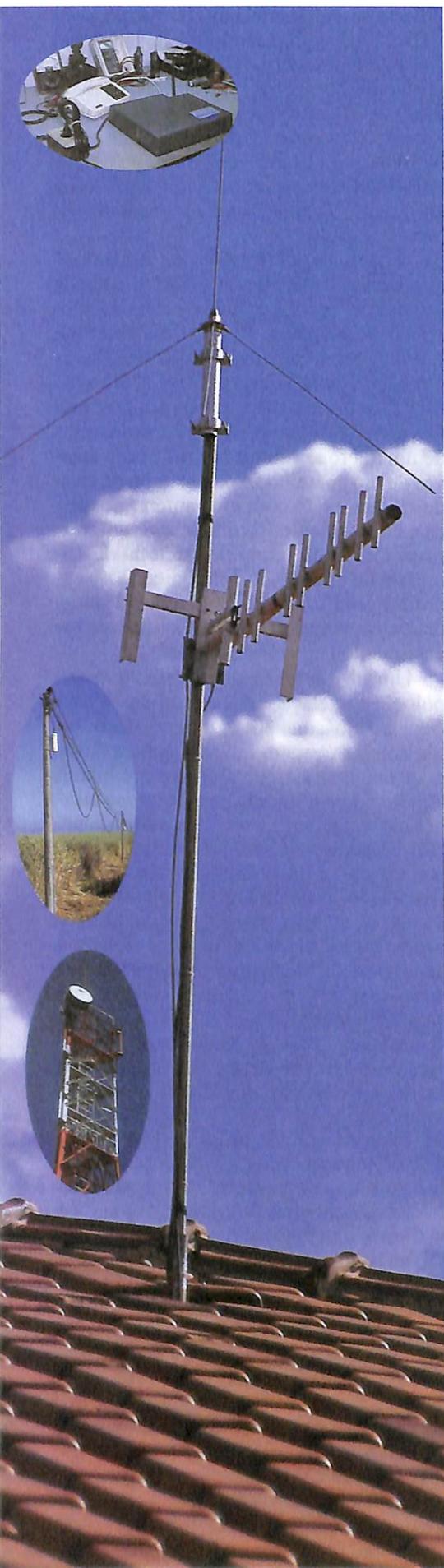
O pecuarista e produtor rural Cláudio Coutinho Rodrigues, do Condomínio Estância Cordão, localizado a 80 km do município de Santa Vitória do Palmar/RS, conta que utiliza o Ruralcel desde 1997.

“Ele representou uma boa alternativa, com tarifas iguais às do telefone convencional e que funcionava relativamente bem. O problema é que, agora, os prestadores de telefone só se interessam pelas grandes cidades e cortaram o Ruralcel, por acreditarem que ele não dava o retorno esperado. Um exemplo disso é que não temos empresas-espelho aqui no município”, protesta.

Há dois anos, a Telefônica Celular lançou no mercado uma alternativa para os produtores que não conseguiram se inscrever no Ruralcel. Trata-se do Telefone Celular Rural, que funciona através de rádios-base, instaladas próximo a estradas e que cobrem localidades adjacentes. “Esse tipo de sinal pode ser captado tanto de um telefone celular normal como através de um aparelho fixo, instalado na casa do cliente, junto com uma antena”, explica o diretor técnico da empresa, Ivan Treiguer. De acordo com ele, do total de 1,6 milhão de clientes da Telefônica, 20% estão na área rural. “Nos próximos anos, devemos aumentar em 10% os nossos investimentos no setor”, promete.

Uma das desvantagens dessa nova tecnologia em relação ao Ruralcel são os preços elevados, que por se tratar de tecnologia celular chegam quase a dobrar. Treiguer conta ainda que a empresa também tem levado a telefonia para o campo através de estações móveis de rádio-base. “Participamos de eventos como leilões, por exemplo, onde existem grandes movimentações de público”, conclui. Segundo ele, os investimentos têm sido direcionados prioritariamente para as áreas urbanas devido ao seu crescimento. “Vamos direcionar 90% dos nossos investimentos para as cidades.”

Eduardo Ataliba, da Fazenda Primavera da Serra, em Brotas/SP, produtor de cana, café e milho, que está ingressando como empresário na área de turismo rural, há praticamente um ano, estava isolado do mundo. “Eu precisava ter contato com o mundo”, afirmou ele, ressaltando que está satisfeito com os serviços. “Se eu tivesse optado pelo sistema convencional, teria de investir R\$ 1,5 mil/km, o que é inviável. Fiquei sabendo desse sistema com as torres e não tive dúvidas: é mais econômico e eficiente do que instalar a rede”, defende ele. O casal de apicultores Newton Parise e Maria Parise, proprietários da Chácara 4 Alqueires, de Torrinhã/SP, também não se arrepende da opção. “Estamos satisfeitos. Antes, contudo, era um problema, pois o telefone móvel não pegava”, informa. Argumentos à parte, uma recalamação é geral: a burocracia é a principal barreira a ser vencida.



Otimismo — Na avaliação do professor do departamento de Engenharia de Telecomunicações da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Julio César Dal Bello, nem tudo está perdido. Na opinião dele, é normal que num primeiro momento as empresas demonstrem maior interesse por áreas urbanas, que apresentam melhores respostas em termos de faturamento. “Com a concorrência, a tendência é melhorar a oferta. É preciso um tempo de maturação do sistema, já que esse processo é muito recente. Nada acontecerá da noite para o dia. Mas a expectativa a médio prazo é muito boa”, diz.

Dal Bello ressalta a importância de que as operadoras desenvolvam uma ação para democratização do sistema, fazendo com que ele possa atender a todas as áreas, sejam elas ricas ou pobres. “Mesmo que o benefício para a empresa seja menor”, afirma.

No que se refere à tecnologia, ele também é otimista. “Os recursos disponíveis técnicos têm dado uma boa resposta para o celular fixo, sendo possível cobrir grandes áreas com qualidade e confiabilidade.” De acordo com ele, o Brasil está utilizando o mesmo tipo de tecnologia dos países de Primeiro Mundo. “Não estamos defasados. Na verdade, estamos bem alinhados, já que, se as estações forem instaladas em locais privilegiados, como morros e montanhas, as células de cobertura podem alimentar centenas de quilômetros. Depende desse ambiente. Se ele for muito acidentado, com muitas elevações e florestas, o sinal se torna deficitário”, argumenta.

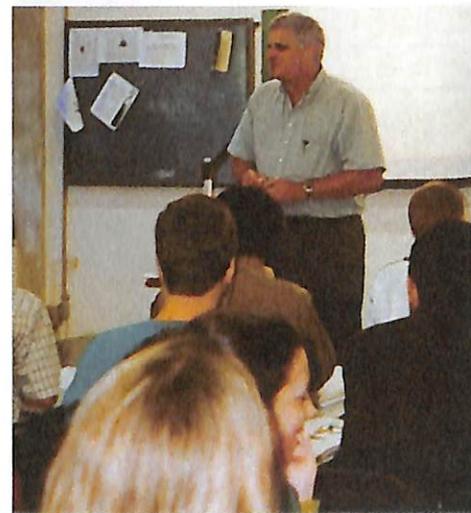
Para Dal Bello, faltam na verdade programas para utilização dessa tecnologia. O professor da UnB, Leonardo Menezes, diz que o Brasil só poderá ser comparado tecnologicamente com a Europa e os Estados Unidos quando as metas estabelecidas pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) forem cumpridas. “Existem certas correntes que afirmam que a cobertura de vastas regiões com poucos habitantes será realizada via satélite”, diz. A razão para isso, segundo ele, é que as operadoras visam a atender mercados de maior rendimento. “As zonas rurais ainda têm atrativos bastante localizados. Muitas têm maior perspectiva de retorno econômico do que outras. E é nessas áreas que os investimentos serão realizados”, completa.

Fust — Diante da atual falta de perspectiva para a solução do problema da telefonia no campo, muitos produtores apontam o governo federal como principal responsável pela falta de investimentos. “Mais do que as operadoras, o grande

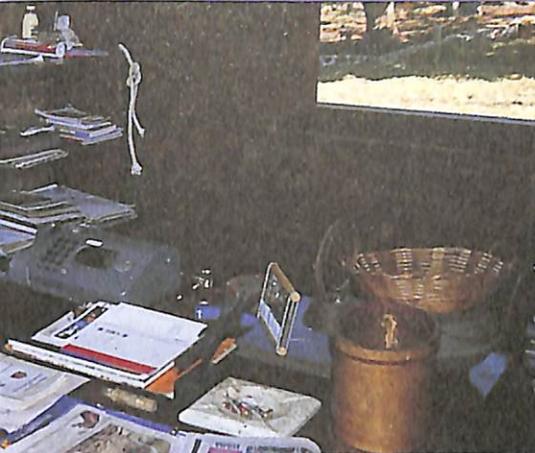


Produtor Ataliba, de Brotas/SP, está há apenas

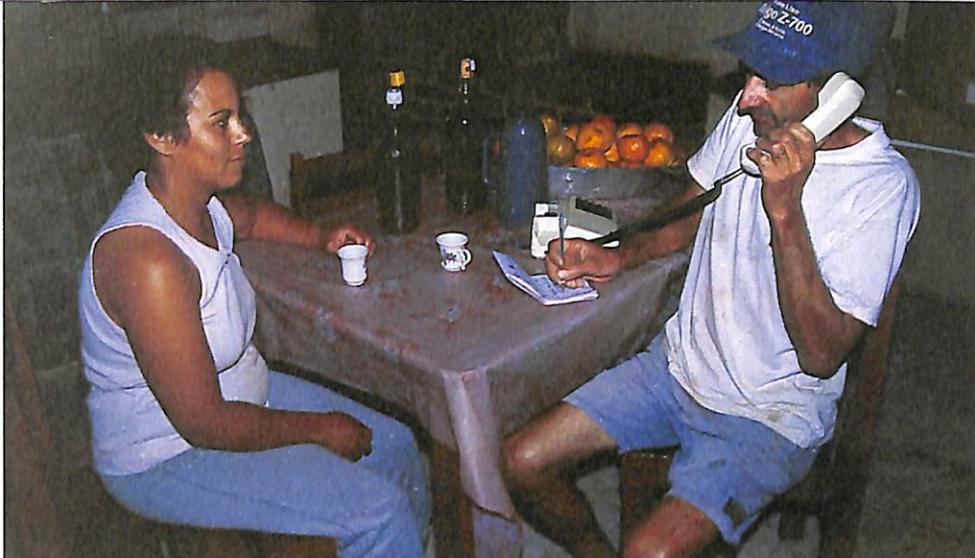
culpado pela falta de estrutura da telefonia rural é o governo, que não impõe medidas para reverter essa situação”, protesta Cláudio Rodrigues. Na verdade, essas medidas começaram a ser encaminhadas no final do ano passado, por meio do Fundo de Universalização das Telecomunicações (Fust), que, como o próprio nome já diz, pretende dar acesso à comunicação para as comunidades isoladas e sem recursos, através de taxas compulsórias de 1% das receitas brutas das empresas de telecomunicações. O chefe de gabinete do Ministério das Comunicações, Marcos Vinicius Pestana, disse que, até o final de 2002, as zonas rurais estarão recebendo cerca de R\$ 100 milhões para a realização de investimentos na área de telefonia, que ocupa o último lugar no ranking das prioridades do Fust. “Trabalhamos com um cronograma de dois anos para servir de recursos 13 itens de investimentos, que incluem o programa Telecomunidade, com telecomunicações para 13 mil escolas públicas em todo o Brasil, deficientes físicos, hospitais, deficientes físicos, postos de saúde e áreas remotas”, afirmou. Somente neste primei-



Dal Bello, da Universidade Federal do RJ: as operadoras devem democratizar o sistema



.....um ano com o telefone celular fixo



Casal Parise, de Torrinha/SP, está satisfeito com o serviço de telefonia

ro ano de vigência do fundo, o governo espera arrecadar R\$ 1,02 bilhão.

O programa específico de telefonia rural está em processo de concepção e, depois de concluído, será discutido com o Ministério do Desenvolvimento Agrário e encaminhado para consulta pública. Outra novidade que, de acordo com Pestana, contribuirá para incrementar o setor refere-se ao cumprimento das metas contratuais que as operadoras firmaram com a Anatel. “Entre elas, está a instalação até 2005 de telefones públicos em todos os lugarejos com no máximo 100 habitantes, e de telefones residenciais para os que possuem até 300 habitantes”, revela.

Via satélite — Enquanto os recursos do Fust não vêm, uma das alternativas para que os produtores possam se manter em contato com o mundo é o sistema de telefonia via satélite. O professor Leonardo Menezes afirma que, em localidades com no máximo 40 km de distância das estações de Rádio Base de telefonia móvel, vale a pena utilizar os telefones celulares fixos. No entanto, ele acrescenta que, nos casos onde essa tecnologia não chega, a alternativa é a telefonia via satélite. “Na-

turalmente, esses sistemas têm preços um pouco mais altos, mas em algumas situações eles são a única opção”, comenta.

Conforme o presidente da Globalstar no Brasil, Pedro Maisonnave, entre as principais vantagens dessa tecnologia, que utiliza satélites de baixa órbita, estão a mobilidade e a velocidade de instalação e de resposta da comunicação. “O aparelho pode ser usado no carro, na colheitadeira e até mesmo no lombo do cavalo. Além disso, não precisamos de grandes aparatos tecnológicos para instalação, apenas uma antena de rádio. No caso do telefone fixo, ela é instalada na casa do cliente, e do móvel, ela já vem acoplada ao aparelho”, relata.

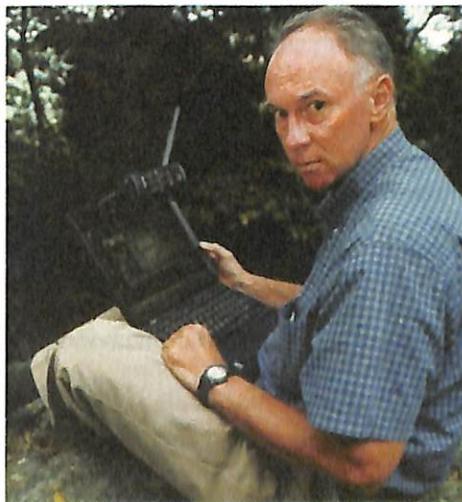
Outra vantagem do satélite é a maior facilidade de transportar obstáculos naturais. “Da mesma forma como acontece como a telefonia celular, as montanhas também podem barrar nossos sinais. A diferença é que, como temos 48 satélites ativos em órbita, o sinal é acompanhado por até três deles e pode ser transferido

de um para outro, sem que ocorra corte na ligação”, explica o empresário.

Segundo Maisonnave, a empresa, que atua desde 1999 no Brasil, conta hoje com cerca de 8 mil assinantes. O setor de agribusiness concentra 60% dos clientes no Brasil, espalhados principalmente nas regiões Centro-Oeste e Norte do país. “No Rio Grande do Sul, o sistema ainda não está bem difundido, talvez pelo conservadorismo do gaúcho ou pela falsa impressão de que os custos são muito elevados, já que o preço médio das nossas tarifas fica em torno de R\$ 2,40 por minuto”, destaca. Outro motivo, acredita ele, é que no Sul não existe tanta dificuldade para comunicação no meio rural, como em outras regiões. “Mas, se o produtor precisar viajar e manter a comunicação constante, encontrará maiores vantagens no satélite”, contrapõe. A expectativa da empresa é investir, até o final de 2001, US\$ 180 milhões no Brasil. Atualmente são 9 mil linhas instaladas, e a estimativa é chegar a 25 mil até dezembro.

Entre as ferramentas oferecidas pela telefonia via satélite está a do Telefone Coletivo, que funciona com um “orelhão”. “Ele pode ser instalado em áreas remotas como povoados distantes dos centros urbanos e funciona com a utilização de cartões.” Além disso, é possível transmitir dados e ter acesso à Internet, enviar e receber mensagens mesmo se estiver em locais sem cobertura das telefônicas celular e fixa. “Até no meio da lavoura, o produtor poderá ter acesso ao seu saldo bancário”, diz Maisonnave.

O sistema da telefonia via satélite da Globalstar opera através de *gateways* espalhados por várias partes do globo. As bases são responsáveis pela conexão dos terminais de usuários com a rede de satélites e as plantas de telefonia celular fixa de cada região. 



Maisonnave, da Globalstar: a telefonia via satélite oferece inúmeras vantagens ao produtor



Pestana, do Ministério das Comunicações, garante que até o final de 2002 os recursos serão liberados

BAGAÇO É ALTERNATIVA AO "APAGÃO"

As usinas de cana saíram na frente e já utilizam o subproduto para gerar toda a energia necessária para sua operação, garantindo munição para a safra. Uma solução barata e eficiente

Texto: José de Almeida Prado/Fotos: Décio Godoy

Na iminência do chamado "apagão", em que lanternas e lâmpadas a gás ressurgiram com vigor na vida dos consumidores, analistas voltam a defender que a biomassa será a grande opção para a crise energética no país, a médio e longo prazos. Uma das alternativas mais baratas, segundo os especialistas, é a co-geração de energia elétrica a partir do bagaço da cana-de-açúcar. A grande vantagem é a possibilidade de ofertar energia durante a safra canavieira, que no caso do centro-sul do Brasil corresponde exatamente ao período de escassez de água.

Além do preço mais baixo da eletricidade, as usinas de biomassa, que utilizam subprodutos orgânicos como combustível, têm ainda a seu o potencial produtivo e tecnológico para a produção de cana, a menor agressão ao ambiente e o estímulo à produção do álcool combustível.

O bagaço é um combustível renovável, e sua utilização em larga escala contribuiria para diminuir as emissões de CO₂, um dos gases causadores do efeito estufa. Isso porque a cana que é plantada para abastecer as usinas encarrega-se de filtrar novamente o gás na atmosfera. Na esfera econômica, seu uso serviria para reduzir as importações de combustíveis, gerar emprego na área rural e proporcionar uma alternativa de geração distribuída.

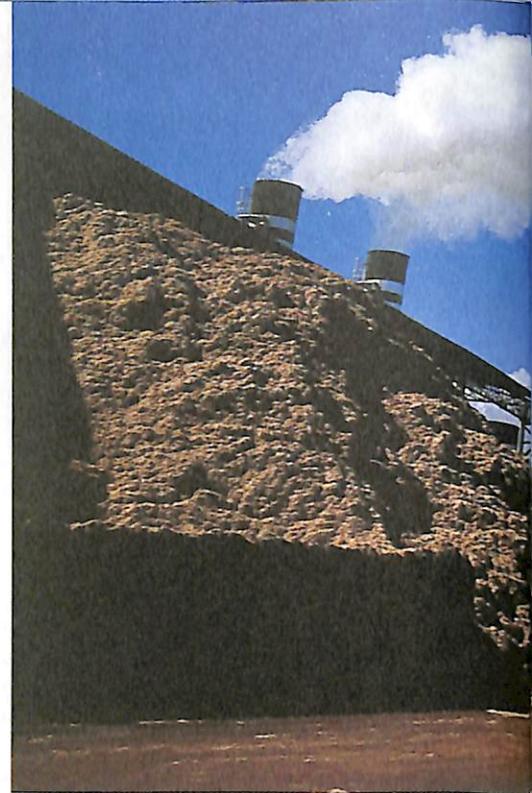
Cálculos de alguns técnicos do setor

mostram que com apenas 25% do bagaço de um hectare de cana é possível iluminar 14 casas por mês, durante a safra, de maio a novembro, quando os reservatórios das hidrelétricas estão baixos.

Segundo estimativas, tendo-se em conta a previsão de uma produção de 320 milhões de toneladas de cana para a safra de 2001, o Brasil tem potencial para produzir quase os mesmos 12 mil MW da hidrelétrica de Itaipu, com o emprego das tecnologias mais modernas de geração pela queima do bagaço, sendo que a potência de energia elétrica instalada no país é de aproximadamente 70 mil MW.

"Em tempos de saldo negativo na balança comercial e alta nos preços do petróleo e do dólar, uma fonte de energia com tecnologia inteiramente nacional, que possibilita a criação de novos postos de trabalho e com potencial energético já instalado como a biomassa, justifica um esforço concentrado para o aproveitamento de seu potencial", afirma Eduardo Pereira de Carvalho, presidente da União da Agroindústria Canavieira de São Paulo, a Unica.

Conforme avaliação da Unica, a geração de um programa de incentivo de energia elétrica, a partir dos resíduos da cana, apresenta a possibilidade de produção, em curtíssimo prazo, já na safra 2002/2003, de 2 mil a 3 mil MW, com base no aproveitamento do bagaço.



Eduardo Carvalho afirma que para isso se tornar possível "será necessário aumentar a eficiência e os investimentos, para ampliar a capacidade de geração".

ENERGIA VERDE

No Brasil e em todos os países produtores de cana, as usinas utilizam o bagaço para gerar toda a energia (térmica, mecânica e elétrica) necessária para sua operação: bombeamento de líquidos, acionamento de esteiras transportadoras, ventiladores, exaustores, agitadores, pontes rolantes, além das funções básicas de iluminar, aquecer, resfriar e alimentar equipamentos laboratoriais, entre outros.

A tecnologia hoje em uso é a da queima em caldeiras projetadas para o uso de bagaço. A cana é picada e desfibrada em equipamentos próprios, e nas moendas a fibra é separada do caldo. Essa fibra, que é o bagaço, queimada em caldeiras produz um vapor de alta pressão que movimenta as turbinas, transformando a energia térmica em energia cinética. O poder calorífico do bagaço é de 1.800 quilocalorias por quilo. As turbinas fazem os geradores girarem. O vapor na saída da turbina é enviado para um condensador e volta a uma condição líquida e condensada. Aí, ele é enviado de volta à caldeira, por meio de bombas hidráulicas, completando o que se chama de Ciclo de Rankine. As energias eletromecânicas e térmicas são, na verdade, geradas seqüencialmente, a partir da mesma queima do combustível. Essa tecnologia é conhecida como co-geração –



um sistema termelétrico por biomassa, limpo, não-poluente e renovável.

Segundo dados da Unica, existe ainda uma tecnologia que está sendo desenvolvida, na qual o bagaço é gaseificado. O gás produzido é limpo e enviado para uma turbina a gás que aciona o gerador elétrico. A vantagem dessa tecnologia, que ainda não é comercial, é poder gerar energia com eficiência termodinâmica muito maior.

PRODUÇÃO EXCEDENTE

As 131 usinas de açúcar e álcool e destilarias paulistas já são auto-suficientes e utilizam bagaço de cana para a produção de toda a energia que consomem. Desse total, 40 unidades industriais estão com excedentes que somados chegam a 157,2 MW, segundo dados preliminares da Unica, mas apenas 120 MW estão sendo comercializados no Estado.

Uma tonelada de cana rende em média 240 quilos de bagaço. Essa tonelada tem potencial para gerar até 70 quilowatts/hora, dos quais 30 kWh são usados na produção do açúcar e álcool e 40 kWh na forma de excedentes.

A Companhia Açucareira Vale do Rosário, no município de Morro Agudo, norte do Estado de São Paulo, é uma das pioneiras na co-geração de eletricidade a partir do bagaço de cana. Segundo Ricardo Roxo, gerente de utilidades da empresa, a usina produz energia desde 1966 e começou a vender seu excedente a partir de 1990, para a Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL). Hoje, é con-

siderada a maior produtora de energia com bagaço do país, com 45 MW médios, comercializando um excedente de 30 MW.

A contribuição de uma Vale do Rosário é suficiente para abastecer de energia 110 mil casas de consumo médio. Não é pouca coisa, especialmente quando se leva em conta que não implica as perdas e os investimentos em linhas de transmissão, ligados à geração a distância.

A Vale do Rosário deve moer neste ano 4,5 milhões de toneladas de cana-de-açúcar e prevê uma produção de 6,4 milhões de de sacas de açúcar e 190 mil metros cúbicos de álcool. A produção de energia elétrica deve ficar em 150 mil MWh (megawatt/hora). Para Ricardo Roxo, a comercialização dos excedentes pelas usinas de biomassa pode contribuir sobremaneira para amenizar a crise energética. Ele toma como exemplo a experiência da própria Vale do Rosário e faz uma projeção para o Estado de São Paulo.

“São Paulo tem uma potência de consumo de 12 mil MW médios e está obrigado a economizar 20%, o que significa um corte de 2.400 MW médios”, principia. “O Estado moeu na safra do ano passado 60 mil toneladas de cana/hora. Se todas as usinas, a exemplo da Vale do Rosário, vendessem 35 kW por tonelada



de cana, significaria um fornecimento de 2.100 MW, número muito próximo da cota de economia exigida do Estado, sem que houvesse necessidade de um racionamento nas proporções como está sendo exigido”, considera.

AGREGANDO VALORES

Não bastassem todos os aspectos positivos da utilização do bagaço, a venda de energia constitui uma fonte de renda muito interessante para os industriais do setor. Conforme dados da Unica, apesar de o Mercado Atacadista de Energia Elétrica (MAE) estar pagando até R\$ 684 por MWh, os preços dos contratos de energia de biomassa estão em torno de R\$ 50 e R\$ 70 por MWh. Para produzir energia com o uso do bagaço de cana, é preciso investir em torno de US\$ 1 mil por kW gerado, um custo considerado baixo, levando-se em conta que depois não há praticamente gastos com combustível.

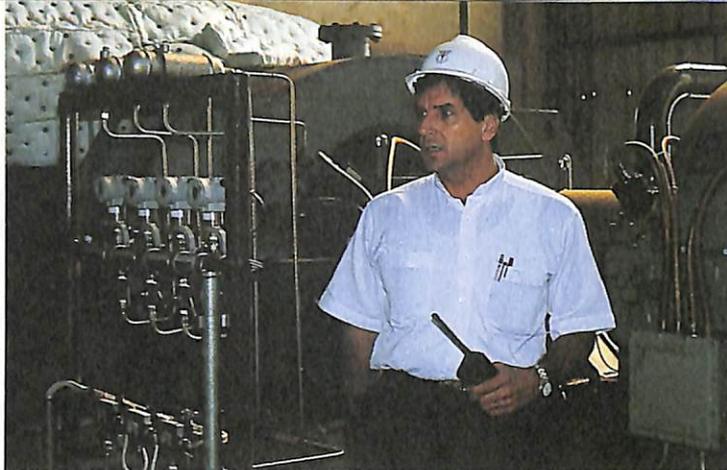
Ricardo Roxo, da Vale do Rosário, diz que a empresa gastou aproximadamente R\$ 700 por kW instalado e recebe pelo contrato de fornecimento R\$ 61,56 por MW/hora. Segundo ele, cada quilowatt trabalha em média 5.200 horas (período de safra), gerando, portanto, no ano, 5.200 kWh, o que corresponde a 5,2 MW/h. “Como a tarifa é de R\$ 61,56, cada quilowatt instalado ganha R\$ 320,11”, explica. “Isso significa que, para cada R\$ 700 que investimos, estamos recebendo R\$ 320, ou seja, um *pay back* de 45,71% brutos”, comenta. “É lucrativo. Descontando impostos e custos, temos 35% de lucro, e o investimento é amortizado em três anos”, afirma.

“A energia, a partir de agora, passa a ser o terceiro produto do setor sucroalcooleiro”, diz Maurílio Biaggi Filho, presidente da Cia. Energética Santa Elisa, de Sertãozinho/SP, uma das maiores indústrias do setor, que há mais de 50 anos produz sua própria eletricidade e passou a vender o excedente em 1994. As estimativas da Santa Elisa para esta safra de 2001 são de uma moagem de 5,5 milhões de toneladas de cana, produção de 8,5 milhões de sacos de 50 quilos de açúcar e 215 milhões de litros de álcool. O bagaço resultante dessas operações será de 1,5 milhão de toneladas.

A Santa Elisa gera atualmente um total de 30 MW, dos quais consome 20 MW nas suas atividades produtivas, e vende

Processo industrial: engrenagem extraindo bagaço da cana que vai para a esteira

10 MW excedentes para a CPFL. “Estamos também em tratativas com a Enron, a quem já fornecemos há dois anos”, comenta Biaggi Filho. Para gerar sua produção atual de energia, são necessárias 800 toneladas de bagaço/hora, sendo que uma tonelada de cana moída gera, segundo ele, 28 kWh. A empresa aguarda do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) a liberação de um financiamento de R\$ 30 milhões, para agregar mais 20 MW ao seu volume de energia excedente produzido a partir da queima da cana.



Ricardo Roxo, da empresa Vale do Rosário: a utilização do bagaço da cana, principalmente nos contratos de fornecimento de energia, é lucrativo

tos, é preciso que haja uma tarifa compensadora que permita encurtar o tempo de retorno do que foi aplicado.

“Quando se fala de energia, temos de pensar em longo prazo”, garante Biaggi Filho. “Não podemos fazer investimentos pensando em MAE ou preços spots, mas sim em contratos firmes de longo prazo, aliás, única maneira de se obter financiamentos também de longo prazo, com taxas compatíveis e, claro, com tarifa realista, remuneradora”, complementa. “Como dizemos nós, agricultores: o melhor adubo é o preço. A prática de tarifas realistas para um investimento de longo prazo é indispensável”, declara.



Biaggi Filho: a energia é o terceiro produto do setor sucroalcooleiro

Segundo Biaggi Filho, com a redução forçada do consumo, as distribuidoras terão, teoricamente, uma sobra de energia e uma dramática diminuição de faturamento. “Portanto, regras claras, matriz energética e financiamentos são os quesitos fundamentais não só para a biomassa, mas para todas as fontes e para o segmento todo”, completa.

Biaggi Filho diz acreditar que estamos diante da mais grave crise energética da história do Brasil, cujos desdobramentos vão depender da velocidade e da inteligência das medidas que o governo tomar. “Se, nesses seis meses de racionamento, com as graves conseqüências que isso trará, a sociedade perceber que estamos investindo para valer, o futuro ficará mais palatável”, garante. “Caso contrário, se ficarmos só nos cortes, aí as previsões da Fundação Getúlio Vargas, que estimou um buraco de R\$ 15 bilhões, que cerca de 800 mil empregos deixarão de ser criados e que o governo perderá R\$ 6,6 bilhões, não só se concretizarão, como poderão ser ainda maiores”, prevê.

Diante dessa perspectiva de busca de energia alternativa como a eólica, a solar, a nuclear e a de biomassa, o setor sucroalcooleiro pode contribuir já em 2002 com 500 megawatts adicionais aos aproximadamente 1.500 MW que produz. “Se o governo liberar recursos, poderemos, vamos dizer, num esforço de guerra, gerar mais 2 mil MW em 2003 dos quase 10 mil que poderíamos gerar no médio prazo”, salienta Biaggi Filho. “É como sempre digo: há uma Itaipu adormecida nos canaviais, e acordá-la ou não dependerá da vontade do governo.”

uma vez que as usinas de açúcar e álcool operam apenas durante seis a sete meses no ano. “Existem temores internos, criados pela recente crise que o setor passou e que acabou criando um ambiente desfavorável em aumentar os passivos”, diz Ricardo Roxo. No caso dos investimen-

FINANCIAMENTO

O BNDES disponibilizou R\$ 250 milhões em financiamento para investimentos em co-geração, com a CPFL no papel de avalista das operações e compradora dos excedentes. Já existem em carteira, no BNDES, em fase de carta-consulta ou de enquadramento, oito pedidos de financiamento para projetos de co-geração. A CPFL informou ao BNDES que há em São Paulo 30 usinas interessadas em investir nessa área.

Segundo Maurílio Biaggi Filho, o programa de financiamento é muito positivo. “O BNDES, como maior banco de fomento do mundo, que sempre teve um papel preponderante e fundamental no desenvolvimento do país, mais uma vez terá um papel muito importante na solução dessa crise”, considera. “Acredito que, depois de atingida essa primeira etapa, com certeza o banco disponibilizará mais recursos”, comenta.

Já Ricardo Roxo, da Cia. Açucareira Vale do Rosário, diz que o programa seria realmente positivo se o volume disponibilizado fosse cinco vezes maior. “Os R\$ 250 milhões, a um custo de R\$ 700 por kW instalado, só daria para gerar 360 MW, ou seja, só 15% do esforço que o Estado de São Paulo precisa fazer no racionamento”, exemplifica. “Se esse volume não for aumentado, pode até ser complicado e gerar desconforto”, avalia.

ENTRAVES

As maiores dificuldades na co-geração, segundo analistas do setor, estão nos altos investimentos necessários e na dificuldade de gerar energia o ano todo,

CO-GERAÇÃO EM SÃO PAULO

Usinas	Energia disponível*
1. Alcoazul	1,0 MW
2. Antonio Ruelle	1,0 MW
3. Barra Grande	13,8 MW
4. Bonfim	2,0 MW
5. Centralcool	0,3 MW
6. Cerradinho	0,5 MW
7. Cocal	6,0 MW
8. Colombo	1,5 MW
9. Colorado	1,5 MW
10. Cresciumal	1,7 MW
11. Dacal	0,5 MW
12. Da Pedra	1,5 MW
13. Destivale	1,5 MW
14. Ester	2,7 MW
15. Gasa	1,0 MW
16. Iracema	1,0 MW
17. Maracá	3,5 MW
18. MB	2,0 MW
19. Moema	10,0 MW
20. N.S. Aparecida (Itapira)	0,5 MW
21. Nardini	2,0 MW
22. Nova América	10,0 MW
23. Ometto Pavan	3,0 MW
24. Pau Dálho	3,0 MW
25. Pitangueiras	5,0 MW
26. Sta. Adélia	1,0 MW
27. S. Carlos	2,0 MW
28. S. Domingos	1,4 MW
29. S. Francisco	0,3 MW
30. S. J. da Estiva	7,0 MW
31. S. José (Maracatuba)	8,0 MW
32. S. Luiz (Pirassununga)	0,5 MW
33. S. Martinho	4,0 MW
34. Santa Lúcia	2,0 MW
35. Sta. Luíza	1,5 MW
36. Sta. Elisa	5,5 MW
37. Sta. Maria	0,5 MW
38. Sto. Antônio	10,0 MW
39. Vale do Rosário	30,0 MW
40. Viralcool	7,0 MW
Total	157,2 MW

*Dados, preliminares e parciais, da energia excedente, hoje, nas empresas que responderam ao questionário da Unica

PÓLO DE PRODUÇÃO IRRIGADA EMERGE NO RIO DE JANEIRO

As regiões Norte e Noroeste vêm se destacando no cultivo de frutas tropicais. De dois anos para cá, os agricultores, sem alternativa, começaram a investir na atividade e hoje não se arrependem da escolha que fizeram

Luciana Radicione

Pólo de produção canavieira até bem pouco tempo, as regiões Norte e Noroeste do Estado do Rio de Janeiro ainda hoje se ressentem da perda de grandes investidores que abandonaram a região e partiram para o Espírito Santo, eufóricos com propostas de incentivos fiscais. Essa debandada em massa de produtores potenciais resultou no empobrecimento da região e no abandono de terras antes ocupadas por milhares de plantas de cana-de-açúcar. Há pouco mais de dois anos, porém, um estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostrou que o norte fluminense possuía um grande potencial para o desenvolvimento da fruticultura irrigada.

O estudo foi encampado pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) e pelo governo do Estado. Juntos implantaram o Pólo de Fruticultura Irrigada do Rio de Janeiro. A iniciativa tem o objetivo de apresentar alternativas para a diversificação da produção agrícola nas regiões Norte e Noroeste e viabilizar a expansão da agroindústria. Estudos complementares encomendados pela Firjan indicaram a viabilidade econômica em 240 mil hectares para o cultivo irrigado de frutas tropicais, como abacaxi, banana, coco, figo, goiaba, mamão papaia, manga, maracujá e pinha. "Os estudos confirmaram o que sempre defendemos: a maior alternativa econômica vem do campo." A afirmação é do presidente da Representação Regional da Firjan no Norte Fluminense, Geraldo Coutinho. Para ele, o reconhecimento do potencial da fruticultura da região e a amplitude dos projetos que vêm sendo desenvolvidos no Estado é uma exceção em termos de Brasil.



Frutificar — Integrando os projetos do Pólo de Fruticultura Irrigada, o governo do Estado lançou um programa específico para facilitar o acesso de pequenos e miniagricultores à produção. O verdadeiro impulso à atividade foi proporcionado pelo Programa Frutificar, responsável pelo retorno de um grande número de famílias ao campo. Com uma linha de crédito subsidiada pelo governo, o produtor fluminense pôde apostar novamente na agricultura, dessa vez no cultivo de frutas. A taxa de juros de 2% ao ano sem correção, a carência de 20 meses e o prazo de pagamento de cinco anos têm levado muitos produtores a buscar o crédito junto ao Banco do Brasil.

Durante o II Encontro de Fruticultura Irrigada do Norte/Noroeste do Rio de Janeiro, ocorrido no final de maio, em Campo dos Goytacases, o governador Anthony Garotinho anunciou o desconto de um terço no valor da prestação para aqueles produtores que pagarem as parcelas em dia do Frutificar. “O agricultor não tem de ir ao banco para pedir empréstimo, nem precisa de aval e hipoteca. Tem apenas de procurar um escritório da Emater”, informou o secretário da Agricultura do RJ, Christino Áureo da Silva. Uma novidade anunciada no encontro em Campos foi a ampliação do programa para todo o Estado, a fim de beneficiar um número maior de produtores. “Já temos R\$ 50 milhões a serem liberados até o final do ano”, anunciou o secretário. O Frutificar já tem mais de 1.500 produtores inscritos e cerca de 700 habilitados à linha de crédito especial, com o comprometimento de R\$ 36 milhões. Segundo Christino, com esses recursos o programa poderá gerar uma área plantada de 20 mil hectares de frutas irrigadas e 100 mil empregos. “Isso é mais do que muita indústria pode gerar”, disse o secretário.

INDÚSTRIAS INCENTIVAM A PRODUÇÃO

Além do estímulo à produção dado pela linha de crédito subsidiada, a ampliação da atividade agrícola no Norte/Noroeste do Rio de Janeiro foi impulsionada pela chegada de indústrias integradoras na região. Mesmo sem contar com um volume de produção significativo, algumas empresas apostaram no potencial e na capacitação dos produtores. A precursora foi a indústria Bela Joana, do Grupo MPE, situada na localidade de São

A indústria Bela Joana está trabalhando com apenas 20% de sua capacidade



Christino, secretário da Agricultura do RJ: o Frutificar foi ampliado para todo o Estado

Fidelis. Enquanto os produtores da região não colhem os primeiros frutos, a fábrica adquire 100% da matéria-prima dos Estados de São Paulo e Minas Gerais.

O diretor do MPE, Américo Xavier Maia Neto, explica que a fábrica vem trabalhando apenas com 20% de sua capacidade, o que deve ser ampliado somente com o aumento da produção frutícola nos municípios vizinhos. “Hoje, produzimos apenas 40 toneladas por dia, já que há absoluta falta de matéria-prima”, salientou. A Bela Joana tem capacidade para industrializar cinco toneladas de suco/hora e 240 toneladas de compotas/dia. A empresa também investe na produção própria, com o cultivo de 50 hectares de abacaxi, 42 hectares de maracujá, 17 hectares de goiaba e dois hectares de manga. “Nossa meta é ampliar a produção em terras próprias para 500 hectares em três anos”, informou Américo. A indústria coloca no mercado compotas de abacaxi e suco concentrado de manga, goiaba, mamão, maracujá e abacaxi. Para maio de 2002, a perspectiva é iniciar a fabricação de suco pronto para beber. “Comercializamos para o Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Mi-



Maia Neto, diretor da Bela Joana: a indústria aposta...

nas Gerais”, explica o diretor.

A Bela Joana também vem conquistando espaço no exterior. O primeiro embarque de 200 toneladas de suco de abacaxi concentrado foi efetivado em junho passado, num negócio que movimentou US\$ 100 mil. “Nosso interesse é chegar na Holanda e no Mercosul”, afirmou Américo. Além do projeto executado pelo Grupo MPE, outras três empresas serão integradas ao programa, duas em São Francisco de Itabapoana e uma em Bom Jesus de Itabapoana.

PÉS NO CHÃO E OLHOS NO FUTURO

Em São Francisco do Itabapoana, próximo a Campos dos Goytacases, o produtor Amaro Azeredo não pode estar mais satisfeito com a escolha que fez. De pés descalços, nem de longe ele mostra o semblante de preocupação que acompanha grande parte dos pequenos produtores encurralados por dívidas e falta de alternativas no campo. Proprietário dos 800 hectares que formam a Fazenda São Miguel, irrigada com dois pivôs centrais, ele apostou no maracujá, no mamão e no





Luciana Radicione



Luciana Radicione



Luciana Radicione

.....no potencial e na capacitação dos produtores

abacaxi para impulsionar a atividade agrícola e aumentar seus lucros. A implantação dos primeiros 15 hectares de maracujá foi possível com o financiamento a juros baixos oferecidos pelo Frutificar. Amaro foi um dos beneficiados pelo programa quando esse ainda financiava áreas superiores a cinco hectares. “O governo reduziu o tamanho da área para contemplar um número maior de produtores”, comentou.

A previsão é de colher, após o fim do ciclo de dois anos da fruta, 50 toneladas por hectare. A colocação da fruta no mercado não será problema, já que a indústria integradora Bela Joana se compromete a adquirir 100% da produção da Fazenda São Miguel. Mas Azeredo ainda prefere vender parte de sua produção na forma *in natura*. “Cerca de 50% do maracujá será entregue para a indústria”, disse.

Para Amaro Azeredo, que há dez anos vem investindo na fruticultura, a atuação da Bela Joana na região está sendo muito importante, já que o aumento da produção é motivado pelas garantias de que a produção terá mercado. “Num país que chegou a importar maracujá e para uma região que já foi responsável por 20% da produção da fruta na década de 80, esse incentivo é bem recebido”, salientou. Na produção de mamão, ele contou com a parceria de um investidor do Espírito Santo. O suporte financeiro no valor de US\$ 300 mil permitiu o cultivo da fruta em 100 hectares ocupados com a variedade formosa, ati-

Azeredo, de São Francisco do Itabapoana, está satisfeito com a opção pela fruticultura

vidade que emprega 60 pessoas em sua propriedade. O dinheiro foi aplicado na compra de modernos equipamentos de irrigação. Todo o mamão produzido por ele é destinado para consumo *in natura* para Curitiba. “No Rio de Janeiro, não existe o hábito de consumir a fruta natural”, justificou. Ele ocupa o mesmo mercado com a produção colhida dos 75 hectares cultivados com abacaxi.

Bastante motivado com o incentivo à fruticultura na região e com o apoio dado pela indústria Bela Joana, Azeredo mostra-se satisfeito com os rumos de sua atividade agrícola e com as perspectivas favoráveis vislumbradas no futuro. “Com a fruticultura, o Brasil poderá acabar com a reforma agrária”, salientou.

DA CANA PARA A FRUTICULTURA

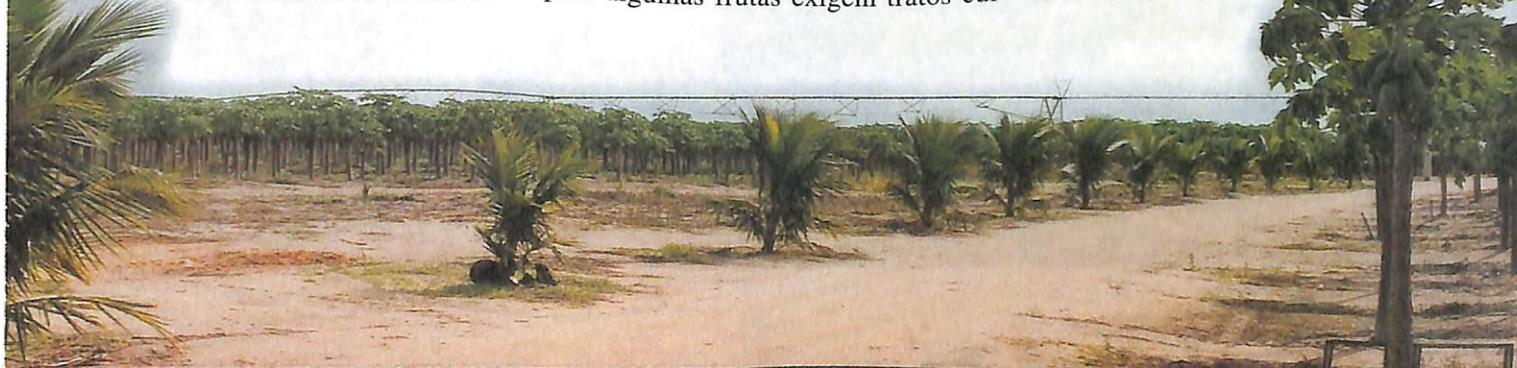
De uma tradicional família produtora de cana-de-açúcar da localidade de Quissamã, Haroldo Cunha Carneiro da Silva venceu dificuldades e passou a investir na fruticultura. “Não foi fácil, não existia recurso para irrigação e muito menos garantia de comercialização”, lembrou. Há 11 anos, ele e seu irmão iniciaram o cultivo incentivados pelo Programa Moeda Verde, do governo do Estado, que funcionava no sistema de equivalência-produto. “Enfrentamos dificuldades com a contratação de mão-de-obra que simplesmente não existia, pois algumas frutas exigem tratos cul-

Silva, de Quissamã, trocou a tradicional cana-de-açúcar pelo cultivo de frutas irrigadas

turais muito complexos”, salientou.

Haroldo é enfático ao falar sobre a sua decisão: “Havia duas alternativas: investir na terra ou passar para outra atividade. Optei pela primeira”. E não se arrependeu. Hoje, ele tem uma rentabilidade que varia de R\$ 12 mil a R\$ 20 mil por hectare, dependendo da fruta. Na cana-de-açúcar, essa rentabilidade variava de R\$ 1.500 a R\$ 2.000 por hectare. “Quem quer maior rentabilidade está com a faca e o queijo na mão”, disse.

Na propriedade, Haroldo vem cultivando cinco hectares de mudas para plantar 30 hectares de abacaxi irrigado e 50 hectares de coco irrigado. Segundo ele, o desafio daqui para a frente é alcançar um bom índice de produtividade na fruticultura, o que deve ser conquistado com a união dos produtores de Quissamã em uma cooperativa. O objetivo é fazer com que a cooperativa possa atuar na compra de insumos e também na difusão de novas tecnologias para o setor. De acordo com o produtor de Quissamã, a organização dos produtores é fundamental para garantir parte da comercialização de forma *in natura*, que alcança maior preço na hora da venda. Para isso, a Cooperativa Mista de Produtores de Quissamã já está investindo na aquisição de um *packing-house*, equipamento que faz a seleção das melhores frutas.



Luciana Radicione

AS VANTAGENS DO CA

Após 15 anos de pesquisas, os técnicos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Cerrados/DF) lançaram, no final do ano passado, a primeira forrageira nativa adaptada aos cerrados e às várzeas: o capim pojuca (*Paspalum atratum* cv. Pojuca). Nativa do Pantanal, a gramínea tem como principal característica a fácil adaptação a solos alagados. Conforme o PhD em pastagem da Embrapa, Alexandre Barcellos, ela está sendo muito utilizada no Vale do Araguaia/MT, onde ocorrem constantes inundações na parte central do Cerrado (Goiás, Sul e Centro de Tocantins e Minas Gerais), em localidades onde os níveis de precipitação são superiores a 1.600 mm, como no Mato Grosso, em Rondônia e no Acre. Além do norte da região dos Cerrados, da pré-Amazônia (Rondônia, Acre e norte de Tocantins) e do Pantanal. O nome do capim surgiu justamente porque a palavra pojuca, em tupi-guarani, quer dizer área úmida, alagadiça ou brejo.

Segundo Barcellos, outras vantagens desse novo cultivar são o alto índice de produtividade, que chega a 26 toneladas por hectare e a excelente produção de forragem. “Além disso, ele é tolerante ao fogo, tem boa capacidade de rebrota, boa resistência a doenças e pragas, como a cigarrinha-das-pastagens, e média tolerância ao frio”, afirma. O crescimento ereto



O detalhe, ao lado, demonstra a rebrota do pojuca, que pode atingir 1,60 m de altura

e rápido do pojuca, cerca de 6 mm por dia, faz com que ele represente uma alternativa na formação de pastagens, especialmente em áreas de brachiária humidícola para gado de cria. O novo capim pode ainda significar economia nos custos com suplementação alimentar à base de ração, uréia e sal mineral, especialmente na seca, se comparado à humidícola, mais adaptada, até então, a essas áreas úmidas.

O técnico da Embrapa informou que a planta está sendo utilizada especialmente na alimentação de bovinos e eqüinos e tem

proporcionado um nível surpreendente de crescimento, principalmente para o gado. “Ela é muito rica em proteínas e tem boa digestibilidade”, ressalta.

Durante um dia de campo realizado em março deste ano, na Fazenda São José/MT, os técnicos da Embrapa apresentaram aos produtores a área de 4,5 hectares, onde foi realizado o experimento com 65 animais. O resultado demonstrou que a gramínea apresenta boa resistência ao pisoteio, maciez, palatabilidade e resistência ao acamamento.

SEMEADORAS PARA RENOVAÇÃO DE PASTAGEM SEMEATO

PLANTIO DIRETO PASTAGENS

- * EVITA EROSIÃO EM SOLOS DEGRADADOS
- * INTEGRAÇÃO DE AGRICULTURA & PECUÁRIA
- * GANHO DE PESO POR ANIMAL
- * INTRODUZ GRAMINEAS E LEGUMINOSAS

Rua: Camilo Ribeiro, 190
Bairro: São Cristóvão
Passo Fundo - RS
www.semeato.com.br
SAC: 0800 99 6816

PLANTIO DIRETO

CAPIM POJUÇA

Em outra experiência, dessa vez realizada em Rondônia, o capim foi estabelecido sob seringais de 12 anos de idade, visando à formação de pastagens. A produção do capim pojuca foi de 1,7 tonelada por hectare de matéria seca de forragem no período de chuva (média de quatro cortes) e de 1,5 tonelada por hectare no período de seca. Para o período chuvoso, essa produção foi semelhante à da brachiária humidícola e inferior à do capim marandu. No período seco, no entanto, a produção do pojuca foi superior à da humidícola e semelhante à do marandu.

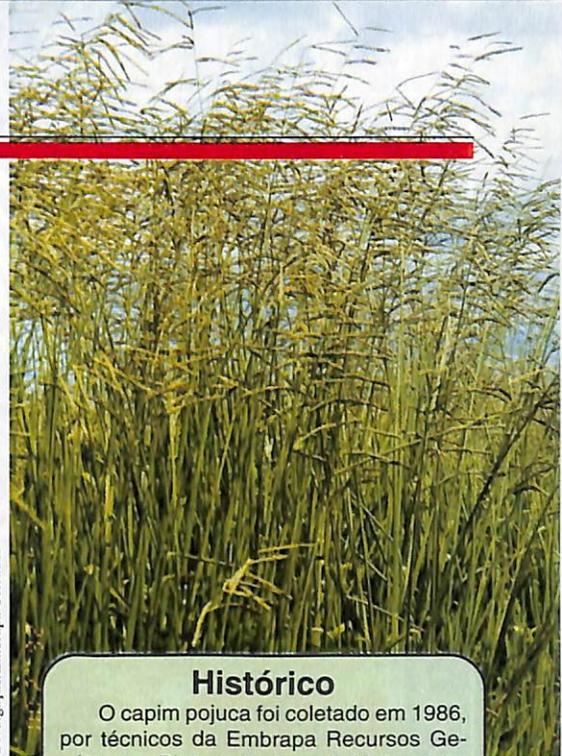
No que se refere às características

morfológicas, o capim pojuca é perene, as folhas são tenras, com a metade superior dobrada para baixo. As lâminas foliares possuem poucos pêlos brancos e longos nos bordos da base da face ventral. A reprodução do capim pojuca é apomítica, e, na região central do Brasil, o florescimento ocorre de meados de fevereiro a meados de março, com a colheita de sementes de março a abril. As sementes são marrons e lisas. Um grama tem, em média, 438 sementes puras.

Conforme Alexandre Barcellos, a época ideal para o plantio do cultivar é o início da estação das chuvas e o mês de dezembro. "O preparo do solo é o mesmo utilizado para a formação de outras pastagens, ou seja: aração e gradagem. Entretanto, deve-se evitar que a semeadura seja feita com o solo demasiadamente pulverizado ou fofo", explica. A taxa de semeadura recomendada é de 2 kg/ha de sementes com 100% de valor cultural. A semeadura poderá ser a lanço ou em linhas, sempre na superfície do solo. No plantio com máquinas, é recomendada a mistura das sementes com adubo superfosfato simples (40 kg a 50 kg/ha de adubo) para facilitar a regulagem da semeadora e melhorar a distribuição das sementes.

No que se refere aos custos, o capim pojuca também oferece boas vantagens para o produtor. "Devido à baixa exigên-

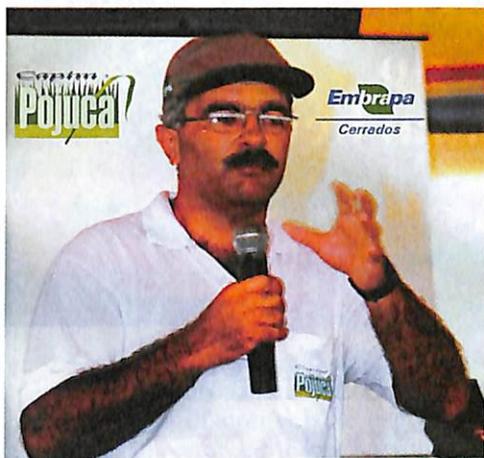
Divulgação/Embrapa Cerrados



Histórico

O capim pojuca foi coletado em 1986, por técnicos da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia e da Universidade Texas A&M, próximo a Terenos/MS. Em 1989, foi selecionado para avaliações com animais, multiplicação de sementes e ensaios regionais. Além da Embrapa Cerrados, participaram das pesquisas as Embrapas: Pecuária Sudeste (São Carlos/SP), Gado de Corte (Campo Grande/MS), Rondônia (Porto Velho/RO), Acre (Rio Branco/AC), Recursos Genéticos e Biotecnologia (Brasília/DF) e EMPAERM (Santo Antônio do Leverger/MT), que juntas com a Embrapa Negócios Tecnológicos participam do lançamento desse novo cultivar.

cia de correção e fertilidade do solo, os valores investidos para o plantio da graminéa são baixos", considerou Barcellos. Segundo ele, neste ano serão liberadas no mercado de 200 a 300 toneladas de sementes para plantio em larga escala. "Como é o primeiro ano, a expectativa é que o preço esteja um pouco elevado pelo ineditismo do produto, o que deverá diminuir com o tempo", afirmou.



Barcellos, PhD em pastagens: o índice de produtividade chega a 26 toneladas por hectare

Divulgação/Embrapa Cerrados

Sistema Renovação de Pastagens Monsanto. O gado agradece em peso.

MAIS PESO VIVO POR HECTARE:
ATÉ 1,0 KG/U.A./DIA.

AUMENTO DE LOTAÇÃO:
ATÉ 5 U.A./HA.

REDUÇÃO DO TEMPO DE ABATE:
DE 6 A 12 MESES.

RENOVAÇÃO EM MENOS TEMPO:
DE 35 A 45 DIAS ANTES.

RENOVAÇÃO DE PASTAGENS SE FAZ COM PLANTIO DIRETO. E PLANTIO DIRETO É COM ROUNDUP.

Solicite o folheto sobre os Sistemas Integração Agricultura e Pecuária e Renovação de Pastagens Monsanto através do MAC - Monsanto Atendimento ao Cliente: 0800-156242.



Produto agrícola. Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Leia atentamente o rótulo e a bula.



*Aos amigos
e clientes*

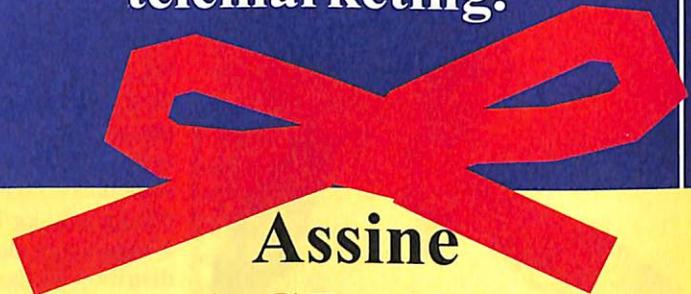
*Dê de presente
uma assinatura
d'A GRANJA e AG Leilões:
V. vai ser lembrado todo 2001*

a granja +

A REVISTA DO
LÍDER RURAL



Um presente útil e criativo.
Aproveite nossa promoção:
ligue agora mesmo
e fale com nossas
meninas do
telemarketing.



**Assine
A GRANJA
e receba GRÁTIS**

**Ligue já
(51) 3233-1822**



**A mais completa
revista sobre leilões
e exposições de gado
de elite.**



**O mais importante
anúário da
agropecuária
brasileira.**

Senasa aguarda informe europeu

As autoridades do Serviço Nacional de Higiene e Qualidade Agroalimentícia (Senasa) estão aguardando a divulgação do informe sanitário, elaborado pela delegação da União Européia, sobre os mecanismos de controle da febre Aftosa. No documento constam algumas observações sobre as ferramentas que possibilitarão a erradicação da doença no país. De acordo com o titular da entidade, Bernard Cané, assim que

o relatório for entregue, a Senasa apresentará uma contraproposta à União Européia. “Vamos propor o reingresso no mercado europeu mais tardar até agosto”, revela. Por outro lado, já foi acertada a venda de carne ovina para Israel e foi dado o consentimento do Chile para a entrada de gado em seu território, dois pontos que podem marcar o início de um tempo de mudança para a situação sanitária do rebanho argentino.

Batalha pelo mel

A Federação Argentina de Cooperativas Apícolas (Facap) rechaçou energicamente a decisão do governo dos Estados Unidos de travar as exportações de mel argentino, suspeitas de *dumping*. O governo nacional encaminhou para as autoridades do departamento de agricultura norte-americano (USDA) um documento de repúdio à taxação estabelecida pelos Estados Unidos, que contou com o apoio de produtores, exportadores, fabricantes de insumos e de toda a indústria relacionada com a apicultura. O secretário da Agricultura, Marcelo Regúnaga, apresentou o documento oficial ao USDA, destacando o prejuízo que a medida ocasiona aos representantes do setor e a todos que integram a cadeia comercial do produto. Recentemente, chegou ao país uma missão da Secretaria de Comércio americano para verificar os custos de produção local e os supostos subsídios financeiros que estariam sendo outorgados. Vale recordar que a Argentina é o principal exportador mundial de mel. Cerca de 50% da sua produção é importada pelos EUA. A outra fatia fica com os países da União Européia.



A Granja

Vendas de semeadeiras bate recorde

Como reflexo da expansão acelerada do plantio direto no país, a venda de semeadeiras, especialmente fabricadas para essa modalidade, superou as expectativas da indústria local. Os estoques disponíveis se esgotaram depois que foi disponibilizado um incremento dos reembolsos da maquinaria nacional e da redução do IVA, como parte do plano de competitividade implementado pelo Ministério da Economia. Os fabricantes haviam calculado a possibilidade de vender 250 semeadeiras, por um valor total de US\$ 4 milhões.

Oriente Médio e África elevam compras de milho argentino

O volume de milho adquirido pelos países do Oriente Médio e da África, durante a primeira semana de junho, aumentou em mais de 8,5 mil toneladas, se comparado com o mesmo período do ano passado. Com um produto valorizado por sua alta qualidade e menores preços, a Argentina é o segundo exportador mundial de milho, perdendo apenas para os

Estados Unidos. Nesse mesmo período, foram contabilizados ainda compromissos de compra na ordem de 2,09 milhões de toneladas por parte de Israel, Arábia Saudita, Argélia e outros países da região. Esse número representa mais de 80% do que foi adquirido por essas nações em todo o ano passado. Considera-se que os preços competitivos do milho argentino, se relacionados ao americano, impulsionaram essas mudanças, as quais se somaram às dificuldades geradas pelo milho Star Link em boa parte do mundo.



A Granja

CONVÊNIO EDITORIAL

www.revistachacra.com.ar

CHACRA
O CAMPO MODERNO

TRIGO

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos projeta uma queda na produção mundial e nos estoques de trigo. A colheita argentina está estimada em torno de 19 milhões de toneladas, o que pode gerar um volumoso saldo de exportações. A expectativa é de preços menores aos projetados no auge da colheita.

SOJA

A produção argentina alcançará 26 milhões de toneladas, o que, junto aos recordes produtivos do Brasil e dos Estados Unidos, configura um panorama negativo para os preços. Todavia, resta ver a evolução do “mercado climático” de julho e agosto nos países norte-americanos. Em matéria de cotizações, é possível considerar que, pelo menos aqui no Sul, o pior já passou.

NOVILHO

O fechamento dos mercados externos provocou uma sobreoferta de animais pesados, gerando a desvalorização da categoria. Estima-se que, na primeira quinzena de julho, deverá ser completada a vacinação de todo o rebanho nacional, e, a partir de então, a situação se aproximará dos padrões da União Européia para a reabertura de mercados.

LEITE

A produção de leite em março de 2001 foi equivalente ao nível registrado em março de 1997, o que implica em um significativo retrocesso em matéria de volume produzido no país. A grande diferença é que, naquele ano, os preços ao produtor subiram cerca de 20 centavos. Hoje, paga-se apenas 18.

CONAMA, UMA ABERRAÇÃO JURÍDICA

José Maurício de Toledo Murgel
Diretor do IRMA - Instituto Rural de Meio Ambiente
fone/fax (14) 624-4771/e-mail jmmurgel@irma.eng.br/site <http://www.irma.eng.br>

De acordo com nosso sistema legal, ninguém é obrigado a fazer nada a não ser por força de lei.

Se o presidente da República quiser editar uma postura legal, deve enviar uma mensagem ao Congresso Nacional, que a apreciará, aprovando ou não. Se o assunto for urgente, existe a possibilidade de editar uma medida provisória, com força de lei, mas que deve ser apreciada pelo Congresso no prazo de 30 dias. Findo esse prazo, a medida é considerada rejeitada, salvo por reedição.

Já um deputado, para editar uma lei, deve apresentar um projeto de lei que será examinado pelas comissões técnicas, em especial pela Comissão de Constituição e Justiça. Se aprovado pelas diversas comissões, deve ir a plenário para votação. Aprovado, sobe para a Presidência da República para apreciação, onde poderá, até, ser vetado.

Esses mecanismos, aparentemente complicados, dão ao cidadão uma garantia de seus direitos constitucionais, evitando-se casuísmos contra a pessoa ou contra os legítimos interesses da Pátria.

Esse sistema rígido tem uma exceção injustificável; o Conama – Conselho Nacional do Meio Ambiente.

O Conama, dentro das atuais prerrogativas, dadas pelo artigo 6º da Lei Federal nº 6.938/81, após alteração feita pela Lei Federal nº 7.8094/89, passou a ser um órgão consultivo e deliberativo, e suas deliberações têm força

de lei sem terem passados pelos crivos do ministro, do Congresso ou da Presidência da República.

Assim, o Conama, que é composto por membros da sociedade civil, sem terem sido eleitos, passa a ter um poder maior que a Presidência da República ou do Congresso Nacional, visto que suas resoluções têm força de lei e aplicação imediata.

Como é sabido, existem enormes pressões externas contra o nosso desenvolvimento, defendendo, sempre, interesses espúrios de multinacionais que subsidiam centenas de organizações não-governamentais (ONGs).

Se tivéssemos uma saída para o Oceano Pacífico, nossos produtos do Centro-Oeste, principalmente a soja, poderiam chegar com preços realmente competitivos no mercado asiático, evitando uma ida aos portos de Santos e Paranaguá para contornar a América do Sul, atingindo o Oceano Pacífico; um acréscimo de mais de 8 mil quilômetros. A saída ideal foi eleita como sendo uma ferrovia, o que foi aceito pelos países vizinhos. Não fosse uma campanha contra essa abertura, sob o pretexto da destruição da Floresta Amazônica, essa ferrovia já estaria funcionando. “Alguém” gastou dezenas de milhões de dólares para que nosso povo aceitasse essa restrição em nome da preservação ambiental.

Algumas ONGs, sob patrocínio externo, têm tentado internacionalizar a Amazônia; outras querem criar as nações indígenas, nas atuais reservas, para, sob o patrocínio da ONU, saírem do domínio do povo brasileiro. O que mais nos deixa indignados é ver que essas idéias são expostas por brasileiros natos, portadores de títulos universitários e bem recebidos pela mídia.

Outras tentam, e já conseguiram, patentear o conhecimento indígena, sob auspícios de uma lei contrária aos legítimos interesses nacionais. Hoje, a maioria dos fitoterápicos importantes, descobertos por nossos índios, já está sob o domínio da indústria farmacêutica internacional.

Essas ONGs, por nadar em dinheiro sujo, têm possibilidade de realizar viagens para expor suas idéias e, por consequência, têm acesso ou mesmo assento nas diversas comissões do Conama. Por isso, acabam jogando contra os verdadeiros interesses do Brasil e do seu povo.

É imperativo que o Conama volte a ser um órgão consultivo de apoio ao ministro do Meio Ambiente, mas que suas resoluções não tenham força de lei. Se essas resoluções forem aprovadas pelo órgão técnico do ministério, caberá ao ministro indicar à Presidência da República que as mesmas possam ser encaminhadas ao Congresso Nacional na forma de projeto de lei. ■

“É imperativo que o Conama volte a ser um órgão consultivo de apoio ao ministro do Meio Ambiente”

Plantio Direto

Área de cevada cresce no Paraná

Mesmo com a quebra na produção do ano passado, causada pela ação da geada, os agricultores da região centro-sul do Paraná não desistiram do cultivo da cevada como principal lavoura de inverno. Uma das causas da manutenção do crescimento da lavoura é a garantia do preço mínimo de venda, o que não acontece com o trigo. No Paraná, 100% da área cultivada com cevada está no sistema de Plantio Direto. Para a safra 2001/2002, o Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (SEAB), prevê uma área cultivada de 33,8 mil hectares da lavoura. Cerca de 8% a mais que os 31,8 mil hectares plantados no ano passado. Como não há perspectiva de um inverno rigoroso este ano, com ocorrência de fortes geadas, a produção de cevada no Paraná deve quase dobrar em relação ao último ano. O Deral estima que o Estado deva produzir este ano quase 102 mil toneladas de cevada, com produtividade média de três toneladas/hectare. Essa produtividade é um pouco superior à média nacional, que está em 2,6 toneladas por hectare.

A maior limitação da lavoura é o clima. A produção nacional está limitada ao centro-sul do Paraná, a Santa Catarina e ao Rio Grande do Sul, onde as

As garantias de mercado e a boa adaptação à rotação de culturas com a soja no verão são as vantagens apresentadas por esse cultivo de inverno

Emerson Urizzi Cervi

temperaturas médias no inverno ficam abaixo de 20 graus centígrados. Acima disso, ocorre uma perda de qualidade dos grãos de cevada e do seu valor de mercado.

As maltarias são os principais compradores da cevada brasileira de boa qualidade. O produto sem qualidade, chamado de refugo, é vendido para fábricas de ração animal a cerca de 20% do preço obtido pela cevada tipo 1. Por isso, produzir com qualidade é garantia de melhor rendimento financeiro. Algumas cervejarias, como a Ambev, por exemplo, têm um sistema de contrato de compra de produção com preço pré-fixado. O

objetivo da cervejaria é fazer com que o produtor tenha rentabilidade no negócio para continuar plantando cevada no inverno. Basta que o agricultor consiga produzir uma cevada de qualidade para ter um comprador garantido.

A Ambev tem duas formas de compra antecipada de cevada. Ela pode fazer contrato direto com os produtores ou por intermédio de cooperativas agrícolas, como venda indireta. Nos dois casos, a empresa vende a semente para o agricultor e garante a compra do produto a um preço preestabelecido. Para a fixação do preço de compra, são considerados todos os custos da lavoura.

Em 2000, o preço médio pago aos produtores pela saca de 60 quilos de cevada ficou em R\$ 10,38, de acordo com o Deral. Esse valor é suficiente para cobrir os custos, mas os agricultores que colheram índices elevados de grãos tipo 1 conseguiram médias maiores de preço de venda. As cervejarias, que compram direta ou indiretamente o produto de maltarias próprias, pagaram um pouco acima do valor de mercado.

No Brasil, existem três maltarias (que produzem malte a partir do grão de cevada para vendê-lo às cervejarias). Duas delas, uma no Rio de Janeiro e outra em Canoinhas, pertencem à Ambev. A terceira é independente, pertence à Coo-

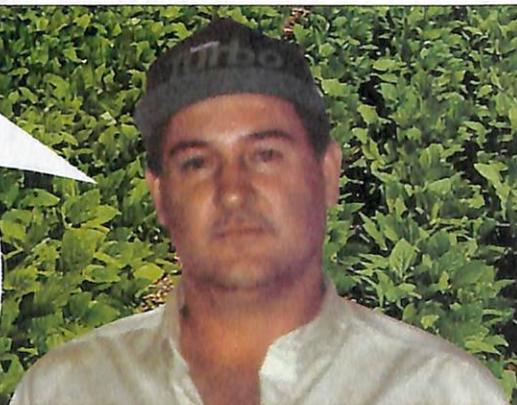
69,5 sacas/ha

Em seus 1.500 ha de lavoura de soja, Vicente obteve o resultado de 69,5 sacas/ha e foi o campeão em produtividade.

Nem seria preciso dizer que fertilizante ele usou.

Serrana
Turbo

Serrana
FERTILIZANTES
Ao lado de quem produz



Vicente Luiz Costa Beber - Nova Mutum - MT

perativa de Entre Rios, que fica no município de Guarapuava (centro do Paraná). A região de Guarapuava será responsável por 22 mil dos 33,8 mil hectares cultivados com cevada este ano no Paraná. Outros 7 mil estão distribuídos em cerca de 70 produtores da região do município de Ponta Grossa (região dos Campos Gerais). Os produtores de Guarapuava entregam a produção para a cooperativa. Já os de Ponta Grossa estão vinculados à Ambev.

Em anos anteriores, a lavoura de cevada chegou a dar mais de 20% de rendimento financeiro sobre os custos de produção. Para a safra 2001, as perspectivas não são tão animadoras. De acordo com a técnica do Deral, Vera Zardo, alguns custos tiveram uma variação grande no último ano. No Paraná, o custo da saca de 60 kg de cevada este ano deve ficar próximo a R\$ 12 para uma produção de 2,7 toneladas por hectare. Como a média de produção no Estado é superior, os custos devem baixar em cerca de 20%.

Até o ano passado, a produção nacional de cevada não foi suficiente para atender à demanda das maltarias, e os fabricantes de cerveja tiveram de importar o produto, principalmente da Argentina. De acordo com informações da assessoria de imprensa da Ambev, a partir de 2002, quando a safra de 2001 entra no mercado, toda a necessidade da cervejaria será suprida pela produção nacional. Além da quantidade insuficiente, em função da quebra de produção pelas geadas, até pouco tempo a cevada brasileira não atendia às exigências de qualidade das cervejarias. Com o desenvolvimento de novas cultivares pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a qualidade do produto nacional melhorou. Variedades importadas, quando cultivadas em regiões com temperaturas médias altas para o inverno, apresentam grande concentração de proteína bruta (PB) nos grãos. O excesso de proteína bruta prejudica a fermentação, e, por isso, as maltarias não compram produto com índice de PB acima de 13%. Uma das



A Granja

A produção nacional fica aquém da demanda das maltarias, que acabam importando o produto

formas de evitar os riscos do excesso de PB é fazer o plantio da cevada antes do trigo, de preferência antes do final do mês de maio. Assim, evita-se o calor no final do ciclo.

Outra vantagem oferecida aos produtores de cevada é o prazo de pagamento. Entre uma semana e dez dias da entrega, o produtor já recebe. Essa é uma diferença muito grande em relação ao trigo. As garantias de mercado e de qualidade

têm feito da cevada uma ótima alternativa de cultivo de inverno para agricultores do sul do Paraná, onde não é recomendado o plantio do milho safrinha. Assim como o trigo, a cevada oferece boa rotação de cultura com a soja.

RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS

O manejo da lavoura de cevada é bastante parecido com o das de trigo. O ciclo vegetativo médio das variedades cultivadas no Brasil é de 150 dias. O plantio deve acontecer no mês de maio, e a colheita, na segunda quinzena de outubro. A cevada é um pouco mais exigente em fertilidade de solo que o trigo. Em algumas áreas, além da adubação no momento do plantio com fórmula NPK, é preciso fazer pelo menos uma cobertura com uréia. Porém, os técnicos alertam que o excesso de nitrogênio é um dos fatores que causam elevação da proteína bruta nos grãos.

Na área fitossanitária, além do tratamento fúngico das sementes, são feitas duas aplicações de fungicidas por ciclo, em média. Em anos com boas condições climáticas, sem oscilação de temperatura e excesso de umidade, é possível fazer apenas uma aplicação de fungicida. Assim como no trigo, as doenças mais



A Granja

A CEVADA NO PARANÁ

- Área cultivada em 2001 – 33.800 hectares
- Área cultivada em 2000 – 31.800 hectares
- Crescimento entre 2000 e 20001 – 8%
- Produção estimada em 2001 – 101.900 toneladas
- Produtividade estimada por hectare em 2001 – 3.014 kg/ha
- Produção em 2000 – 66.600 toneladas
- Produtividade por hectare em 2000 – 2.100 kg/ha (quebra de quase 50% em função das fortes geadas no início do inverno do ano passado)
- Região maior produtora no Paraná – Guarapuava (22 mil hectares em 2001)

Fonte: Deral (Departamento de Economia Rural) da SEAB (Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná)

comuns são o oídio, a ferrugem da folha, a mancha em rede, a mancha marrom e a gibe-rela. Para o controle de ervas daninhas, é necessá-ria pelo menos uma aplicação de herbi-cida.

Em lavouras bem manejadas e com variedades adaptadas ao clima, é possível produzir até 92% dos grãos de primeira classe. O sucesso de uma lavoura de ce-veda depende principalmente de condições climáticas favoráveis, do manejo e da adap-tação do cultivar às condições locais. Como exige um nível de tecnificação um pouco elevado e cultivado em escala, a produção de cevada se concentra principalmente entre médios e grandes produtores.

O fato de 100% das lavouras de ce-veda do Paraná serem em plantio direto tem uma explicação. É que, nesse sistema, a lavoura de inverno permite que a soja subsequente seja semeada na época reco-mendada, sem atrasos. Planta-se cevada entre maio e junho, e a colheita acontece no início de outubro. A segunda quinze-na de outubro é a mais indicada para o plantio de soja na região. Com o trigo, a colheita acontece apenas em novembro, o que atrasa o início da instalação da lavoura

MANEJO TÉCNICO RECOMENDADO

- **Cultivar:** BR 2 (Embrapa) – sementes tratadas com Spectro
ciclo: espigamento – 94 dias
maturação – 146 dias
altura: 84 cm
- **Plantio:** 20 de maio a 5 de junho
- **Densidade:** 225 a 250 sementes/m² ou 42 a 45 sementes/m linear
- **Saturação de bases:** ideal 70% – mínimo 50%
- **Adubação:** nitrogênio: base – 30 kg de N/ha
início do perfilhamento – de 0 a 30 kg de N/ha
Fósforo: até 4 ppm _____ 60 a 90 kg de P₂O₅/ha
de 4 a 9 ppm _____ 30 a 60 kg de P₂O₅/ha
acima de 9 ppm _____ 10 a 30 kg de P₂O₅/há
Potássio: até 10 meq _____ 60 kg K₂O/ha
10 a 30 meq _____ 45 kg K₂O/ha
acima 30 meq _____ 30 kg K₂O/há
- **Micronutrientes:** recomenda-se misturar no adubo formulação contendo zinco, boro, cobre manganês, ferro e molibdênio.
- **Controle de plantas daninhas:** herbicidas: 2,4-D, 2,4-D + MCPA, 2,4-D + Picloran, Banvel, Basagran, Iloxan, Herbadox
- **Doenças:** oídio _____ altamente suscetível
ferrugem da folha _____ suscetível
mancha reticular _____ moderadamente suscetível
mancha marrom _____ moderadamente suscetível
- **Fungicidas:** Folicur, Sportak, Tilt
- **Pragas:** pulgões e lagartas (controle idêntico à cultura do trigo)
- **Colheita:** umidade inferior a 16%

de verão do próximo ano. Além disso, a produtividade da cevada por hectare é maior que a de trigo.

Enquanto no Estado a média da cevada fica em 3,1 toneladas por hectare, a de trigo não passa de 2,4 toneladas. A lavoura só não consegue se expandir para outras regiões em função da limitação climática.

A colheita é deflagrada próximo à segunda quinzena do mês de outubro

COMO A CEVADA VIRA CERVEJA?

A cevada deve apresentar altos índi-ces de proteína e de germinação para apresentar bons rendimentos na maltaria. Na maltaria, os grãos passam por um pro-cesso de germinação. Depois, os brotos são fermentados, e o resultado desse pro-cesso é a produção de malte. As malta-rias, que compram a cevada dos agricul-tores, vendem o malte para as cerveja-rias. No momento da comercialização, o grão de cevada é dividido em três tipos. O tipo 1 apresenta a melhor qualidade de germinação e o maior teor de proteí-na. Há ainda o tipo 2 e o refugo. Quanto maior a porcentagem de grão tipo 1 de uma lavoura, melhor será o rendimento financeiro para o agricultor. 



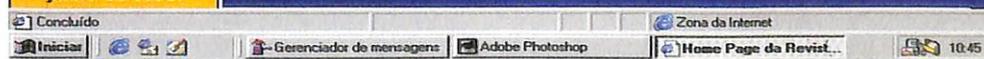
A Granja



www.agranja.com

O seu endereço rural na internet

- Matérias jornalísticas
 - Seções
 - Sites rurais
 - A GRANJA DO ANO
 - Bolsas de valores
 - Artigos técnicos
 - Plantio direto
 - Agendas de eventos e leilões
- Números anteriores das revistas **A GRANJA** e **AG Leilões**



AÇÚCAR e ALCOOL

A alta do dólar e a retomada dos preços

Carlos Alberto Widonsck – carlosw@bmf.com.br
Este artigo foi redigido com dados disponíveis até 18/6/2001

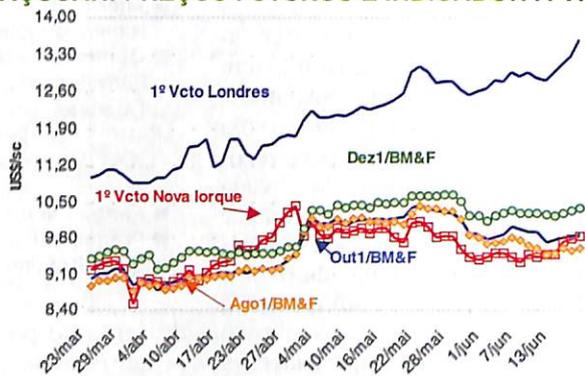
A retomada dos preços internacionais e a alta do dólar no mercado interno têm dado a tônica neste início da safra 2001/2002 brasileira. Segundo a Única, só nos primeiros cinco meses deste ano, as exportações cresceram cerca de 240% em relação ao mesmo período do ano passado, rendendo algo em torno de US\$ 569,7 milhões. Ainda segundo a mesma fonte, os preços internacionais do álcool vêm remunerando cerca de 10% a 12% acima do mercado interno, o que traz uma certa preocupação no setor, devido aos compromissos internos assumidos. A American Sugar Alliance vê com apreensão o acordo de livre comércio (ALCA), pois, segundo palavras do presidente dessa associação, o Brasil vende o produto a ¢US\$ 9,00/lb, enquanto os preços prati-

cados nos EUA são de ¢US\$ 21,00/lb, devido ao baixo custo de produção do açúcar brasileiro. A diferença entre o açúcar negociado na bolsa de Londres, tomando-se como base o vencimento agosto/01 e o vencimento julho negociado na bolsa de Nova Iorque, tem oscilado em torno de US\$ 70,00 por tonelada, o que, segundo traders do mercado internacional, deixa claro o maior interesse pelo açúcar refinado por parte dos importadores mundiais. No mercado interno, os preços no mercado *spot* têm oscilado na faixa de R\$ 23,50/saca, sem grande interesse das usinas na comercialização, devido à melhor remuneração na exportação. Na BM&F, analisando os vencimentos ago/01 e o out/01 desde o início do mês, observa-se que a diferença (*spread*) entre ambos passou de US\$ 0,06/saca para US\$ 0,20/saca, sinalizando assim preços mais altos a partir de setembro. No mercado de álcool anidro, observa-se uma comercialização estagnada, com as usinas não ofer-

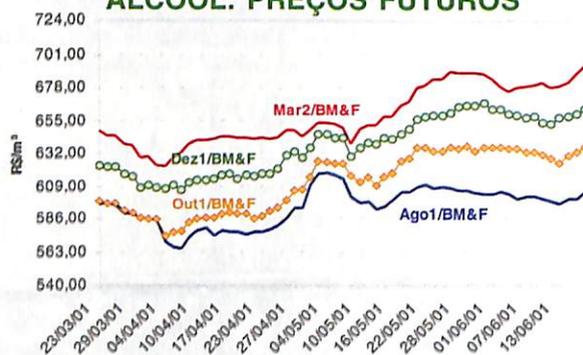
tando o produto, para não depressurizar os preços, e as distribuidoras sem grande interesse em adquirir o mesmo. No mercado futuro, analisando os venci-

mentos maio/02 (R\$ 673,00/m³) e ago/02 (R\$ 619,00/m³), entressafra e safra, nota-se um declínio de preço da ordem de 8,73%.

AÇÚCAR: PREÇOS FUTUROS E INDICADOR À VISTA



ÁLCOOL: PREÇOS FUTUROS



ALGODÃO

Expectativa com as operações de AGF

Plínio Penteadó de Camargo – plinio@bmf.com.br
Este artigo foi redigido com dados disponíveis até 18/6/2001

No dia 18 do mês passado, o setor privado – produtores, industriais, comerciantes e corretores – reuniu-se mais uma vez com autoridades do Ministério da Agricultura para discutir medidas visando a solucionar o grave problema da comercialização do algodão,

principalmente da produção da Região Centro-Oeste, pelo fato de que, àquela altura, as safras dos Estados de São Paulo e Paraná já estarem quase totalmente comercializadas. No entanto, para surpresa geral, foi anunciado um programa de Aquisição do Governo Federal (AGF). Seriam dispendidos recursos no valor de R\$ 100 milhões para aquisição de 50 mil toneladas de algodão. Em seguida, a Conab anunciou os procedimentos relativos à classificação do produto, armazenagem e verificação do quantitativo de cada solicitante. A Bolsa de Mercadorias & Futuros – BM&F terá a função de aferir os serviços de classificação de algodão que

for realizada por órgãos estaduais de classificação. Essa aferição será feita pela reclassificação de aproximadamente 10% dos fardos objetos de proposta de AGF. O sistema tem sido considerado pelo mercado em geral como bastante confiável e seguro.

Os preços continuam baixos, ao redor de R\$ 85,50/lp, valor esse inferior ao preço mínimo de referência. O con-

trato para vencimento em julho, na bolsa de Nova Iorque, fechou no dia 15 a US\$ 39,50/lp. Esse é um preço do início da década de 80, quando a moeda norte-americana tinha valor aquisitivo bem maior do que atualmente. O varejo de produtos têxteis continua no aguardo de temperaturas mais baixas para o incremento das vendas que continuam fracas.



A Granja

A decisão para a nova safra

**Luiz Cláudio Caffagni –
lclaudio@bmf.com.br**
Este artigo foi redigido com
dados disponíveis
até 18/6/2001

Acada semana que passa, sem a ocorrência de geadas no Paraná, os compradores ficam mais tranquilos com relação ao abastecimento na entressafra. Por outro lado, esse fato exerce efeito contrário no produtor, uma vez que, com os preços estáveis de milho e soja, até o início do plantio a relação de troca com a soja, em torno de 2,5, torna a substituição atraente. Note-se que, durante o segundo semestre de 2000, a relação de troca média foi de 1,45. Com relação à demanda, cresce a expectativa de desaceleração da economia até que os investimentos em geração de energia elétrica comecem a produzir. Mas o efeito na cadeia do milho ainda é incerto.

Com relação à febre afetosa no RS, que causou embargo por alguns importadores de carnes, pode-se dizer que os pecuaristas já estão fornecendo a segunda dose da vacina e que a situação deverá se estabilizar. A me-

didada que o mercado brasileiro de exportações de carnes e de milho amadurece e ganha espaço, os preços internacionais exercem maior influência nos preços domésticos e a análise dos relatórios internacionais ganha importância. Em 12/6, o USDA divulgou o relatório de junho de oferta e demanda mundial de milho. O quadro de oferta permaneceu estável, exceto a chinesa, que apresentou queda de 125 para 115 milhões de toneladas devido a problemas climáticos. Porém, com estoques finais elevados (que recuaram de 77,6 para 70,6 milhões de toneladas), o impacto no comércio mundial daquele país não deverá se alterar. O quadro de demanda também não se modificou. Os EUA devem colher 243,2 milhões de toneladas, mas a produção, em plena fase vegetativa, não está livre de eventuais riscos climáticos. Com relação às exportações norte-americanas, pode-se observar uma leve alta com relação ao relatório anterior. Em 18/6, na BM&F, o milho futuro foi negociado a US\$ 3,65/sc para o vencimento julho/2001, a US\$ 4,36/sc para setembro/2001 e a US\$ 4,66/sc para novembro/2001.

O inverno está chegando

**Sergio Beczkowski –
sergioib@bmf.com.br**
Este artigo foi redigido com
dados disponíveis
até 12/6/2001

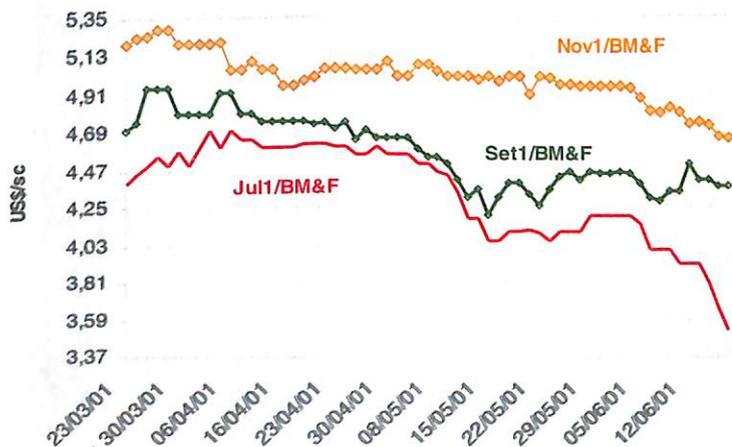
O mercado de café mostrou estabilidade em São Paulo e pequena baixa em Nova Iorque, no período de 06/6 até 12/6. Na BM&F, base julho de 2001, a cotação fechou a US\$ 61,35/saca, com baixa de US\$0,35/saca e em Nova Iorque, para a mesma base, o mercado foi cotado a US\$ 57,65/lb, uma baixa de US\$ 0,85/lb. Com relação aos estoques certificados tanto em Nova Iorque quanto em São Paulo, apresentaram estabilidade com 45 mil sacas e 3,7 milhões de sacas respectivamente. O diferencial no período, base julho, também ficou estável no nível de US\$ 12,00/lb. Nenhum fator climático veio influenciar as cotações, nem notícias de frentes frias e tampouco chuvas nas regiões cafeeiras, o que é benéfico na época de colheita. O volume de contratos em aberto fechou o período no nível de quase 14 mil contratos em

aberto.

No mercado interno, as cotações findaram o período nos seguintes níveis: bica corrida tipo 6 a R\$ 125,00/saca; bica rio tipo 7 a R\$ 103,00/saca e conillon tipo 7 a R\$ 61,00/saca. No mercado externo, a cotação da qualidade *swedish* para embarque julho foi cotada a 15¢ abaixo de Nova Iorque base julho.

A partir de agora, o mercado deverá entrar em períodos de maior volatilidade, com o fator inverno, apesar de que, com a plantação do produto se direcionando cada vez mais para o norte, a possibilidade de geadas fica mais escassa. Ainda assim, há perigo, por exemplo, de geada com fortes efeitos no sul de Minas, o que poderia desestabilizar o preço no mercado. Precisamos lembrar que os atuais preços do café são os mais baixos em termos de dólar corrigido pela inflação americana desde 1900. O motivo é sem dúvida o excesso de oferta no mundo, além de grandes estoques em mãos dos consumidores.

PREÇOS FUTUROS



A Granja

SOJA

Preços internacionais em alta

Antonio Bueno - bueno@bmf.com.br
Este artigo foi redigido com dados disponíveis até 12/6/2001

Ao encerrar-se essa análise, em 12 de junho, os preços internacionais atingiam seu mais alto nível dos últimos 100 dias. Nessa data, foi divulgado pelo Departamento de Agricultura dos EUA – USDA o relatório de junho, relativo às Estimativas de Oferta e Demanda Agrícolas Mundiais (WASDE). Os números contidos naquele documento foram considerados altos para o complexo soja. Com respeito à safra velha norte-americana e por comparação ao WASDE de maio, a soma dos valores estimados referentes a esmagamento e

exportações cresceu, em milhões de toneladas, de 69,94 para 71,03, resultando na redução da estimativa de estoque final de 7,89 para 7,35. No tocante à safra nova dos EUA e por comparação ao relatório de maio, as previsões recém-divulgadas apontam incremento do somatório dos itens mencionados, em milhões de toneladas, passando de 70,89 para 71,85 (acréscimo de quase um milhão de toneladas).

Desses números decorre a diminuição projetada do estoque final da safra nova (*carry out* da safra 2001/2002), em milhões de toneladas, de 13,6 em maio para 11,98 em junho (menos 1,62). Em termos percentuais, a relação estoque final/consumo prevista caiu de 18% para 16%, em contrapartida a 11% na safra 2000/

2001. Ou seja, os números do USDA confirmam o sentimento do mercado, já que a atual firmeza da demanda poderá absorver parte expressiva da oferta projetada,

ensejando importante recuperação dos preços nos EUA, caso não ocorra aumento expressivo da produtividade média norte-americana.

PREÇO FUTURO E INDICADOR À VISTA



BOI GORDO

Aumenta a incerteza para o segundo semestre

Félix Schouchana - felix@bmf.com.br
Este artigo foi redigido com dados disponíveis até 18/6/2001

A questão que está mobilizando o mercado pecuário no momento é saber se convém confinar o boi gordo, gerando grande incerteza a respeito do preço da arroba no segundo semestre de 2001. A favor de maior confinamento estaria o crescimento no consumo interno e nas exportações puxadas pela alta do dólar. Contra está a expectativa de que o crescimento não será vigoroso, devido ao problema energético, às barreiras sanitárias decorrentes da aftosa no

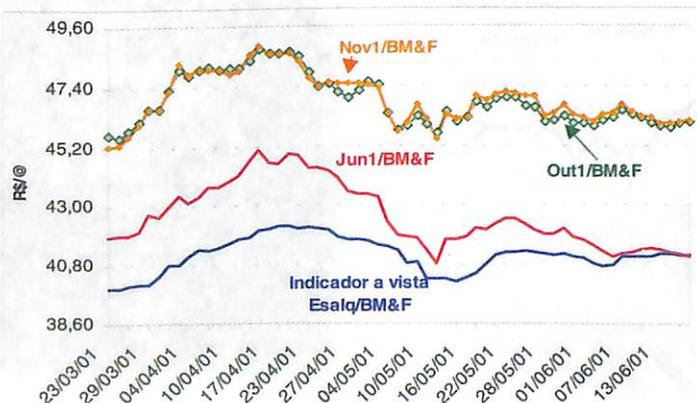
Sul do país, ao preço elevado dos animais para engorda (boi magro e garrote) e ao alto custo de alimentação. Como o inverno não está muito seco nem muito frio, a manutenção dos bois a pasto é mais lógica.

Outra incógnita é saber quando as chuvas de verão ocorrerão. Se for em outubro, o boi confinado perde peso, e

haveria maior desova de animais. Assim, em novembro faltaria carne, e o pico da entressafra seria novamente nesse mês, como tem acontecido nos últimos três anos. Essa incerteza se reflete no preço para agosto, outubro e novembro de 2001. Nas duas últimas semanas, o outubro caiu mais que o novembro, enquanto o agos-

to subiu, porque alguns acreditam que em agosto a oferta será reduzida. Essa incerteza está provocando maior demanda de *hedge* na BM&F, devendo aumentar o volume negociado. No mercado à vista, o preço tem oscilado entre R\$ 41 e R\$ 40,50 a arroba nos últimos 30 dias.

PREÇOS FUTUROS E INDICADOR À VISTA



A Granja

ARROZ

Oferta abundante não reduz preços

Embora a oferta de arroz esteja em elevação, em função do término da colheita, os preços vêm apresentando aumento. A saca de 50 quilos no Rio Grande do Sul alcançou R\$ 15,50. A alta do dólar está dificultando a importação do cereal do Uruguai e da Argentina. Tudo indica que a tendência de alta nos preços será mantida durante o mês de julho. Os produtores mais atentos e com maior disponibilidade financeira estão retendo o produto como forma de sustentar os preços nesse patamar. Em média, a saca de 60 quilos está cotada a R\$ 17,50 na Bahia e a R\$ 20,00 em Minas Gerais. OS preços al-

cançados no mercado gaúcho estão reduzindo o interesse dos produtores pelos leilões de contratos de opção e de recompra, amplamente reivindicados pela cadeia produtiva até bem pouco tempo. Esse quadro culminou no adiamento de leilão da Conab para a troca de 11 mil toneladas de arroz em casca dos estoques do governo pelo produto beneficiado. A colheita, em todo o país, está encerrada, e a produção de arroz no país deve ficar em 10,2 milhões de toneladas. No Rio Grande do Sul, em função do atraso no plantio, a estimativa de perda é de aproximadamente 130 mil toneladas, pouco mais de 2% da produção inicialmente estimada.



A Granja

FEIJÃO

Mercado estável garante preços ao produtor

O feijão carioca extra está com cotação favorável, alcançando entre R\$ 61,00 e R\$ 65,00/saca no mercado atacadista de São Paulo. O carioca comercial oscilou entre R\$ 58,00 e R\$ 60,00. Enquanto isso, o feijão preto apresentou uma cotação um pouco inferior, sendo negociado entre R\$ 78,00 e R\$ 80,00, em função da queda na demanda. Em Goiás, o mercado se apresenta estável e favorável ao feijão preto. Na última semana, a demanda esteve presente de forma mais satisfatória ao feijão preto, o que garantiu uma boa movimentação. A produção nacional da segunda safra nacional, se atingir 1,1 milhão de toneladas, firmando-se 4% acima da obtida no ano passado, poderá criar expectativa no mercado. A tendência é de que os preços se mantenham remuneradores aos produtores no decorrer do ano.

No RS, foi concluída a colheita da safrinha. A produ-

tividade ficou nos 756 kg/ha, resultando em uma produção de 25.453 toneladas. A expectativa inicial para essa segunda safra era de um rendimento de 866 kg/ha, que não foi obtido principalmente pelo excessivo volume de chuvas ocorridas em abril, quando historicamente são colhidos 47% da área, no Estado, afetando dessa forma a performance da safra. Vale lembrar que em abril a média de chuvas no Estado superou em quase 80% a normal pluviométrica para aquele período. As regiões mais atingidas pelo distúrbio climático e, portanto, com maior reflexo na produtividade, foram Ijuí e Passo Fundo, onde a colheita foi encerrada com 537 e 604 kg/ha. Perdas em algumas áreas, no entanto, foram em parte compensadas por produtividades superiores às inicialmente esperadas, como são os casos das regiões de Santa Maria e Erechim.

PREÇO MÉDIO (À VISTA/60 QUILOS)

Carioca		Preto	
PR	47,00	PR	64,00
SP	50,00	RS	50,00
GO	55,00	GO	78,00
MG	55,00		

Leia na edição de agosto da revista



OS NOVOS CONCEITOS QUE COMANDAM O MERCADO DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS

■ A frota ideal para a sua fazenda

Gerdau completa 100 anos com crescimento no setor agropecuário

A Gerdau comemorou recentemente 100 anos de atividades no ramo siderúrgico. Ao longo dos últimos 30 anos, a empresa tornou-se a maior distribuidora de produtos siderúrgicos do Brasil, fornecendo aços longos e planos para sua rede de 64 filiais. Com um lucro líquido consolidado do Grupo Gerdau, no Brasil e no exterior, atingindo a marca de R\$ 91 milhões, nos três primeiros meses deste ano, a empresa apresenta um desempenho 7% superior ao último trimestre de 2000. Os produtos voltados para o setor agropecuário têm importante participação nesses números. Segundo o presidente do Conselho Diretor da Gerdau, Jorge Gerdau Johannpeter, o setor responde por até 10% do faturamento do grupo por ano. "Nossa clientela é muito vinculada ao setor, por isso o crescimento é considerado expressivo", explicou Johannpeter. De acordo com ele, a ampliação dos negócios está diretamente ligada à



Frederico e Jorge Gerdau Johannpeter, da esq. para a dir.

expansão da safra agrícola brasileira. "As previsões estão cada vez mais otimistas, a contar pela expectativa de uma safra brasileira recorde", afirmou.

O setor de agropecuária é atendido com uma diversificada linha de arames que vão desde os ovalados, farpados, galvanizados, para culturas aéreas e cercas elétricas, até cordoalhas para currais, pregos, grampos, distanciadores de cercas de mourões de aço. Segundo o vice-presidente do Grupo Gerdau

e diretor de relações com investidores, Frederico Gerdau Johannpeter, "a evolução positiva do nosso resultado é decorrente do aumento da demanda de aço no mercado nacional." O faturamento consolidado do maior produtor de aços longos da América Latina foi de R\$ 1,6 bilhão, mantendo-se nos mesmos níveis do último trimestre do ano passado. Já a produção de laminados evoluiu para 1,5 milhão de toneladas, volume 4% maior do que no último trimestre de 2000.

Paranaguá recebe prêmio internacional

O Porto de Paranaguá foi premiado pelo projeto Paranaguá Temática, que vai integrar todos os segmentos que atuam na exportação e na importação, dando mais agilidade e reduzindo custos das operações. "Com o reconhecimento internacional, nossos terminais marítimos passam a figurar entre os principais do mundo, ganhando em credibilidade e confiança", afirmou o superintendente do porto, Osiris Stenghel Guimarães. Guimarães acredita que, a partir da implantação do Programa de Qualidade, ainda neste ano, somado às parcerias com portos estrangeiros, os dois terminais paranaenses tendem a se firmar cada vez mais no cenário internacional.

Safra recorde

O Brasil deve colher neste ano uma safra recorde de 96,3 milhões de toneladas, 15,7% maior do que no ano passado, segundo o último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O maior acréscimo de produção ocorrerá no Sul, com 31%, seguido do Centro-Oeste, com 8,81%. Nessa região, o destaque ficará por conta do Mato Grosso do Sul, que deve ampliar a sua produção agrícola em 39,7%. Milho e algodão são os grandes responsáveis pelo aumento da safra, seguidos pelo trigo, que terá um incremento de 77,9% sobre 2000. No Rio Grande do Sul, a produção deverá alcançar 18,28 milhões de toneladas, 31% maior do que a obtida no ano passado, que foi de 13,93 milhões de toneladas. Com essa estimativa, o RS obterá uma produção recorde de grãos de lavouras de verão.

Grupo SLC centraliza seus negócios

A pós vender a totalidade das ações da indústria de máquinas agrícolas para a John Deere, desvinculando-se também da marca norte-americana, a SLC centraliza agora seus esforços e investimentos no agribusiness. Com um faturamento de R\$ 240 milhões esperados para este ano, a holding se fortalece principalmente na SLC Agrícola, maior plantador de grãos do país, e na SLC Alimentos, terceiro maior fornecedor de arroz do Brasil. A SLC Agrícola colheu, até o final de maio, cerca de 260

mil toneladas, entre soja, milho, algodão em caroço, feijão e café irrigados. As fazendas localizadas no Mato Grosso, no Mato Grosso do Sul, em Goiás e no Maranhão cultivaram 70 mil hectares. A SLC Alimentos, criada há um ano, deverá faturar aproximadamente 50% do montante total do grupo. A empresa adquiriu recentemente as marcas de arroz Namorado, Americano e Bonzão, da Cooperativa Agroindustrial



Alegrete. Essas marcas situam-se na terceira posição de consumo em São Paulo e Minas Gerais, Estados que detêm 40% do consumo de arroz no Brasil. Em maio, a empresa adquiriu também a marca Butuí, da Cooperativa Imembuy, de São Borja/RS. Com isso, a SLC Alimentos passou a ocupar a terceira posição entre os maiores fornecedores de arroz do Brasil, com a distribuição de 450 mil fardos por mês.

Perdomo assume vice-presidência da DuPont Agrícola

O executivo José Perdomo (na foto) é o novo vice-presidente da DuPont Brasil Produtos Agrícolas. Aos 44 anos e com 21 de companhia, Perdomo veio da Argentina, onde até bem pouco tempo comandou os negócios da DuPont Agarcross. Antes, também passou por unidades da DuPont, nos Estados Unidos, no México e em outros países da América do Sul. Logo ao assumir, o novo vice-presidente liderou um processo de reestruturação da DuPont Agrícola. A partir de agora, duas novas estruturas de negócios passam a orientar a atuação da companhia no país, nas divisões Specialties Venture e Row Crops Venture. “De agora em diante, iremos concentrar nossos investimentos em pesquisas, marketing e vendas, em segmentos nos quais possamos criar valor, buscar soluções inovadoras e atender com excelência às exigências de clientes e acionistas”, ressaltou Perdomo. A reestruturação, segundo ele, visa a obter novos índices de competitividade e ao aumento do volume de nossos negócios no Brasil.



Divulgação

BMRS incentiva comercialização entre os produtores

Num prazo máximo de um ano, cerca de 10% da produção gaúcha de grãos passará a ser comercializada pela Bolsa de Mercadorias do Rio Grande do Sul (BMRS). A expectativa é do novo presidente da entidade, Ronaldo Carvalho (na foto). De acordo com ele, para que essa meta seja cumprida, será realizado um trabalho de aproximação dos produtores rurais e da BMRS, com o apoio de entidades ligadas ao setor, como

Farsul, Federasul, Fetag e Fe-coagro. “A absoluta maioria dos produtores não tem a cultura da negociação em bolsa, o que fragiliza o seu poder de barganha na comercialização da safra e os deixa na dependência de um número restrito de compradores.” Esse processo de aproximação, segundo ele, será realizado principalmente por meio de palestras no interior do Estado. “A bolsa oferece absoluta transparência às duas pontas do

processo: o vendedor e o comprador”, garante. Outra novidade destacada por Carvalho são os leilões virtuais. “Os negócios são fechados via Internet, o que dá mais tranquilidade e garantia ao produtor”, conclui.



Divulgação Ana Esteves

Valtra aprimora seus produtos

A Valtra do Brasil S/A, de Mogi das Cruzes/SP, está aprimorando sua linha de produtos. A empresa introduziu em linha uma modificação na vazão máxima de todos os tratores standard da Linha Pesada, acompanhada de um novo e eficaz acessório denominado Válvula de Fluxo Constante, com controle de vazão. A modificação consiste basicamente na introdução de três itens novos: união das bombas hidráulicas, válvula da direção hidráulica (orbitrol) com load sensing (sensor de carga) e válvula de propriedade. Com as mudanças, a vazão do sistema hidráulico da Linha Pesada standard de tratores Valtra passou de 51,8 litros/minuto para 84,0 litros/minuto, com pressão de 180 bar. O objetivo dessas modificações é permitir que os tratores Valtra possam operar com os mais modernos implementos existentes no mercado.

Anote aí

O 5º Encontro Regional de Plantio Direto no Cerrado será realizado de 9 a 13 de julho, em Dourados/MS. O evento vai oferecer discussões técnicas, como palestras e debates, e práticas, como cursos, estandes, vitrine de tecnologias, áreas experimentais, dinâmica de máquinas e equipamentos. O Sindicato Rural de Dourados reservou cinco hectares para ensaios dentro da proposta de vitrine tecnológica. Paralelo ao encontro, será realizado também o 1º Seminário de PD nos Trópicos Sul-Americanos. Informações (67) 924-2456.

De 9 a 13 de julho, acontece, em Ribeirão Preto/SP, o 6º Congresso Internacional de Viveiristas de Citros. Entre os temas a serem abordados, estão a situação mundial de produção de mudas de citros, a produção de mudas cítricas no Brasil e os programas mundiais de certificação e tratamento de sementes. Mais informações pelo e-mail eecb@coopercitrus.com.br.

O IIº Encontro Nacional de Ranicultura vai reunir em São Paulo os maiores especialistas brasileiros que atuam nesse segmento. O encontro ocorre de 16 a 19 de julho, em Bragança Paulista. Informações pelos telefones (11) 4034-2000 ou (11) 5087-1720.

A Universidade Federal de Viçosa/MG e a Cooperativa de Pequenos Agropecuaristas de Campinas do Sul/RS promovem, de 26 a 29 de julho, o 3º Seminário Brasileiro sobre Homeopatia na Agropecuária Orgânica. No encontro, será discutido o impacto da homeopatia na produção orgânica, abordando aspectos como a saúde dos agricultores, a independência tecnológica do Brasil e a proteção do meio ambiente. Informações pelo fone (54) 366-1516.

Cebola mais precoce e produtiva

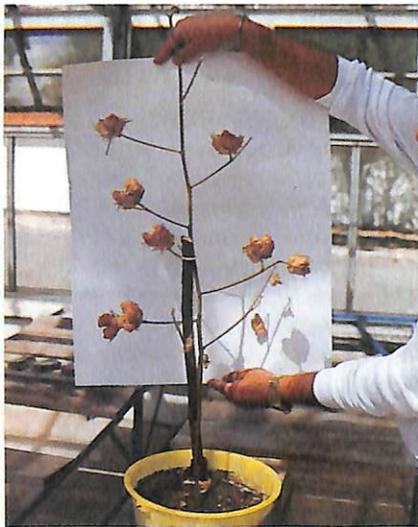
Uniforme, bem produtiva, precoce e tolerante às principais doenças foliares. Essas são algumas características da Cadillac, a nova variedade de cebola de dias curtos, desenvolvida pela Asgrow. O produto surgiu como uma alternativa para melhorar a lucratividade dos produtores das regiões de Monte Claro e São José do Rio Pardo, em São Paulo. De acordo com o pesquisador Marcos David Ferreira, que acompanhou os testes de campo do produto, ela já foi testada nessas regiões e demonstrou boa adaptação. “Com ciclo entre 100 e 110 dias, a híbrida Cadillac tem se desenvolvido com menor risco de doenças, o que diminui consideravelmente o custo de produção e eleva o rendimento dos produtores”, explica. A cebola foi lançada há cerca de três anos, em caráter experimental, com pequenas quantidades de sementes disponibilizadas aos produtores, que hoje podem encontrá-las nas principais revendas dos municípios paulistas.



Divulgação

MA apresenta o algodão colorido

A primeira cultivar brasileira de algodão com fibras geneticamente coloridas foi apresentada pelo Ministério da Agricultura e do Abastecimento, como parte das comemorações do 28º aniversário da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Trata-se da BR 200 Marrom, obtida por meio de melhoramento genético tradicional. Segundo o presidente da empresa, Alberto Portugal, esse tipo de algodão dará novo impulso ao cultivo do produto no Nordeste. A nova cultivar tem ciclo produtivo de três anos e, por ter sido seleciona-



Divulgação

da a partir de algodoeiros arbóreos nativos do clima semi-árido, possui alto nível de resistência à seca. Apresenta produtividade 64% superior às cultivares de algodão mocó, e seu rendimento, em lavouras comerciais, pode chegar a 1.700 kg/ha. Outra vantagem em relação às fibras coloridas de outros países, por ter fios com boa resistência, é a possibilidade de ser fiada em equipamentos modernos com até 110 mil rotações por minuto.

UPF lança cultivar de aveia

Para comemorar os 40 anos da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo (UPF) foi lançado recentemente um novo cultivar de aveia. Trata-se da UPF-20 Teixeira, uma aveia branca com elevado potencial de rendimento de grãos e resistência às principais moléstias da cultura. “O grande diferencial do produto é a tolerância ao alumínio”, destacou o coordenador do programa de Pesquisa em Aveia, professor Elmar

Luiz Floss. De acordo com ele, até agora foi produzida uma pequena quantidade de sementes. “Até o final do ano 2002, vamos aumentar essa quantidade e iniciar as vendas”, revela. Floss conta que a aveia foi batizada de Teixeira em homenagem ao cantor tradicionalista gaúcho Vítor Mateus Teixeira. “O Teixeira sempre homenageou o município de Passo Fundo nas suas canções, por isso decidimos colocar o nome do cantor nesse novo produto”, completa.

Laboratório da Embrapa recebe selo de qualidade

O Laboratório de Solos, Plantas e Corretivos (LASPC) da Embrapa Agropecuária Oeste foi classificado em 2000 como o terceiro de melhor qualidade no Brasil pelo Programa Interlaboratorial de Análises de Solos (Profert-MG), da Universidade de Viçosa. Segundo o responsável pelo LASPC, William Marra Silva, é importante que os laboratórios tenham o seu desempenho avaliado anualmente. “Ter o selo de qualidade o diferencia dos demais, e os resultados auferidos por ele têm maior credibilidade no mercado”, afirma. A seleção dos laboratórios é feita após a realização de análises de amostras de solos, que para obter o selo necessitam ter no mínimo 75% de acerto. A Embrapa Agropecuária obteve 92%. De acordo com William, o excelente resultado da avaliação se deve à equipe treinada do laboratório e ao sistema automatizado.

Estresses em Soja

Já está à disposição no mercado o livro *Estresses em Soja*, lançado recentemente pela Embrapa Trigo. A publicação fornece subsídios para auxiliar na identificação dos principais agentes que causam estresses às plantas de soja em diferentes estágios de desenvolvimento. “Cada estresse sofrido pela planta deixa marcas que irão se refletir no rendimento físico e na qualidade do produto. Em certos casos, pode até mesmo ocorrer perda total; em outros, a doença pode ter efeito trivial sobre o volume e a qualidade do produto final”, revela o pesquisador e editor do livro Emídio Rizzo Bonato. Ele destaca ainda que o somatório dos pequenos efeitos de cada um, no entanto, pode representar forte depressão sobre o nível de produtividade da lavoura. Em 254 páginas, são abordados cerca de 100 agentes que causam problemas à soja.

Divulgação



NOVIDADES NO MERCADO

■ O trator multiuso da New Holland



Divulgação

A New Holland lançou o trator polivalente Exitus. O modelo, apresentado na Agrishow 2001, foi especialmente desenvolvido para pequenos e médios produ-

tores. A tecnologia New Holland oferece versatilidade e simplicidade operacional. Suas principais características são a tomada de força mecânica, com duas opções: 540 rpm e sincronizada com a roda. Já a transmissão *synchro command* 12X4 permite uma combinação perfeita entre velocidade, torque e potência em qualquer atividade agrícola. Para aumentar o rendimento no campo, o modelo oferece o exclusivo sistema *lift-o-matic* para o controle de implementos. **New Holland Latino Americana Ltda., Av. JK de Oliveira, 11825, Cidade Industrial, Curitiba/PR, CEP 81450-903, fone (41) 341-7111, home page www.newholland.com.br.**

■ Nova versão de carreta metálica

Alta durabilidade e resistência, facilidade de manobra, descargas rápidas, tampas móveis, facilitando a descarga, e removíveis, para o uso da prancha, que pode ser utilizada para transporte de madeiras, tubos para irrigação, etc. Essas são algumas das vantagens oferecidas pela Carreta Agrícola Metálica Basculante Hidráulica na Versão Multi-Usos 9000, lançada pela Fido. Outra característica favorável é que o modelo básico pode ser utilizado para transportes gerais dentro de



Divulgação

uma propriedade rural ou até para serviços urbanos. **Fido – Implementos Agrícolas David de Oliveira Ltda., Av. Gov. Dr. Adhemar Pereira de Barros, 630, CEP 15400-000, fone/fax (17) 281-6510, Olímpia/SP, home page www.fido.com.br.**

■ Traçado de pequeno porte



Divulgação

O trator 4230.4, de 27 cv de potência, da Agrale S. A., vem atender ao segmento de tratores de pequeno porte. A linha completa inclui modelos de 14,7 até 135 cv de potência. O menor traçado nacional é o modelo 4230.4, que possui

motor a diesel Agrale M 790 refrigerado a ar, direção hidrostática e melhor escalonamento de marchas que garante maior rendimento operacional. Com ótima relação peso/potência e excelente desempenho, o modelo é indicado às mais variadas condições de trabalho agrícola e se destaca por ter durabilidade, versatilidade e economia. **Agrale S/A, Fábrica 1, BR 116, km 145, 15104, Bairro São Ciro, CEP 95059-520, Caxias do Sul/RS, fone (54) 229-1133.**



Divulgação

■ Plataforma recolhadora de feijão

Os produtores de feijão têm mais um novo equipamento a sua disposição. A Double Master Plus, da Miac, Colombo, recolhe, trilha e armazena o produto. O mecanismo recolhedor tem uma plataforma recolhadora, mecanismo elevador e roda guia. Enquanto o de trilha engloba o cilindro trilhador e côncavo, a operação de trilha é feita pelo sistema Fabi Fluxo Axial de Baixo Impacto, exclusivo da Miac. Já o mecanismo de limpeza, transporte, classificação, armazenagem e descarga é formado por uma caixa vibratória, duto de sucção, elevador de grãos, depósitos de vagens verdes e caçamba graneleira. **Indústrias Reunidas Colombo Ltda., Rua Prudente de Moraes, 273, Caixa Postal 10, CEP 15830-000, Pindorama/SP, fone (17) 572-1011, e-mail colombo@zup.com.br**

■ Distribuição uniforme

Está no mercado o distribuidor Lancer 1200 Master. Lançado na Agrishow 2001, o maquinário chega com o nome de quem fabrica distribuidores há mais de duas décadas, no Brasil. Entre as suas vantagens, destaca-se a distribuição uniforme com larguras reguláveis de 12, 18, 24 e 36 m, através da substituição de palhetas com sistema de troca rápida. O equipamento é oferecido com acionamento hidráulico ou mecânico, com depósito metálico, com pintura em poliéster a pó ou em aço inoxidável. **Implementos Agrícolas Jan S/A, Av. Dr. Waldomiro Graeff, 557, CEP 99470-000, Não-Me-Toque/RS, fone (54) 332-1744, e-mail decom.jan@annex.com.br**

Divulgação



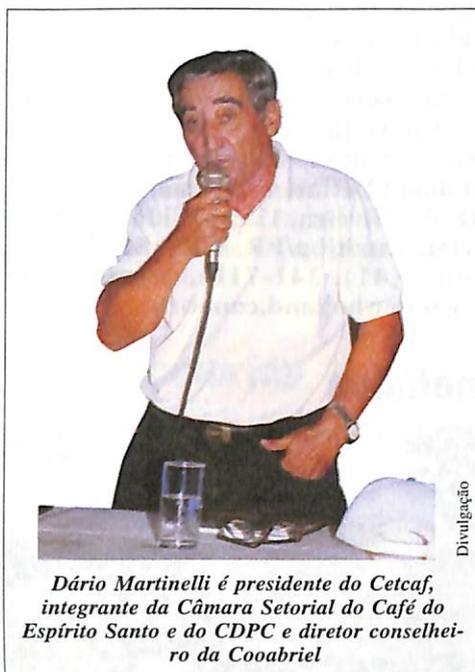
Cetcaf e o desenvolvimento da cafeicultura capixaba

O isolamento dos grupos do agronegócio café capixaba, observado, principalmente no início da década de 90, chamou a atenção das lideranças do café do Espírito Santo, que, em reunião para análise dos maiores segmentos de ramos da economia do Estado, buscaram criar algo que servisse de alavancagem para essa área.

Então, para o café, foi criado o Centro de Desenvolvimento Tecnológico do Café (Cetcaf), uma entidade não-governamental, sem fins lucrativos, que passou a ser desde sua fundação, em 1995, um importante elo de ligação dos diversos setores da cafeicultura capixaba, congregando esforços, iniciativas e atividades. O centro tem proporcionado uma nova dinâmica de solidariedade interinstitucional. Com efetivos resultados práticos para todos, aplicando os seus objetivos de promover o desenvolvimento tecnológico da cafeicultura do Estado do Espírito Santo, visa à melhoria de qualidade e de produtividade do café. Busca, também, melhor remuneração para a atividade, bem como a melhoria das condições sociais das pessoas envolvidas no sistema.

Na relação das ações encetadas até o presente momento, observa-se a prioridade dada ao setor produtivo, por razão desse ser mais disperso e mais carente de informações no agronegócio café. E, nesse aspecto, sua atuação foi estabelecida em conjunto com o Incaper – na pesquisa e na extensão e com uma de suas associadas, a Cooperativa Agrária dos Cafeicultores de São Gabriel Ltda. (Cooabriel). Somente a cooperativa tem a maior agregação de produtores de café, sendo perto de 98% de sua atividade destinada à variedade conilon. Em 30 anos, o Estado do Espírito Santo adotou-a como bandeira de trabalho, dando-lhe a posição de maior produtor nacional de café conilon.

Com a firme relação com a área produtiva, entendemos agora que o Cetcaf deverá estabelecer e aprofundar um intercâmbio, ainda maior, com todos os setores do agronegócio, inserindo-se, inclusive, no enorme espaço mercadológico,



Dário Martinelli é presidente do Cetcaf, integrante da Câmara Setorial do Café do Espírito Santo e do CDPC e diretor conselheiro da Cooabriel

que vem sendo desenvolvido, no sentido de ampliar o mercado de café em nível interno e externo. Esse esforço é louvável, e o Cetcaf se dispõe a discutir formas de atuação no sentido de maximizar resultados.

O Cetcaf, na visão das próprias entidades, é um centro aglutinador de todas as atividades necessárias ao desenvolvimento da cafeicultura do Estado. Isso tanto da iniciativa privada quanto dos órgãos públicos, a exemplo da Secretaria de Estado da Agricultura, que disponibiliza um de seus melhores técnicos para os trabalhos do Cetcaf.

É missão fundamental a modernização tecnológica do complexo do café

Tem o apoio dos associados (exportadores, fornecedores de implementos e insumos, produtores de mudas e organizações de produtores) e a decisiva atuação do Centro de Comércio de Café de Vitória. Na performance dos seus dirigentes

– com história de vida na luta em favor da cafeicultura, sendo introdutores e motivadores dos plantios de lavouras e da expansão de conilon a partir da cidade de São Gabriel da Palha, no norte capixaba – é visível o sucesso do Cetcaf na alavancagem de ações desde sua criação.

Das ações desenvolvidas, poderemos enumerar algumas: realização de 164 encontros técnicos para difusão de tecnologias e informações mercadológicas, nos diversos municípios, atingindo cerca de 80 mil produtores; apoio a pesquisas agrônômicas; cursos técnicos para profissionais; viagens a outros Estados para troca de experiências e aprofundamento do intercâmbio tecnológico; realização do II, do III e do IV Simpósio Estadual do Café. Isso sem falar do lançamento do Selo de Qualificação do Café Conilon Capixaba; introdução de novas variedades de café arábica; realização do Diagnóstico da Realidade Cafeeira do Espírito Santo; participação e atuação na Câmara Setorial do Café; apoio na implantação de jardins clonais de café conilon, com envolvimento do Incaper, de prefeituras, associações e da Cooabriel.

Também atuamos na edição do Manual Técnico para a Cafeicultura do Estado do Espírito Santo; no treinamento técnico para profissionalização dos cafeicultores em vários municípios do Estado; na participação no I e no II Agricoffee em Venda Nova do Imigrante; no apoio e no lançamento do “Robustão Capixaba” e na distribuição de mudas para a implantação de jardins clonais; na participação no I e no II Brasil Café Conilon, realizado em São Gabriel da Palha; na participação e na atuação em encontros de cafeicultores em todo país e no exterior.

Por fim, é missão fundamental do Cetcaf a modernização tecnológica do complexo agroindustrial do café mediante ações que propiciem a melhoria da qualidade e a elevação dos níveis de competitividade do café capixaba tanto no mercado interno quanto no exterior. ■

Aprender com o passado. Planejar o futuro. Marca de quem é líder. Há 40 anos, a Massey Ferguson é líder absoluta em tratores no Brasil. E está preparada para manter esta liderança pelos próximos 40 anos. Isso porque nós temos muito orgulho de tudo que já fizemos, mas nunca descuidamos do que vem aí pela frente. Estamos sempre atentos ao futuro e queremos trilhar esse caminho ao lado do produtor rural brasileiro. Massey Ferguson. Liderança que já faz parte do campo.



Massey Ferguson é uma marca mundial da AGCO Corporation.



MF 5310.
O agricultor pediu, a Massey fez.

40 ANOS
BRASIL



MASSEY FERGUSON

Faz parte do campo.

**Você não precisa mais
ficar sentado num trator de
mil novecentos e antigamente.**

**Chegou o trator
multiuso da New Holland.**

Agora seu próximo trator de 80 cavalos não vai ser nem vermelho nem amarelo. Vai ser tudo azul New Holland. Chegou o New Holland Exitus, o trator perfeito para as multilarefas da sua fazenda. Mais produtivo, mais versátil e muito mais econômico. Vá ao seu concessionário New Holland e conheça o trator dos seus sonhos, com um preço bem pé no chão.

EXITUS

Porque você já evoluiu. Só faltava o trator.



NEW HOLLAND

www.newholland.com.br